UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

RAFAEL ANTÔNIO PEDREIRA GASPAR DE SOUZA

USOS E FUNÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS USUÁRIOS DA PRAÇA MATRIZ DE LAURO DE FREITAS – BAHIA

SALVADOR
2025

RAFAEL ANTÔNIO PEDREIRA GASPAR DE SOUZA

USOS E FUNÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS USUÁRIOS DA PRAÇA MATRIZ DE LAURO DE FREITAS – BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Maria Costa Barroso

SALVADOR
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

S729

Souza, Rafael Antônio Pedreira Gaspar de.
Usos e funções do espaço público contemporâneo [recurso eletrônico] percepção ambiental dos usuários da praça Matriz de Lauro de Freitas – Bahia / Rafael Antônio Pedreira Gaspar de Souza. – Salvador, 2025.
142 p. : il.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2025.
Orientadora: Profa. Dra. Aline Maria Costa Barroso

1. Planejamento urbano. 2. Espaços públicos. 3. Praças urbanas. I. Barroso, Aline Maria Costa. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 711.4(813.8)

Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira - CRB/5-1531

RAFAEL ANTÔNIO PEDREIRA GASPAR DE SOUZA

USOS E FUNÇÕES DO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS USUÁRIOS DA PRAÇA MATRIZ DE LAURO DE FREITAS – BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Salvador, 18 de agosto de 2025.

Banca Examinadora

Aline Maria Costa Barroso (orientadora)

Doutora em urbanística e ordenação do território pela Universidad Politécnica de Madrid

Nayara Cristina Rosa Amorim

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Patrícia Chame Dias

Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia
Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Por espaços mais públicos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos Mestres Ascensionados por guiarem meus passos e me ajudarem a seguir meu propósito Maior.

A minha amada mãe, Laurita Almeida Pedreira, por sempre acreditar em mim e me oferecer motivos para ser cada dia melhor. Seu amor e incentivo são minha base.

A meu irmão, Guilherme Pedreira Gaspar de Souza, pelas palavras de incentivo e admiração que me fortalecem, sendo um pilar essencial nesta jornada.

As minhas tias, tios e primos pelo carinho e apoio constante. Um agradecimento especial às Tias Luiza e Ceiça por viabilizarem o início da minha vida acadêmica em Salvador e por todo afeto de uma vida inteira.

A minha avó Margarida Almeida Pedreira (in memória) por sempre pedir a Deus que ilumine minha mente, e por sua presença amorosa que me inspira.

Aos meus amigos pessoais e aos colegas da SEDUR e da FAU-UFBA, pela convivência, apoio e trocas construtivas.

Aos meus irmãos do Grupo Guerreiros da Paz, à Casa de Meimei e à família Harashi Orion, pelo suporte espiritual e pela força inabalável que me transmitem.

À FAPESB pelo financiamento da pesquisa que integrou parte dos resultados dessa dissertação, tornando este trabalho possível.

À Patrícia Chame Dias, Nayara Amorim e à minha orientadora Aline Costa Barroso pelas valiosas contribuições em minha pesquisa e formação acadêmica, pela dedicação e paciência.

À Mayara Mychella Sena Araújo e José Carlos Huapaya Espinoza, pelas orientações iniciais. E a todos os professores da FAU-UFBA, por seus valiosos ensinamentos e contribuições que moldaram meu pensamento crítico.

A todos que por algum motivo me ajudaram no processo eterno de evolução, que esta gratidão seja um reconhecimento sincero.

Meu muito obrigado!

SOUZA, R.A.P.G. **Usos e funções do espaço público contemporâneo: percepção ambiental dos usuários da praça Matriz de Lauro de Freitas – Bahia** / Rafael Antônio Pedreira Gaspar de Souza. – Salvador, 2025. 142 p.: il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

A presente dissertação investigou a percepção ambiental dos usuários da Praça João Thiago dos Santos, ou Praça Matriz, em Lauro de Freitas, Bahia, buscando compreender seus usos e funções no contexto do espaço público contemporâneo. Para tanto, a pesquisa estabeleceu como objetivos específicos discutir as abordagens conceituais do espaço público e suas transformações, refletir sobre as dimensões socioespaciais da percepção ambiental em praças públicas no contexto brasileiro e analisar empiricamente os usos e as funções da Praça Matriz a partir da percepção ambiental dos seus usuários. A metodologia adotada foi qualitativa, com uma abordagem multimétodos ancorada nos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA), tendo a transversalidade dos estudos da Psicologia Ambiental e da Arquitetura e Urbanismo como plano de fundo. Entre os métodos utilizados, estão as observações de campo, mapeamento comportamental e entrevistas semiestruturadas com os usuários. Os resultados empíricos da Praça Matriz revelaram sua intrínseca multifuncionalidade, servindo como palco para eventos culturais, religiosos, sociais e de lazer. Foi observada a coexistência de permanência e fluxo, com a formação de "bolsões de uso", impulsionados por áreas sombreadas, equipamentos de lazer ativo (parquinho infantil) e serviços, evidenciando usos específicos em horários diversos e a capacidade de adaptação do espaço às demandas cotidianas. A percepção dos usuários sobre segurança, conforto e acessibilidade mostrou-se fundamental para a apropriação e o bem-estar no local, corroborando a importância da percepção ambiental como ferramenta de compreensão do uso e funções dos espaços públicos contemporâneos. Em suma, a Praça Matriz exemplifica um espaço público utilizado e adaptado às necessidades dos seus usuários a partir de apropriações cotidianas relacionadas às áreas de maior conforto e disponibilidade de lazer, oferecendo *insights* valiosos sobre a complexa interação entre a relação pessoa-ambiente, abrindo caminhos para futuras pesquisas, comparativas e segmentadas que aprofundem a compreensão deste espaço público.

Palavras-chaves: Espaço Público; Percepção Ambiental; Praça Matriz; EPA.

SOUZA, R.A.P.G. **Uses and functions of contemporary public space: environmental perception of users of the Matriz square of Lauro de Freitas – Bahia** / Rafael Antônio Pedreira Gaspar de Souza. – Salvador, 2025. 142 p.: ill. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) – Faculty of Architecture, Federal University of Bahia, Salvador, 2025.

ABSTRACT

This dissertation investigated the environmental perception of users of Praça João Thiago dos Santos, also known as Praça Matriz, in Lauro de Freitas, Bahia, seeking to understand its uses and functions within the context of contemporary public space. To achieve this, the research set specific objectives: to discuss conceptual approaches to public space and its transformations; to reflect on the socio-spatial dimensions of environmental perception in public squares within the Brazilian context; and to empirically analyze the uses and functions of Praça Matriz based on its users' environmental perception.

The adopted methodology was qualitative, employing a mixed-methods approach rooted in Person-Environment Studies (PES), with the interdisciplinarity of Environmental Psychology, Architecture, and Urbanism as its background. Methods included field observations, behavioral mapping, and semi-structured interviews with users.

The empirical results for Praça Matriz revealed its intrinsic multifunctionality, serving as a stage for cultural, religious, social, and leisure events. The coexistence of permanence and flow was observed, with the formation of "pockets of use" driven by shaded areas, active leisure equipment (children's playground), and services. This demonstrated specific uses at different times and the space's adaptability to daily demands. Users' perceptions of safety, comfort, and accessibility proved fundamental for appropriation and well-being in the location, corroborating the importance of environmental perception as a tool for understanding the use and functions of contemporary public spaces. In summary, Praça Matriz exemplifies a public space utilized and adapted to its users' needs through daily appropriations related to areas of greater comfort and leisure availability, offering valuable insights into the complex person-environment interaction and paving the way for future, comparative, and segmented research to deepen the understanding of this public space.

Keywords: Public Space; Environmental Perception; Praça Matriz; PES.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 A influência multilateral de diferentes subáreas e disciplinas no campo de estudos pessoa-ambiente 23

Figura 2 - Diagrama de Venn - relações entre os pilares da noção de espaço (ou esfera) público em Arendt (1958/2007) 35

Figura 3 – Largo Gaetana Agnesi 51

Figura 4 - Festival de Vídeo Mapping da Bahia, Praça Municipal de Salvador, agosto 2021 65

Figura 5 – Localização do município de Lauro de Freitas no mapa da Bahia 73

Figura 6 - Localização do município de Lauro de Freitas na Região Metropolitana de Salvador .. 74

Figura 7 – Macrozoneamento do plano-diretor de Lauro de Freitas 77

Figura 8 – Localização da Praça João Thiago dos Santos 78

Figura 9 - Festa de posse do primeiro prefeito de Lauro de Freitas na Praça da Igreja Matriz..... 79

Figura 10 – Praça da Igreja Matriz, sem data 80

Figura 11 – Rua Abelardo Andréa, anos 1960 81

Figura 12 – Igreja de Santo Amaro de Ipitanga, sem data 81

Figura 13 – Praça da Matriz no processo de urbanização, Igreja Matriz ao fundo 82

Figura 14 – Ilustrações sobre a lenda Mulher de Branco 83

Figura 15 – Antiga Praça da Matriz antes da última grande reforma década de 1980..... 84

Figura 16 - Primeira sede da prefeitura de Lauro de Freitas, sem data..... 85

Figura 17 - Praça Matriz entre as décadas de 1980-1990 86

Figura 18 - Centro Administrativo Municipal entre as décadas de 1980-1990 87

Figura 19 - Segunda sede da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas, ano 2000 88

Figura 20 – Serviços de alimentação ao redor, ao nível da rua, na cota superior 89

Figura 21 – Praça Matriz, foto do canteiro central que atualmente 90

Figura 22 - Vista de satélite da Praça Matriz, imagem 2D 92

Figura 23 - Perspectiva da delimitação espacial da praça e seus acessos 93

Figura 24 – Praça Martiniano Maia, contígua à Praça Matriz 94

Figura 25 - Festa de São João na Praça Matriz 97

Figura 26 - Ambulantes vendendo alimentação e *foodtruck* 106

Figura 27 – Área de *foodtruks* em funcionamento no período noturno na Praça Matriz..... 109

Figura 28 - Comércio de rua ativo na Praça Martiniano Maia no período diurno..... 110

Figura 29 - Síntese do mapa comportamental do fluxo de passagem na Praça Matriz.....112

Figura 30 - Síntese do mapa comportamental do fluxo de permanência na Praça Matriz 113

Figura 31 - Síntese do mapa comportamental dos pontos de permanência na Praça Matriz 114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de pessoas com as atividades de passagem ou permanência na praça e vias 104

Quadro 2 - Número de pessoas com as atividades de passagem ou permanência na praça e vias 118

Quadro 3 – Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram se sentirem seguros na praça. 121

Quadro 4 – Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram se sentirem inseguros na praça. 122

Quadro 5 - Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram ser indiferente com relação a sensação de segurança 125

Quadro 6 - Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram se sentir seguros na praça 128

Quadro 7 - Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram se sentir inseguros na praça..... 129

Quadro 8 - Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram ser indiferente com relação a sensação de segurança na praça 133

Quadro 9 - Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça e visitantes: seleção das dez respostas mais aderentes à análise da sensação de segurança 135

SUMÁRIO

1. Introdução 13

2. Metodologia Científica 18

2.1. Interdisciplinaridade e a Percepção Ambiental 25

3. Do declínio da esfera pública à praça multifuncional: releituras do espaço público contemporâneo 29

3.1 Espaço público nas cidades contemporâneas: a transformação da função política e o surgimento das múltiplas funções 30

3.2 A construção social do espaço público no Brasil: heranças e particularidades 42

4. A praça em transformação: uma trajetória de formas e funções no Brasil 45

4.1 Permanência e fluxo: a dinâmica funcional da praça contemporânea 56

5. Percepção Ambiental: ferramenta para compreensão do uso e funções das praças públicas 62

6. Usos e funções do espaço público na Praça Matriz de Lauro de Freitas . 67

6.1. Breve contextualização histórica sobre a expansão urbana do município de Lauro de Freitas 67

6.2. Breve contextualização histórica sobre a transformação espacial da Praça Matriz 74

6.3. Percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz 86

6.3.1. Percepção ambiental a partir dos levantamentos físicos 87

6.3.2. Mapeamento comportamental 95

6.3.3. Percepção ambiental a partir das entrevistas 110

7. Considerações Finais 135

Referências Bibliográficas 141

ANEXOS 148

1. Introdução

No campo da arquitetura e urbanismo, assim como nos demais campos das ciências sociais e políticas públicas, muito tem se discutido acerca do espaço público urbano em suas diversas perspectivas de análise. Em sua acepção mais ampla, o termo "espaço público" refere-se a uma gama diversificada de tipologias, não estando relacionado apenas a uma área ou propriedade de domínio público, podendo ser de domínio privado, porém, de acesso público à população, irrestrito ou controlado, independentemente de sua natureza física ou da presença de edificações.

Para Souza (2018), a partir da década de 1990, o interesse pelo tema se intensificou mais claramente entre os intelectuais e pesquisadores, demonstrado pelo aumento exponencial no número de pesquisas que têm o espaço público como tema central. Muitas são as perspectivas abordadas pelos diversos autores ao tratar sobre o tema, desde questões relacionadas à forma ou desenho urbano, acerca das transformações físicas destes espaços, através de processos de requalificação – mais claramente abordada entre os arquitetos e urbanistas – até as abordagens que apontam para as dimensões mais filosóficas-políticas, como a perspectiva trazidas por Hannah Arendt (1958), Jurgen Heberas (1962) e Richard Sernet (1974), que indicam a relação simbiótica entre a constituição de uma esfera pública na sociedade e o espaço público.

O foco desta dissertação estará nos espaços públicos livres de edificações, especificamente a tipologia da praça pública, subcategoria específica dentro do conceito geral de espaço público, que se refere a áreas abertas e desimpedidas de construções permanentes. A ausência de edificações é a característica definidora, conferindo a estes espaços qualidades particulares em termos de uso, percepção e potencialidades, podendo apresentar a capacidade de promover a qualidade de vida urbana e o bem-estar social, econômico e ambiental, no entanto, vai depender de uma série de fatores materiais e imateriais para o alcance desta promoção.

Conforme Jim; Chen, (2010); Lo; Jim (2010 apud Oliveira et al., 2025), estudos realizados na África e China mostram que diferentes perfis sociais populacionais percebem e utilizam os espaços públicos urbanos de maneiras divergentes, apontando a importância da percepção humana para o sucesso ou fracasso destes espaços com relação à promoção da qualidade de vida urbana e o bem-estar social.

Ao longo da história, os espaços públicos têm sido fundamentais para a vida social e cultural das cidades, e, destinados à convivência e à interação entre as pessoas, possuem um papel crucial na construção e manutenção da vitalidade urbana. Na contemporaneidade, as transformações sociais têm exigido uma reavaliação do papel dos espaços públicos, que devem ser projetados de forma a atender às necessidades e aspirações da população.

Entre as tipologias dos espaços públicos, destacam-se locais como parques, praças e quintais (Sushinsky et al., 2013 apud Oliveira et al., 2025), que tornam-se relevantes diante da redução constante dos mesmos no processo de urbanização das cidades, por proporcionarem interações entre a população humana e os ambientes urbanos construídos.

As praças – objeto de interesse deste trabalho –, em particular, são espaços de grande valor simbólico e social, onde ocorrem diversos tipos de atividades, desde encontros informais até manifestações políticas e culturais.

A praça pública está entre as tipologias de espaço público mais referenciado pelo senso comum e representa um espaço dinâmico e versátil, capaz de se adaptar às mudanças urbanas e de ser apropriada de diversas maneiras. Nas palavras de Caldeira (2007), a praça representa uma espécie de “espaço camaleônico” (Caldeira, 2007, p. 14). E, ao longo da história, esta assumiu formas e funções variadas, mas sempre preservou sua característica fundamental como espaço de encontro e interação social.

> A praça, como dito anteriormente, é o espaço coletivo, pois permite encontros entre os indivíduos e possibilita a vida social, não deixando de ser um espaço político, na qual os cidadãos se manifestam e dialogam. Sobarzo (2006, p. 94), entende que os espaços públicos como as praças, são marcados pela característica de “possibilitador de encontros impessoais e anônimos e de co-presença dos diferentes grupos sociais” que favorecem com que as pessoas compartilhem o mesmo território, sem, contudo, terem necessidade de se conhecer profundamente (Sobarzo, 2006, p. 94).

No Brasil, as praças são espaços públicos essenciais na maioria dos municípios, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida ambiental e social (Barros e Virgilio, 2003; Benchimol, et al., 2017). E, em grandes centros urbanos, se destacam como importantes nichos de conservação (De Angelis et al., 2004; Dorigo; Lamano-Ferreira, 2016), podendo impactar positivamente os Índices de Áreas Verdes (IAV) e mitigar os impactos da expansão urbana desordenada.

A maioria das definições descreve praças como espaços públicos abertos, com vegetação e voltados para o lazer e a interação social (Barros e Virgilio, 2003; Lobada e De Angelis, 2005; Harder et al., 2006; Souza et al., 2011; Dorigo; Lamano-Ferreira, 2016). Contudo, não há um conceito unificado que abranja todas as variações de praças, visto que algumas áreas são designadas como tal, mesmo sem possuir vegetação ou espaços abertos voltados para o lazer e a interação social.

Autores como Costa e Colesanti (2011) e Tuan (2012) apontam que a compreensão da percepção ambiental é fundamental para os estudos sobre as áreas verdes, abarcando também os espaços compreendidos como praças públicas.

Esta pesquisa surge do interesse do autor em compreender o uso e as funções das praças públicas contemporâneas a partir da percepção ambiental dos usuários e frequentadores, tendo como estudo de caso a Praça João Thiago dos Santos, conhecida como Praça Matriz de Lauro de Freitas.

Muitos estudos e pesquisas que tratam sobre o tema central do espaço público apresentam um contorno relativamente pessimista acerca do presente e futuro destes espaços nas diversas cidades do mundo, tendo a leitura da imagem das praças públicas ancorada pela tese do *fim dos espaços públicos*, defendida por muitos autores como Davis (1990;1993); Sorkin (1992); Zukin (1995); Light e Smith (1998); Caldeira (2000); Michell (2003); John (2004); Lowe Smith (2006); Serpa (2007); Staeheli e Michell (2008), e Zukin (2010).

Esta abordagem da temática, que indica um caminho de “decadência”, “regressão” e “crise” dos/nos espaços públicos, com relevância nas praças públicas, além de apontar um caminho sem muitas alternativas de superação, parece focar apenas no encolhimento da função política desses espaços, pela transformação da sua esfera pública em uma esfera social. Ao focar nesta dimensão, muitos autores negligenciam as possibilidades trazidas pela

transformação desta esfera, como o surgimento de novas funções socioculturais ou a multifuncionalidade dos espaços públicos. Souza (2018) sugere a substituição da expressão "*fim dos espaços públicos*" (com sentido de finitude) para a expressão "fins" com o sentido de finalidades.

Neste trabalho, vamos refletir sobre as multiplicidades trazidas por estas novas finalidades dos espaços públicos nas cidades contemporâneas, especialmente com relação às praças públicas e às dimensões quanto às mudanças significativas em suas funções e os usos, a partir da colaboração multidisciplinar existente entre a área da Psicologia Ambiental e os estudos urbanos.

Além disso, tem como objetivo geral a análise da percepção ambiental dos usuários da Praça João Thiago dos Santos (Praça Matriz), localizada no centro de Lauro de Freitas, com relação aos usos e funções deste espaço. Para tanto, a pesquisa se desdobra em três objetivos específicos, quais sejam: i) discutir as diversas abordagens conceituais sobre o uso e as funções do espaço público, com foco nas praças públicas e suas transformações ao longo do tempo; ii) refletir sobre as dimensões socioespaciais envolvidas nas análises de percepção ambiental em praças públicas, considerando seus usos e funções, e iii) analisar os usos e as funções da Praça da Matriz em Lauro de Freitas, a partir de um estudo teórico-prático da percepção ambiental dos seus usuários.

Os dados desta pesquisa foram coletados em campo por uma equipe de pesquisadores da qual o autor desta dissertação fez parte. Esta coleta, que incluiu entrevistas e observações, foi viabilizada por um projeto de pesquisa e extensão da orientadora do autor, selecionado em edital público de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

A dissertação apresenta uma discussão teórica acerca das abordagens diversas sobre o conceito de espaço público, desde suas dimensões políticas até a sua consolidação enquanto espaço de articulação urbana, com discussões focadas na contemporaneidade sobre seus usos e funções, e se concentra na relação entre pessoas-ambiente no contexto urbano, materializada mediante a percepção do uso e as funções das praças públicas.

Para alcançar tal propósito, o trabalho foi organizado em sete capítulos que conduzem o leitor da teoria à prática, sendo estruturados da seguinte forma:

após a introdução, o Capítulo 2 detalha as abordagens metodológicas que nortearam a pesquisa, com destaque para a análise de percepção ambiental. Os Capítulos 3 e 4 constroem a fundamentação teórica da pesquisa, abordando (Capítulo 3) a transformação do espaço público na contemporaneidade, desde o declínio de sua esfera política até o surgimento de múltiplas funções, com um olhar específico para as particularidades do contexto brasileiro. O quarto capítulo afunila o debate para a trajetória histórica e funcional da praça no Brasil, introduzindo os conceitos de permanência e fluxo.

O Capítulo 5 atua como uma ponte, justificando a percepção ambiental como ferramenta central para a compreensão do uso e das funções das praças. O Capítulo 6, cerne empírico deste trabalho, aplica todo o arcabouço teórico-metodológico ao estudo de caso da Praça Matriz de Lauro de Freitas, analisando sua contextualização histórica e os resultados da percepção ambiental, obtidos por meio de levantamentos físicos, mapeamento comportamental e entrevistas. Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados e as reflexões desenvolvidas ao longo do texto.

2. Metodologia Científica

Compreender a influência que um determinado espaço público exerce sobre os seus frequentadores, usuários ou até mesmo os moradores do seu entorno não é uma tarefa fácil, tendo em vista que estes espaços são carregados de especificidades e sentidos diversos, a depender do seu contexto socioespacial ou das relações que ali ocorrem. Nesse sentido, o estudo da percepção ambiental para estes espaços apresenta diversas contribuições no processo de compreensão da relação pessoa-ambiente, a partir de uma abordagem analítica multimétodos e interdisciplinar.

No caso específico desta dissertação, o fenômeno sobre o qual queremos compreender está relacionado, em primeira instância, ao campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, que “tem como objetivo compreender as necessidades dos indivíduos, grupos sociais e da comunidade em geral, a fim de conseguir traduzir, por meio de espaços, tais necessidades” (Souza e Leite, 2021, p. 1681). No entanto, para cumprir com seu objetivo, o pesquisador do campo da arquitetura necessita de ferramentas de outros campos disciplinares, como a Psicologia Ambiental, que fornecerá condições de “entender como as particularidades do ambiente interatuam com os aspectos psicológicos dos sujeitos e que tipo de resposta essa forma interativa traz na cognição e comportamento humanos” (Souza e Leite, 2021, p. 1681).

Retomando o objetivo desta dissertação, o fenômeno socioespacial investigado inter-relaciona dois conceitos complexos, quais sejam "percepção ambiental" e "usos e funções de praças públicas", que compartilham a premissa fundamental da relação entre as pessoas e o ambiente.

Günther, Elali e Pinheiro (2004) defendem que a abordagem multimétodos é ideal para casos em que conceitos relacionais possuem múltiplas interfaces com áreas afins, como a arquitetura e a psicologia ambiental, e salientam que questões complexas, como a relação pessoa-ambiente, têm dificultado a identificação de um campo de estudo que acomode as diferenças metodológicas que elas apresentam, sendo a expressão "estudos pessoa-ambiente” (EPA) a mais provável para designá-lo.

O campo de estudo sobre a relação pessoa-ambiente tem sofrido influência de diversas áreas do conhecimento, como Psicologia Ambiental, Geografia

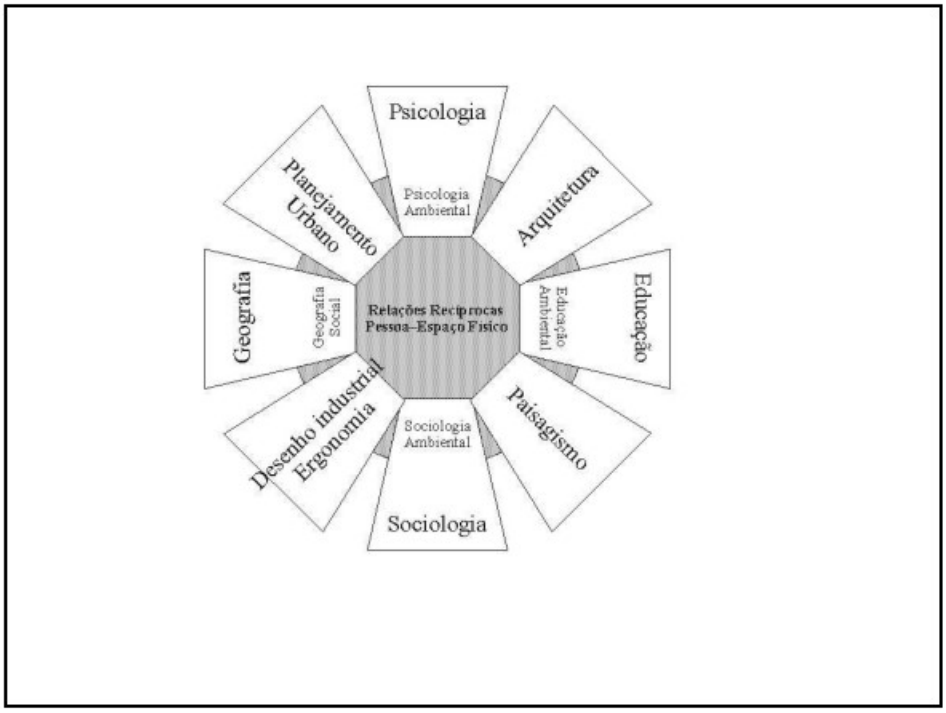
Humanista, Ecologia e Biologia, bem como da Arquitetura e Urbanismo e do próprio Planejamento Urbano (Figura 1).

Ao discutir a pertinência do termo EPA, Günther (2003) defende que:

> a conveniência do termo EPA como representativo da diversidade de abordagens, temas, métodos oriundos de diferentes áreas de conhecimento que estudam a interação entre comportamentos, estados subjetivos e aspectos do ambiente físico (2003, p. 276).

Embora a expressão "estudos pessoa-ambiente" (EPA) possa sugerir um campo único de objeto de estudo e, nesse sentido, argumentar a favor de uma concepção mais unificada da área (Günther, Elali e Pinheiro, 2004, p.2), conforme ilustrado na Figura 1, isso não implica que deva favorecer um único método ou teoria. Pelo contrário, deve, preferencialmente, promover uma aproximação multilateral entre o tema comum (relação pessoa-ambiente) e as especificidades da área de estudo, como a percepção ambiental, os usos e as funções dos espaços públicos, como as praças públicas.

Figura 1: A influência multilateral de diferentes subáreas e disciplinas no campo de estudos pessoa-ambiente



Fonte: Günther (2003, p. 276).

Esta dissertação investiga a percepção ambiental dos usuários da Praça João Thiago dos Santos por meio de uma abordagem que integra três frentes, a saber: a análise da formação sócio-histórica e urbana do local; o mapeamento

comportamental, e a realização de entrevistas semiestruturadas, visando compreender os usos e funções do espaço.

Os resultados de campo foram obtidos pela aplicação de uma metodologia multidisciplinar, que integrou conhecimentos da Psicologia Ambiental e da Arquitetura e Urbanismo. O foco central desta abordagem foi o estudo da percepção ambiental dos usuários e frequentadores da praça, analisada por meio da observação do uso e da identificação das funções do espaço público em questão.

Para a Psicologia Ambiental, de acordo com o defendido pelos estudos pessoa-ambiente, “é possível entender que o ambiente pode ser alterado por determinadas ações humanas, assim como determinadas eventualidades ambientais podem também alterar a conduta humana” (Souza e Leite, 2021, p. 1680).

Esta compreensão da inter-relação pessoa-ambiente encontra eco na literatura sobre os usos e funções das praças públicas, uma vez que as funções exercidas pelos/nos espaços públicos podem estar de acordo com suas potencialidades, assim como resultar de processos históricos daquele espaço ou de novas organizações da sua estrutura social. Isso significa que a forma e as características do espaço influenciam e, por vezes, determinam as atividades e comportamentos que ali ocorrem. A falta de segurança e a presença de infraestrutura inadequada ou, inversamente, a oferta de espaços de lazer e cultura moldam como as pessoas se apropriam e utilizam as praças.

Para obtenção dos resultados desta pesquisa, optamos pela revisão bibliográfica da literatura sobre esfera pública, praças públicas brasileiras e percepção ambiental (Arendt, 2007; Serpa, 2007; Bortolo, 2015; Robba e Macedo, 2010 e Lima, 2019); bem como sobre espaços públicos e percepção ambiental (Whyte, 1980; Ramos, 2007; Fernandes, 2011; Tramontino, 2011; Cerqueira, 2013; e Bortolo, 2015; Araujo, 2018; Loboda e De Angelis, 2005; Castello, 2015; Lynch, 1960; e Del Rio, 1990).

Finalizamos a etapa de revisão bibliográfica com o debate sobre os estudos de percepção ambiental dos usuários e frequentadores da praça, em função da observação do uso e da identificação das funções das praças públicas no contexto brasileiro.

Ao adentrar na pesquisa empírica, fizemos um apanhado geral sobre os aspectos sócio-históricos do município de Lauro de Freitas, em uma leitura diacrônica das práticas sociais que as constituíram. Para tanto, exploramos pesquisas acadêmicas, publicações de livros, pesquisas em jornais e blogs da cidade de Lauro de Freitas.

A etapa de pesquisa de campo estabelece a aproximação entre a temática e o empírico, ocorrendo a partir da aplicação dos multimétodos próprios dos EPA para a coleta de dados na Praça Matriz de Lauro de Freitas. Em seguida, os dados foram analisados com base no método da percepção ambiental.

Conforme Proshansky et al. (1970), os diversos métodos aplicáveis no campo da EPA são agrupados em duas categorias, quais sejam: (i) métodos centrados nas pessoas e (ii) métodos centrados no ambiente.

Quanto às categorias de divisão dos métodos abordada em Proshansky et al. (1970), Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 4) comentam que esta distinção remete à figura-fundo, ao esclarecimento do foco de um determinado estudo em termos do tipo de relação tratada. Para estes autores, três composições de foco e relação tratadas justificam a intenção das categorizações propostas por Proshansky et al. (1970), a saber: a) quais as características do ambiente em função das pessoas - centrado no ambiente, (b) quais os atributos das pessoas em função do ambiente - centrado nas pessoas, e (c) centra-se na transação entre pessoa e ambiente (2004, p. 4).

Além disso, os métodos para EPA centrados na pessoa incluem os principais caminhos herdados da psicologia social, como experimento, observação, entrevista, questionários e autorrelatos. Já os métodos para EPA centrados no ambiente têm relação direta com os trabalhos desenvolvidos pelo autor *in loco* na área de estudo, como *walk-around – the – blocke/ou walk-through* (tradução livre “caminhada pelo local”), vestígios de comportamento, mapeamento comportamental e mapeamento cognitivo (Günther, Elali e Pinheiro, 2004, p. 5).

Entre os principais métodos empregados nesta pesquisa, foram elegidas a observação direta e a aplicação de entrevistas semiestruturadas, tendo como foco a relação entre a pessoa e o ambiente.

Corroborando com Günther, Elali e Pinheiro (2004), quanto à abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente (EPA), quando os estudiosos

evidenciam a importância da definição de método para coleta de dados. Nesta pesquisa de Mestrado, lançaremos mão de uma metodologia mista para coletar e analisar dados. Nosso interesse principal são os métodos empregados em EPA centrados na transação entre a pessoa e o ambiente. Para tanto, faremos observações em campo e entrevistas para coletar dados e realizar uma avaliação qualitativa dos insumos. Além disso, utilizaremos o mapeamento comportamental como um método centrado no ambiente para complementar nossa análise.

- **Observação direta:** a observação em campo pode utilizar duas técnicas, quais sejam: os traços de comportamento e o mapeamento comportamental. O primeiro consiste na busca de evidências físicas do comportamento dos usuários, como desgaste de materiais, lixo, grafitagem, etc. (Elali, 1997, p. 356). Já o segundo se refere a observar o comportamento dos indivíduos no ambiente em função do tempo.

A técnica de observação em campo adotada no desenvolvimento desta dissertação foi o mapeamento comportamental, que, de acordo com Elali (1997), é uma técnica que:

> Relaciona diretamente ambiente e comportamento em função do tempo. Suas principais modalidades dizem respeito ao foco de atenção do observador, podendo definir-se como centradas – no-lugar ou centradas –na-pessoa. Sistematizando informações normalmente apreendidas de modo intuitivo, o mapeamento possibilita a utilização de dados concretos (e, portanto, menos contestáveis e mais condizentes com a realidade), embora implique a demanda de um tempo considerável, intenso treinamento da equipe, e um considerável trabalho na organização dos dados para análise, fatores que dificultam a sua realização. Sua principal vantagem diz respeito à própria linguagem dos mapas, facilmente descodificável por leigos e por profissionais ligados ao design, facilitando o intercâmbio de dados provenientes das ciências sociais e elementos eminentemente físicos da área, fundamental àqueles que buscam atuar diretamente na análise e reestruturação do espaço.

Foram realizadas observações em campo na Praça Matriz de Lauro de Freitas usando a técnica de mapeamento comportamental. Nosso objetivo foi identificar os diversos usuários da praça e entender seus padrões de comportamento ao longo do tempo. As observações resultaram em mapas cognitivos ou mentais (ver anexo), que são representações gráficas que

mostram a atividade dos usuários, indicada por "manchas de intensidade de permanência", e seus fluxos de deslocamento dentro do espaço observado.

- **Entrevista semiestruturada:** para Elali (1997), outra técnica de levantamento de dados que nos permite uma abordagem qualitativa ao avaliar os seus resultados, são as entrevistas. Conforme a autora:

> Quanto ao método de entrevistas verifica-se que, nas formas “livre” ou “semi-estruturada”, esta permite o surgimento de dados qualitativamente importantes, essenciais ao desenvolvimento de qualquer pesquisa. Por outro lado, as entrevistas “estruturadas” (nas quais as questões são fixas e direcionadas) possibilitam grande aprofundamento de informações específicas e considerável redução no tempo de realização, além de diminuir a dispersão das informações obtidas. A adequada dosagem entre estas formas de coleta (estruturando o processo sem, no entanto, evitar o surgimento de interferências espontâneas do entrevistado), além de ampliar o conteúdo da avaliação e aprimorar o processo, permite o afloramento de elementos antes não cogitados pelo pesquisador (Elali, 1997, p. 357-358).

Segundo Silke Kapp (2020), como, em muitas áreas do conhecimento, a adoção das entrevistas para coletas de dados tem sido frequente, não seria diferente nas pesquisas no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento (2020, p. 3). No entanto, o autor faz a observação de que ainda são raras as discussões sobre a pertinência, os objetivos e as formas de condução, avaliação e interpretação de entrevistas na área (2020, p.3), chamando a atenção para a necessidade de reflexões sobre as peculiaridades deste método, em se tratado de pesquisas socioespaciais, ou seja, aquelas que abordam sociedade, espaço e suas relações.

Silke Kapp (2020) aponta duas peculiaridades que tornam as entrevistas em pesquisas socioespaciais particularmente desafiadoras. A primeira é a complexidade dos temas relacionados ao espaço, que frequentemente exige o uso de jargões que não são familiares à maioria das pessoas. Isso pode dificultar a compreensão e a comunicação durante a entrevista. A segunda peculiaridade reside nas questões elaboradas para as entrevistas. Muitas vezes, as perguntas envolvem proposições que demandam que o entrevistado projete um futuro hipotético, que pode, inclusive, envolver mudanças significativas em sua situação pessoal e social (Silke Kapp, 2020, p. 4). Esta exigência de imaginar

cenários futuros e suas implicações pode ser um obstáculo para a obtenção de respostas concretas e detalhadas.

Ao elaborar perguntas para entrevistas, é crucial considerar as questões de pesquisa, que representam as lacunas teóricas que guiam o estudo, como apontado por Kapp (2020). Concordamos com o autor (2020) ao dizer que as entrevistas, por si só, não respondem às questões de pesquisa. Elas são, na verdade, ferramentas (ou técnicas) que contribuem para preencher parte das lacunas teóricas.

Logo, as entrevistas permitem que os participantes compartilhem experiências subjetivas e forneçam dados objetivos específicos sobre o ambiente, conforme destacado por Singer (2002, p. 52). No entanto, é improvável que as respostas dos entrevistados abordem diretamente o contexto macrossocial que influencia suas ações cotidianas.

Para esta pesquisa, as entrevistas de campo foram cuidadosamente elaboradas para serem semiestruturadas, nos permitindo evitar o uso de jargões técnicos e expressões específicas do planejamento urbano, garantindo que as perguntas fossem de fácil compreensão para pessoas com diferentes níveis de conhecimento. Priorizamos, com isso, perguntas que não exigiram que os entrevistados fizessem projeções futuras complexas, que pudessem ser respondidas sem muita elaboração. Em vez disso, deixamos que os cenários futuros fossem construídos organicamente nas próprias respostas dos participantes, refletindo suas perspectivas e experiências.

Assim, conduzimos entrevistas semiestruturadas para entender a percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz de Lauro de Freitas cujo foco foi compreender como os indivíduos utilizam e percebem este espaço público enquanto realizam suas atividades diárias. As entrevistas aconteceram presencialmente, com uma equipe de dois pesquisadores: um dialogava com o entrevistado, enquanto o outro registrava as respostas. Os tópicos foram abordados oralmente, e as respostas, ao serem verbalizadas, foram prontamente escritas.

Antes da ida a campo, os pesquisadores passaram por um processo de treinamento, que incluiu a familiarização com o formulário de entrevista, as técnicas de abordagem ao público-alvo, uma breve introdução ao projeto de pesquisa com foco na sequência das questões, a anotação precisa das

respostas e o uso de estratégias para mitigar respostas neutras, inadequadas ou incompletas, conforme as diretrizes propostas por Babbie (2007).

A Praça João Thiago (Praça Matriz), em Lauro de Freitas, foi o local escolhido para a verificação empírica das premissas teóricas levantadas. Para tanto, realizamos visitas à praça ao longo de dez meses, de outubro de 2023 a setembro de 2024, que ocorreram em diferentes horários do dia e em distintas estações climáticas, permitindo uma abrangente coleta de dados.

Para complementar as observações empíricas e as entrevistas com os frequentadores, também consultamos entrevistas e reportagens de jornais sobre a área de estudo.

2.1. Interdisciplinaridade e a Percepção Ambiental

A área da Percepção Ambiental tem se mostrado uma ferramenta valiosa, e suas metodologias e técnicas são empregadas para desvendar as dinâmicas e interações entre pessoas e seus ambientes. Logo, sendo aplicada à Praça Matriz, oferece uma abordagem que busca identificar e definir os requisitos básicos necessários para a satisfação do usuário em espaços públicos urbanos, relacionando os achados de campo com a abordagem teórica discutida na revisão de literatura.

O uso do espaço pelas pessoas acontece de modo consciente ou inconsciente, em que são estabelecidas relações específicas sujeitas à influência biológica e cultural, simultaneamente ou não (Pinheiro e Elali, 2011). As relações pessoa-ambiente, dessa maneira, interferem, singularmente, no estado comportamental e em manifestações do estado do humor, além de possibilitarem a representação de poder social quando da apropriação de amostras espaciais.

Nesse sentido, a compreensão do comportamento humano está conectada às funções possibilitadas pelas dimensões espaciais e de suas relações com seus usuários, sendo importante para a compreensão da relação pessoa-ambiente, a fim de identificar de que maneira o usuário percebe o seu ambiente e se relaciona com seu espaço.

Com frequência, o modo como as pessoas agem em áreas públicas urbanas deriva não apenas das características físicas e culturais do local, mas

também de componentes psicológicos significativos. Logo, como o espaço é organizado e as condições microclimáticas podem desempenhar um papel crucial.

As áreas de convivência pública são elementos urbanos essenciais para elevar a qualidade de vida nas cidades. Contudo, a facilidade com que se pode utilizar um espaço público urbano depende de fatores como acessibilidade, segurança, diversidade de atividades oferecidas, adaptabilidade do espaço, características morfológicas e microclimáticas e outros aspectos relevantes.

A interseção entre a Psicologia Ambiental e a Arquitetura e Urbanismo tem provocado profundas transformações metodológicas neste último. A abordagem racionalista do urbanismo moderno, que resultou em cidades espaciais e socialmente fragmentadas e com baixa resposta ambiental, impulsionou o retorno do ideário humanista aos estudos urbanos. Isso é particularmente evidente em pesquisas focadas na apreensão dos espaços públicos nas cidades contemporâneas, com trabalhos notáveis de autores como H. Whyte (1980), Lynch (1997), Gehl e Svarre (2013) e Araujo (2018).

Atualmente, há um interesse renovado em estudos que resgatam abordagens multidisciplinares, incluindo a análise visual e a percepção ambiental, que influenciam as decisões de projeto na arquitetura contemporânea (Montaner, 1993).

Dessa forma, a prática arquitetônica contemporânea tem dado um destaque significativo à valorização de padrões ambientais e estéticos que revitalizam a experiência perceptiva e emocional, estabelecendo uma conexão direta com a qualidade do ambiente construído.

O teórico italiano Bruno Zevi (1977) enfatiza o papel primordial do espaço arquitetônico, concebendo-o como algo que transcende a mera dimensão física para abrigar um "espaço interior" repleto de intenções. A plena compreensão deste espaço, segundo Zevi (1977), requer um envolvimento profundo por meio de uma intensa experiência de percepção e apropriação.

É dentro dessa perspectiva de valorização da experiência do lugar, tão marcante na arquitetura, que se insere a abordagem da percepção e da cognição ambiental. A compreensão de sua influência na relação pessoa-ambiente viabiliza a identificação de elementos que atuam como fatores determinantes do

bem-estar subjetivo daqueles que interagem com os espaços, sejam eles públicos, sejam eles privados, sejam eles abertos, seja eles fechados.

Para Zevi (op. cit, p. 18), o espaço só pode ser "conhecido e vivido através da experiência direta", subjugando-nos emocionalmente e constituindo a razão fundamental para a própria existência da arquitetura.

Niemeyer (2018), em seus estudos sobre a percepção ambiental em microssistema de uma escola pública, esclarece:

> Diversas teorias construídas a partir dos anos 1950 enriqueceram a compreensão do ambiente vivido a partir de análises de interpretações cognitivas iluminando fenômenos comportamentais que fundamentaram a chamada teoria do behaviour setting (BARKER, 1968) com profundas implicações em estudos subsequentes afetos a percepção do ambiente construído. A esta base conceitual, acrescentaram-se, todavia, outros fundamentos que ampliaram o conhecimento das interrelações pessoa-ambiente calcadas na compreensão de sentimentos de apego e afetividade ao lugar (TUAN, 1980) (2018, p. 45).

Trabalhos interdisciplinares, como os que unem a Psicologia Ambiental e a Arquitetura, buscam conectar diferentes campos, garantindo a contribuição de cada um. Souza e Leite (2021) definem o objetivo da Psicologia Ambiental como a compreensão e a análise de como o comportamento humano afeta o ambiente e como os aspectos sociais e físicos do ambiente influenciam a conduta das pessoas. Logo, é importante ressaltar que, nesse processo, "cada pessoa percebe, avalia, e tem atitudes individuais em relação a tal ambiente" (Souza e Leite, 2021, p. 1680).

Em paralelo, a Arquitetura e o Urbanismo servem como uma forma de questionar e compreender o mundo e o ambiente, tendo como objetivo "compreender as necessidades dos indivíduos, grupos sociais e da comunidade em geral, a fim de conseguir traduzir, por meio de espaços, tais necessidades e possíveis desejos de uma forma planejada" (Souza e Leite, 2021, p. 1681).

A partir da definição da razão de ser das duas áreas que são objeto da análise interdisciplinar da percepção ambiental aqui proposta, é possível compreender que a arquitetura se relaciona, concomitantemente, com o ambiente e com o comportamento humano, sendo, para nós, entendida como um espaço de convivência. Já a Psicologia Ambiental contribui para o entendimento de como as particularidades do ambiente interagem com os aspectos psicológicos dos

sujeitos, gerando respostas cognitivas e comportamentais decorrentes dessa forma interativa.

Como defendido por Souza e Leite (2021), para os estudos de percepção ambiental, na área da Arquitetura e Urbanismo, “a relevância da psicologia ambiental como ferramenta de auxílio na arquitetura é visada, uma vez que suas contribuições permitem a criação de lugares propícios de garantia de bem-estar ao homem” (Souza e Leite, 2021, p. 1682).

3. Do declínio da esfera pública à praça multifuncional: releituras do espaço público contemporâneo

Este capítulo desenvolve uma discussão teórica, partindo da análise crítica da tese do “fim dos espaços públicos”, fundamentada em sua função política, para, em seguida, confrontá-la e propor uma nova perspectiva, qual seja: a compreensão do espaço público contemporâneo a partir de sua multifuncionalidade. Esta abordagem é especialmente situada na realidade brasileira, com ênfase na tipologia da praça.

A reflexão conceitual sobre o espaço público, tema que, a partir da década de 1990, experimentou um crescimento exponencial no número de pesquisas e estudos acadêmicos, tornou-se central em diversos campos do conhecimento, como geografia, antropologia, sociologia, ciência política, planejamento urbano, arquitetura e urbanismo (Souza, 2018), servindo como base para um aprofundamento posterior no recorte tipológico das praças públicas.

O debate inicial sobre o espaço público foi profundamente influenciado por pensadores como Hannah Arendt (1958), Jürgen Habermas (1962) e Richard Sennett (1974), que se concentraram em sua função política e na sua relação com a esfera pública. A análise desses teóricos, segundo Souza (2018), evidencia como as fronteiras entre o público e o privado se tornaram mais complexas e difíceis de delimitar no mundo moderno. Esta perspectiva, ao priorizar a dimensão política, acabou por ofuscar outras funções do espaço, servindo de alicerce para a tese do "fim dos espaços públicos", que foi amplamente defendida por estudos posteriores (Davis, [1990] 1993; Sorkin, 1992; Zukin, 1995; Caldeira, 2000, entre outros).

No entanto, a tese do fim dos espaços públicos tem sido superada por outros autores (Sobarzo, 2005; Valentine, 2008; Valentine e Waite, 2010; Souza, 2018), que enfatizam o caráter multifuncional dos espaços públicos contemporâneos.

Este capítulo se propõe a refletir brevemente sobre as ideias que sustentam a tese supracitada nas cidades pós-modernas, partindo da leitura de Hannah Arendt (1958), e a reinterpretação dos seus pressupostos a partir do contexto atual, apontando os caminhos possíveis mediante a compreensão dos

novos usos e funções dos espaços públicos nas cidades contemporâneas, especialmente no caso das praças públicas.

3.1 Espaço público nas cidades contemporâneas: a transformação da função política e o surgimento das múltiplas funções

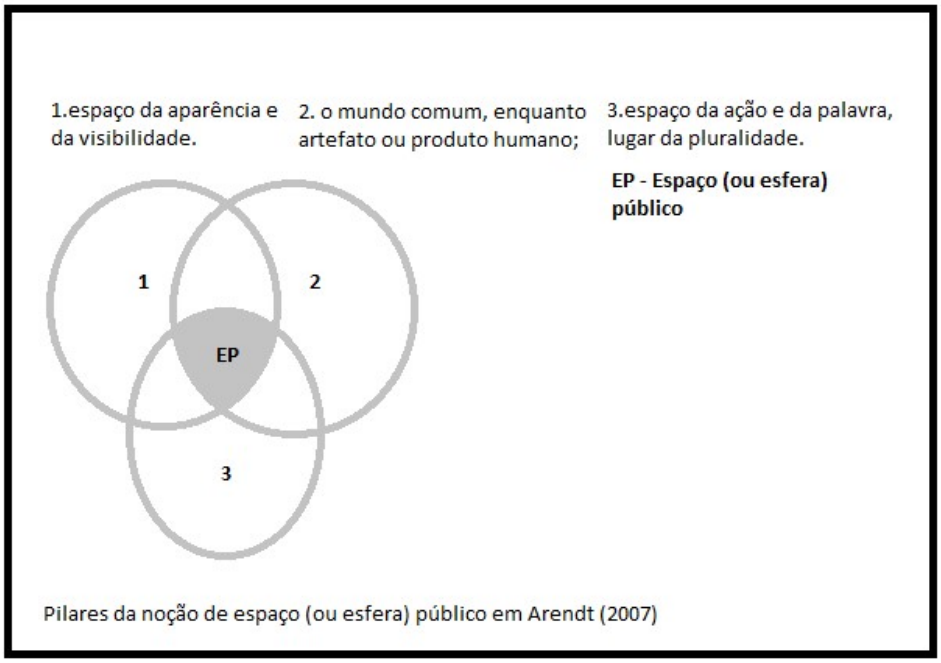
Para compreender a tese do fim dos espaços públicos defendida há alguns anos por diferentes autores, é imprescindível perceber a frequência com que estes têm os classificado como espaços de manifestação da esfera pública, da vida pública e da realização da cidadania, fazendo com que a materialidade destes esteja atrelada a uma realidade de práticas sociopolíticas.

Desse modo, se faz necessário iniciar o debate a partir da compreensão das concepções trazidas por Arendt (1958) sobre espaço público e esfera pública e depois relacioná-la com autores que estudam o espaço público urbano.

Segundo Correia e Nascimento (2008), a discussão relativa ao espaço público perpassa toda a obra de Hannah Arendt, mas, em sua obra intitulada *A Condição Humana* (2007), é o momento em que a autora sistematizará os eixos principais da noção de espaço público, com a abordagem sobre a vida ativa e a discussão desta na modernidade.

Na referida obra, o conceito de espaço público se desenvolve em três pilares ou aspectos que se relacionam entre si e confluem para uma noção de espaço público, que se constitui no espaço da liberdade (política), são estes: o espaço da aparência e da visibilidade; o mundo comum, enquanto artefato ou produto humano, e o espaço da ação e da palavra, lugar da pluralidade (ver Figura 2).

Figura 2: Diagrama de Venn - relações entre os pilares da noção de espaço (ou esfera) público em Arendt (1958/2007)



Fonte*:* elaborada pelo autor, adaptado de Silva e Xavier (2015, p. 219).

O espaço da aparência e da visibilidade se relaciona com o significado do próprio termo público, trazido por Arendt (1958), que, para a autora, significa "tudo que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade" (2007, p. 59).

Desse modo, o momento do espaço da aparência e da visibilidade, tal como concebido na noção de espaço público desenvolvida por Arendt (1958), revela que é a própria aparência que constitui a realidade. Trata-se de um espaço onde se materializam as ações humanas por meio do aparecer, ver e ser visto; ouvir e ser ouvido, elementos que configuram a dimensão pública da existência e da convivência.

O segundo aspecto, também conectado à acepção do termo público, é apontado por Arendt (1958) como aquele que considera o mundo comum como produto humano. Segundo a autora, "Significa o próprio mundo na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele" (2007, p. 62). Se o que é comum a todos é indiscutivelmente público, o espaço (ou esfera) que é público e, por definição, comum a todos, deve ser o mediador das relações entre os homens no mundo público.

Para Arendt (1958), este mundo produzido pelas mãos humanas, artefato ou produto humano não é a terra ou o mundo do labor, aquele relacionado à atividade do animal *laborans*, mas "corresponde ao processo biológico do corpo humano", sendo que "a condição humana do labor é a própria vida" (2007, p. 15).

O mundo produzido se relaciona com a segunda atividade humana apontada por Arendt, a atividade do "trabalho", melhor traduzido para o português como "obra". Atividade ligada a artificialidade do mundo, a mundanidade, referindo-se ao fazer humano (homo faber), a fabricação das coisas.

Por fim, o terceiro aspecto da esfera pública destacado por Arendt (1958) refere-se à exigência da pluralidade como condição essencial para a constituição do espaço público. Para a autora, um espaço verdadeiramente público só pode existir sob a égide da esfera pública, entendida como o lugar da palavra e da ação, ou seja, como o espaço da pluralidade, onde diferentes vozes e perspectivas podem coexistir e interagir.

Hannah Arendt, ao tratar da condição humana da pluralidade, que fundamenta o terceiro aspecto do espaço público, o "espaço da palavra e da ação", defende que "o mundo acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva" (2007, p. 68). Sobre essa pluralidade humana, a autora formula:

> [...] A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prescrever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiam, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender (2007, p. 188).

O aspecto da "igualdade" integrante da pluralidade humana é responsável por viabilizar um vínculo com as gerações passadas e futuras, enquanto o aspecto da "diferença" constitui a necessidade de formulação do discurso e da ação para se fazer entender. Desse modo, a pluralidade humana abarca estas duas dimensões, pois somos diferentes, o que nos possibilita desenvolver discursos e conceitos, mas se não fôssemos, ao mesmo tempo, iguais, o discurso e a ação não seriam possíveis de serem compreendidos.

Segundo Arendt (1958), a alteridade humana possibilita a singularidade, de modo que “a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares” (2007, p. 189). Fruto da ação e do discurso, esta singularidade se revela no sentido do que Arendt vai declarar como: “ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens” (2007, p. 189).

Para avançar na discussão sobre a noção de espaço público no contexto urbano contemporâneo, é necessário compreender o espaço público urbano a partir de suas transformações em usos e funções, assim como analisar o espaço urbano enquanto produto, possibilitador e condicionador das relações sociais.

Lima (2019) defende que

> o espaço público urbano propicia questionamentos sobre a reprodução do espaço, conflitos que se inter-relacionam cotidianamente, bem como os processos de usos e apropriações das formas e dos conteúdos espaciais pelos grupos sociais (2019, p. 17).

Gomes (2014), ao tratar sobre a materialidade do espaço público urbano, afirma que:

> Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculo à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas (2014, p.162).

Cabe retomar a concepção de Arendt (1958) ao tratar o espaço público, ou esfera pública, como o lugar da palavra e da ação, do encontro entre os desiguais. Este espaço também pode ser compreendido como o lócus do conflito, das manifestações e da problematização da vida social, o que afasta uma leitura estritamente política do conceito de espaço público. Na contemporaneidade, esta noção pode ser ampliada, sendo entendida como o espaço da possibilidade dos encontros e da socialização.

Para evidenciar a amplitude e complexidade do termo, é importante destacar que o espaço público urbano é, por alguns autores, entendido como a própria cidade, recusando-se a limitar sua definição a um uso específico ou especializado (Indovina, 2002; Borja, 2003). Outros autores, como Lamas (s.d.),

o definem a partir de sua constituição formal, tipificando-o como ruas, praças, parques e largos.

Paulo César Gomes (2002) rejeita as definições simplistas de espaço público urbano e argumenta que a noção de que "público é aquilo que não é privado" é insuficiente, pois o conceito está ligado à "vida pública", e não a uma mera dicotomia. Além disso, o autor critica a ideia de que o espaço público se define pelo "livre acesso" (Gomes, 2002, p.160), destacando que "público" e "coletivo" não são conceitos equivalentes.

Para Gomes (2002), o espaço público urbano se aproxima do conceito de esfera pública, defendido por Arendt (2007), enquanto áreas que possuem ligações com a vida pública, possibilitando, com isso, a copresença de indivíduos diversos interagindo através do diálogo ou da expressão de opiniões. Logo, apresenta-se como um lugar em que ocorre a possibilidade do encontro dos diferentes, onde segmentos diversos, com expectativas e interesses distintos, transformam e são transformados pelas relações oportunizadas, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente de civilidade e diálogo (Gomes, 2002, p.163).

Na cidade contemporânea, a superação do modelo racionalista do urbanismo modernista deu lugar a um modelo pós-moderno, caracterizado pela intensa fragmentação socioespacial, com a formação de enclaves étnicos e a proliferação de condomínios fechados. Esta nova realidade urbana, segundo Souza (2018, p. 6), impacta diretamente a conformação dos espaços públicos tradicionais, atribuindo a eles novas funções socioculturais.

Ao tratar sobre a questão central das cidades contemporâneas, tendo o espaço público urbano no cerne da questão, Alves (2013) apresenta as limitações das noções rígidas de categorias binárias, como espaço/tempo, público/privado:

> Tal obsolescência decorre de definições extremamente limitadas dos conceitos de espaço e público, derivadas da insistência na unidade, do desejo de categorias fixas de espaço e tempo e de noções de privado e público rigidamente concebidas que não mais respondem adequadamente aos processos de transformação da espacialidade urbana contemporânea. Argumentar pela obsolescência dessa distinção não significa, em absoluto, referendar proposições teóricas da morte do espaço público, mas sim a necessidade de sua reinterpretação decorrente da: reformulação da noção de poder e de relacionamento com o mundo; e da erosão do conceito de público e

> privado, parcialmente devido à exacerbação da noção de segurança (vigilância e controle) e transformação da noção de visibilidade (literal e metafórica) (2013, p. 48).

A distinção clássica entre público e privado exige uma nova análise. No entanto, longe de apostarmos na falência dos espaços públicos, é necessário compreendê-los como espaços em constante transformação, de natureza dinâmica e adaptável.

De acordo com Gurza Lavalle (2005), a compreensão do conceito de espaço público urbano torna-se viável a partir da análise de três diferentes campos semânticos que conformam o termo "público", possibilitando a articulação de múltiplas dimensões teóricas e interpretativas.

> (i) o social, consubstanciado nas instituições civis da vida pública, na arte da associação ou sociedade civil, nas regras de civilidade que tornam possível o convívio social em um mundo de estranhos - as grandes urbes; (ii) o político, cristalizado no arcabouço de instituições incumbidas tanto de processar decisões vinculantes quanto de implantá-las e respaldá-las mediante imposição de penas caso seja necessário; e (iii) o comunicativo, entendido não apenas como expressão e recepção de conteúdos, mas principalmente como construção de consensos e dissensos na percepção social do mundo (2005, p. 16).

A leitura integrada das três dimensões propostas na interpretação semântica do termo “público”, como delineado por Gurza Lavalle (2005), evidencia a articulação entre três campos fundamentais: (i) o social, abordado na perspectiva do convívio e da interação social; (ii) o político, voltado para as tomadas de decisões e processos, sendo um reflexo da concepção inicial de esfera pública, e (iii) o campo da comunicação, que toca os conteúdos que abarcam as ações e as diversas compreensões e percepções sociais do mundo.

Desse modo, mediante esta leitura, segundo Bortollo (2015), acarreta o entendimento de que “o público emerge com uma característica da vida pública, com suas conotações de convívio social e de acesso aberto e irrestrito, como espaços da democracia e das manifestações” (2015, p. 107).

As transformações sociais e suas interações, ao longo do tempo, implicaram uma atualização do conceito de espaço público no cenário urbano contemporâneo, se distanciando da função política tradicional, como apontado por Hannah Arendt (1958) em sua análise da esfera pública.

Atualmente, a dimensão política do espaço público perde protagonismo, ao ceder o seu lugar para outras esferas, recaindo sobre as dimensões econômica, cultural e social, atravessadas por complexas relações de poder (Gurza Lavalle, 2005). Nesse novo contexto, o espaço público, pois, é compreendido como uma obra e produto da ação humana.

Acerca das transformações nas funções do espaço público a partir da dinâmica social em diferentes períodos, segundo Bortolo (2015):

> Devem-se compreender estas transformações a partir da dinâmica social de cada período e seu processo no que tange a produção e os diferentes usos no espaço público contemporâneo. Mudam-se as estruturas, suas formas, alteram-se as espacialidades e com isso, modificam-se também as ações, os processos, suas atividades realizadas nos diversos espaços públicos. Tudo isso, resultado das inúmeras relações sociais, do inerente movimento da sociedade e das relações do tempo com o espaço socialmente produzido, a partir das relações desenhadas no espaço pelas diferentes formas e estruturas existentes, as funções e os processos que compõem e apresentam significativas mudanças, transformações que dão a dinâmica dos espaços públicos atuais. Destarte, com essa evolução e modificação nas formas de habitar, consumir e principalmente produzir a cidade, observa-se a construção de novos espaços (2015, p.112).

Portanto, o espaço público urbano contemporâneo não é estático, mas um reflexo dinâmico das complexas interações sociais e das constantes transformações que moldam a cidade. A produção e o uso do espaço público evoluem em sincronia com as mudanças nas estruturas sociais, alterando as espacialidades e, consequentemente, as ações e atividades que nelas ocorrem.

Estas metamorfoses são impulsionadas pelas inúmeras relações sociais, pelo movimento intrínseco da sociedade e pela interconexão entre tempo e espaço socialmente produzido. As diferentes formas, estruturas, funções e processos que compõem o espaço público são incessantemente redefinidos, gerando a dinâmica que o caracterizam hoje. A evolução das formas de habitar, consumir e, sobretudo, produzir a cidade culmina, assim, na construção contínua de novos espaços, como aponta Bortolo (2015). O espaço público é, pois, um organismo vivo e em constante mutação, refletindo e sendo moldado pela própria vida urbana.

Trazendo a concepção de Hannah Arendt (1958), que define o espaço público como o lócus da ação política, da pluralidade e do encontro entre iguais em sua diferença, Serpa (2008) vai atribuir ao espaço público o status de possibilitador “da ação política na contemporaneidade” (Serpa, 2008, p.174). Em

sua análise sobre os espaços públicos da cidade de Salvador contemporânea, o autor vai dialogar diretamente com essa premissa trazidas por Hannah Arendt (1958) ao questionar suas aplicabilidades na realidade da cidade: "pode-se abordar o espaço público na Salvador contemporânea como o espaço por excelência da ação e do discurso? Como esfera de mediação de iguais na sua diferença, a partir do uso da razão como emancipação?" (Serpa, 2008, p. 175).

A resposta que emerge de seu estudo é negativa. Em vez de serem esferas de mediação e ação política, os espaços públicos em Salvador são instrumentalizados por outras lógicas, corroborando a tese teórica deste capitulo de que a função política tradicional destes espaços perdeu protagonismo para outras esferas. Serpa aponta que, na cidade, o que prevalece é a incorporação dos espaços públicos urbanos como mercadorias para o consumo, onde o comportamento normatizado por uma cultura hegemônica substitui a ação espontânea.

O espaço da ação e da visibilidade trazida na literatura de Arendt é na cidade contemporânea transformado em um espaço de "encenação". A visibilidade não serve à manifestação dos cidadãos, mas à criação de uma "vitrine" para o marketing urbano e a valorização imobiliária. Ao tratar sobre o processo de requalificação dos espaços públicos na capital baiana, dentro de uma lógica de transformação dos espaços públicos nas cidades da periferia do capitalismo, Serpa (2008) vai defender:

> Muitos dos “novos” e requalificados espaços públicos urbanos de Salvador permanecem “invisíveis” para a maioria da população, que não dispõe de “capital escolar” (Bourdieu, 1979) para se apropriar das linguagens projetuais e do repertório utilizados no desenho urbano contemporâneo. Pode-se mesmo afirmar que as clivagens sociais ganham aqui status de “segregação social” ou mesmo de exclusão. Tudo isso contribui para a “invisibilidade” desses equipamentos – em contradição com seu “princípio projetual de base”, a visibilidade completa e espetacular –, tornando-os exclusivos para o uso de “iniciados”. Existe, portanto, uma distância mais social que física, separando os “novos” espaços públicos urbanos daqueles com baixo capital escolar (Serpa, 2004) (Serpa, 2008, p.176).

A análise de Serpa (2008) sobre os espaços públicos de Salvador serve como uma ilustração precisa e contundente sobre a realidade do espaço público nas cidades contemporâneas, que perde sua função eminentemente política

para dar lugar a múltiplas outras funções que, muitas vezes, resultam em novas formas de exclusão.

A citação de Serpa (2008, p. 176) materializa a crítica trazida por Gomes (2002), que rejeita as definições simplistas de espaço público caracterizados pelo livre acesso físico e aqueles contrários ao espaço que é privado. Ao afirmar que, em Salvador, existe uma "distância mais social que física" (p. 176) que separa os cidadãos dos novos espaços públicos requalificados, de acesso teoricamente livre, mas simbolicamente restrito, o autor vai elucidar que a barreira de acesso a estes espaços não é física, por um portão por exemplo, mas é simbólica, possibilitada muitas vezes pela própria linguagem do design dos espaços requalificados, que exige um "capital escolar" para ser decodificada e apropriada.

Serpa (2008) ainda chama atenção para o fim da pluralidade e do encontro dos diferentes nos espaços públicos contemporâneos, defendido por Arendt (1958), quando em seu texto o autor vai demonstrar que estes espaços requalificados se tornaram "exclusivos para o uso de iniciados" (p.176). Deste modo, esses espaços deixam de ser o lócus do encontro plural e passam a ser ambientes de segregação social, onde apenas grupos específicos se sentem pertencentes e bem-vindos. A pluralidade, condição essencial da esfera pública arendtiana, é substituída pela homogeneidade social.

A análise de Serpa (2008, p. 176) ainda exemplifica a transformação da função política do espaço público para demais funções de caráter econômico e cultural (hegemônico e importado) a partir de uma "visibilidade completa e espetacular" desses novos projetos de espaços públicos contemporâneos, que não se destina a promover a ação política cidadã, mas sim a criar uma imagem de cidade-mercadoria, valorizando o solo urbano e atraindo um público consumidor específico. A linguagem projetual que exclui a maioria da população é, paradoxalmente, a mesma que qualifica o espaço para o consumo de uma minoria, alinhando-se a uma lógica de marketing urbano e não de construção da cidadania.

Conforme aponta Lima (2019), o espaço urbano é um produto que condiciona as relações sociais. O trecho de Serpa (2008, p.176) mostra como o design urbano contemporâneo atua ativamente como um agente condicionador. Ele não é um palco neutro, mas um texto que seleciona seus leitores. Ao produzir

espaços cuja linguagem é inacessível para muitos, o poder público e os agentes imobiliários estão, na prática, produzindo a própria segregação social, reforçando as "clivagens sociais" existentes na cidade.

Ao tratar sobre as transformações dessas funções do espaço público na cidade contemporânea, com o encolhimento da esfera pública que atribuía o caráter político a estes espaços, Serpa (2008) vai abordar sobre o papel cultural destes espaços, visto a partir da lógica do consumo:

> Esses espaços surgem a partir da lógica do “consumo cultural” que parece se constituir no novo paradigma para o desenvolvimento urbano na contemporaneidade. As cidades são reinventadas a partir da reutilização das formas do passado, gerando uma urbanidade que se baseia, sobretudo, no consumo e na proliferação (desigual) de equipamentos culturais. Esta nova (velha) cidade folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma. É a cidade das requalificações e revitalizações urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares espetáculo. A lógica do “consumo cultural” atualiza o já bem conhecido “duplo caráter da centralidade capitalista: lugar de consumo e consumo de lugar” (Lefebvre, 1991, p. 130) (Serpa, 2008, p.176).

A dimensão cultural também é ressignificada nos espaços públicos da cidade contemporânea. Serpa (2008, p. 176) argumenta que os novos espaços surgem a partir da lógica do "consumo cultural”, que "folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares". Os parques são projetados para se assemelharem a *shopping centers*, onde o consumo é a principal atividade de lazer. Em contrapartida, as manifestações culturais populares e alternativas persistem "à margem de qualquer subsídio" nos bairros populares, utilizando "espaços ocultos e residuais", como becos e vielas.

A dimensão social do convívio, apresentada na teoria a partir de Gurza Lavalle (2005), é abordada por Serpa (2008), no contexto da cidade de Salvador, como profundamente fragmentada. O medo e a percepção de insegurança levam as classes médias a evitar os espaços públicos, preferindo a sociabilidade controlada dos *shopping centers*. Nos bairros de classe média, as relações de vizinhança são mais seletivas e pessoais nas cidades contemporâneas, enquanto nos bairros populares, elas são fortalecidas pela necessidade e pelo isolamento. Portanto, o espaço público não promove a "copresença de

indivíduos diversos", como defende Gomes (2002), mas reforça a autossegregação.

O debate sobre o espaço público contemporâneo, conforme ilustrado pela análise de Salvador, revela uma clara tendência à sua transformação em um ambiente de consumo, espetáculo e segregação. Os espaços requalificados, com suas linguagens projetuais sofisticadas, tornam-se simbolicamente "invisíveis" e exclusivos para uma elite de "iniciados". Esta dinâmica, que afasta a função política do espaço e o submete à lógica do capital, parecia desenhar um cenário de progressiva exclusão da maioria da população. No entanto, o crescimento da economia informal, impulsionado por crises econômicas, desemprego estrutural e o agravamento pela pandemia da COVID-19, introduz uma força contrária e disruptiva: a apropriação do espaço público não por lazer ou consumo, mas por pura necessidade de sobrevivência.

Enquanto a requalificação urbana nas cidades contemporâneas opera pela lógica dos espaços cenográficos e controlados para valorização imobiliária e para um público seleto, as ruas, praças e calçadas são simultaneamente reivindicadas pela massa de trabalhadores que o mercado formal não consegue absorver. Esta "informalidade de rua" representa uma reapropriação do espaço público pela base da pirâmide social. Se, por um lado, os parques e praças modernizados se tornam palcos para o consumo e o lazer das classes médias, a rua, por outro, converte-se em um local de trabalho, produção e subsistência para os mais precarizados.

Como colocado por Souza et al. (2022) ao tratar sobre a apropriação dos espaços públicos na perspectiva das praças contemporâneas e suas funções de trabalho e lazer na conjuntura dos países em desenvolvimento, em que a realidade urbana é retratada através do crescimento da pobreza, desemprego e informalidade. Para os autores é nos espaços públicos urbanos que estes sujeitos encontram o ambiente para o labor cotidiano:

> Isto pode ser constatado através do crescimento das atividades de comércio informal se apropriando das ruas, nos últimos anos, devido ao aumento do excedente de mão de obra que caracteriza o mercado de trabalho brasileiro desde os anos de 1980, ampliado a partir das crises econômicas de 2015 e 2016,da incapacidade do mercado de trabalho formal em absorver o excedente da força de trabalho e das tentativas ineficientes de formalização e aumento de postos de trabalho, preconizado pela reforma trabalhista, dentre outros

> fatores (CACCIAMALI, 1983, 2000; FILGUEIRAS; DRUCK; AMARAL, 2004; FILGUEIRAS, 2019). Soma-se a essa realidade, o agravamento advindo pela pandemia da COVID-19, a partir de março de 2020, que retraiu a atividade econômica no setor de comércio e serviços. A massa trabalhadora desempregada recorre ao que a literatura, em períodos recentes denominou de Economia Informal, ou em se tratando do estágio mais precário do trabalho desprotegido, a informalidade de rua (ANTUNES, 2018; KREIN; PRONI, 2010; DURÃES, 2013) (Souza; Melo; Silva, 2022, p. 453)

Essa coexistência de lógicas opostas gera uma tensão fundamental. A mesma "visibilidade completa e espetacular" projetada para os espaços requalificados é desafiada pela presença visível e não planejada do comércio informal. Este fenômeno expõe as contradições da cidade: a fachada de modernidade e ordem dos espaços de consumo contrasta diretamente com a realidade da exclusão econômica que se materializa na calçada. A pluralidade que foi expulsa simbolicamente dos espaços elitizados retorna de forma conflituosa. Não se trata da pluralidade idealizada por Arendt (1958), de cidadãos em diálogo político, mas da manifestação crua da desigualdade social, onde o espaço público se torna o território de uma disputa silenciosa entre o direito à cidade-mercadoria e o direito à sobrevivência.

Portanto, a análise se complexifica. O espaço público contemporâneo não é apenas um local de exclusão simbólica, mas também um campo de batalha para a apropriação física. A mesma cidade que projeta espaços para afastar os "indesejáveis" é a que força esses mesmos indivíduos a ocuparem outros espaços públicos como única alternativa de vida. A rua, assim, consolida-se como o palco central das contradições urbanas: um espaço que o planejamento tenta ordenar para o fluxo e o consumo, mas que a realidade econômica insiste em transformar em um ecossistema de trabalho e resistência. A dinâmica do espaço público não pode, portanto, ser compreendida apenas pela ótica da exclusão planejada, mas deve incorporar a força da apropriação espontânea e necessária, que reinscreve a política no espaço urbano não através do discurso, mas através da própria luta pela permanência e pelo sustento.

3.2 A construção social do espaço público no Brasil: heranças e particularidades

Após explorar as complexas discussões sobre o declínio da esfera pública em um nível teórico, torna-se imprescindível delimitar o foco da análise para um contexto específico. Nesse sentido, acolhemos a advertência de Cerqueira (2013) sobre a necessidade de distinguir as particularidades do caso brasileiro em relação a outros países. Para tanto, tem-se como objetivo estabelecer as bases sócio-históricas que explicam a trajetória específica da esfera pública no Brasil e como ela moldou os espaços que conhecemos hoje.

Para entender esta formação sócio-histórica, a análise de Sérgio Buarque de Holanda (1936) é fundamental, uma vez que o estudioso postula que a sociedade brasileira, impregnada de valores patriarcais, sempre privilegiou as vontades particulares em detrimento dos interesses coletivos, fazendo do espaço urbano um reflexo direto dessa lógica.

Ao interpretar Holanda, Cerqueira (2013) conclui que este "predomínio do particular distorce as relações de poder e a base de formação para o Estado burocrático", resultando em "uma esfera pública distorcida e fragilizada" (2013, p. 33), que, sendo perceptível na formação do Estado brasileiro, depois da libertação da colonização portuguesa, “interfere diretamente na noção e reconhecimento de bem público, o que acarreta, entre outras coisas, no desprestígio do espaço público na cidade brasileira” (Cerqueira, 2013, p. 33).

Segundo Damatta (1997), em *A casa e a Rua,* em seus estudos sobre as mais diversas sociedades, os antropólogos sociais necessitam situar-se para poder “ver” e “sentir” o espaço. Para o autor, “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (1997, p. 19).

Considerando os escritos do autor supracitado (1997), destacamos a análise das relações entre os espaços público e privado, mediadas pela tensão simbólica entre a rua e a casa. Tais espaços são constantemente articulados de maneira complexa e contraditória, refletindo dinâmicas próprias da formação social brasileira. Conforme o autor, a casa seria a representação da

individualidade, de espaço pessoal, e a rua significaria a coletividade, sendo estes dois espaços opostos e, ao mesmo tempo, complementares na cotidianidade.

Nas cidades brasileiras, os espaços públicos urbanos foram constituídos a partir da atuação das massas populares, configurando-se como autênticas "esferas de significação social (...) que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes" (Damatta, 1997, p. 44). Estes espaços são repletos de "visões de mundo" e "éticas" diferentes e particulares, ao mesmo tempo que se tornam geradores de discurso.

Ramos (2007), ao tratar sobre a formação do espaço urbano brasileiro, frente aos ideais de modernização ocidental na virada do século XIX, chama atenção para a diferença de significados do espaço público em razão da classe social. Para o autor:

> A rua, na visão burguesa ocidental como espaço público, era o lugar das vivências cotidianas, das trocas, das festas religiosas e cortejos, enfim, espaço de socialização que se tornou terra-de-ninguém, vista como perigosa porque mistura classes, sexos, idades, funções e posições de hierarquia social.
> [...]
> O isolamento, determinado pelos novos códigos sociais de comportamento, definiu os espaços públicos e privados, externos e também os internos. Os espaços privados da casa foram divididos internamente em zonas distintas: social, íntima e de serviço, separadas e ordenadas hierarquicamente, de forma a manter uma ordem de relacionamento na família para consequentemente, manter a ordem na sociedade (ARAÚJO, 2004). Este estilo de vida burguês, e, portanto, um modo de vida para quem está situado na estrutura hegemônica, deveria se estender aos outros segmentos da sociedade (Ramos, 2007, p. 103-104).

A análise proposta pelo autor (2007), acerca dos novos códigos sociais estabelecidos na constituição da sociedade burguesa brasileira, influencia diretamente a formação social dos espaços públicos no Brasil, que é a herança de uma sociedade escravista e patriarcal, historicamente associada ao processo dicotômico entre o espaço privado e o espaço público: aquele vincula-se ao doméstico, ao lugar da mulher; enquanto este, ao masculino (Araujo, 2004).

Ainda sobre a influência dos marcadores sociais de gênero e raça na percepção dos espaços públicos nas cidades brasileiras, no processo inicial de constituição destes espaços, Araujo (2004) relata que:

> Vale lembrar a diferenciação na percepção desse espaço público pelas mulheres, como coloca Castro, denunciando a heterogeneidade de

> experiências das mesmas no cotidiano. Pois, se para as sinhás, o público é o lugar do pecado e do perigo em contraposição à casa como lugar de proteção, do controle e do exercício da autoridade -, para as escravas ou criadas, a rua é o lugar tanto de trabalho como de liberdade, do exercício do lúdico e do erótico, isto é, espaço para a vida privada, longe dos patrões, enquanto a casa é lugar de trabalho, de disciplina mais rígida e muitas vezes de punição (2004, p. 72).

A herança de uma esfera pública fragilizada e socialmente segmentada, como discutido por Holanda (1936), Damatta (1997) e Araujo (2004), não é uma mera abstração teórica, pois reverbera diretamente na consciência coletiva e, consequentemente, nos usos e funções atribuídos aos espaços públicos no Brasil.

O entendimento da construção histórica, marcada por suas tensões e hierarquias, nos oferece um panorama quanto à consciência coletiva que molda os espaços públicos brasileiros. Nesse contexto, a análise se volta para um elemento central deste cenário: a praça pública.

Este espaço urbano nos permite verificar a complexa redefinição de suas formas, usos e funções, impulsionados por novas demandas de uma sociedade em movimento. Se, anteriormente, as praças eram palco privilegiado para manifestações políticas e expressões coletivas, na contemporaneidade, passaram a abrigar eventos culturais e feiras gastronômicas e a se configurar como espaços de lazer e contemplação, ilustrando a perda de hegemonia da função política em favor de outros aspectos da vida urbana.

4. A praça em transformação: uma trajetória de formas e funções no Brasil

Considerando a dinâmica dos espaços públicos urbanos, assunto abordado anteriormente, a praça pública se revela um elemento morfológico fundamental nas cidades ocidentais, como explica Lamas (s/d, p. 100).

O processo de globalização que transformou as cidades contemporâneas gerou mudanças significativas no comportamento humano e em suas relações com o ambiente em que vivem, provocando novas formas de compreensão destes espaços.

Diferente de meros alargamentos acidentais ou confluências de traçados, a praça se distingue das ruas pela sua organização espacial e pela intencionalidade de desenho. Ela não surge por acaso e pressupõe “a vontade e o desenho de uma forma e de um programa” (Lamas, s/d, p. 100).

Enquanto a rua é caracterizada como um “lugar de circulação”, a praça é entendida como o “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio” (Lamas, s/d, p. 102).

Nas cidades, tradicionalmente, as praças, assim como as ruas, estabelecem uma “estreita relação do vazio com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas” (Mendonça, 2007, p. 298), que “definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano” (Lamas, s/d, p. 102).

As praças públicas nas cidades contemporâneas estão passando por uma complexa redefinição de seus significados políticos, ideológicos, sociais e estruturais, impulsionada pela crescente presença do setor privado, que passa a oferecer serviços nesses locais. Inserido em um amplo contexto sócio-histórico, este processo é definido por Oliveira e Fernandes (2011) como o momento em que a esfera pública de debates e disputas “cedeu espaço ao modelo determinado pelo mercado, ou seja, um modelo imposto pela esfera privada” (Oliveira e Fernandes, 2011, p. 46).

As praças públicas em áreas urbanas, tal como as compreendemos hoje, têm suas raízes nas civilizações gregas, funcionando como espaços de convivência há séculos. Ao longo da história, estes espaços desempenharam

um papel crucial nas cidades (Loboda e De Angelis, 2005). No período medieval, por exemplo, coexistiam nas praças funções cívicas, sociais, religiosas e comerciais (Vargas, 2001).

A partir do século XIII, o conceito de "praça maior" emergiu nas cidades hispânicas e hispano-americanas como elemento central do urbanismo, atingindo seu auge no século XV. Nesse período, as praças serviam como cenário para importantes reuniões públicas (Souza, 2009). Além disso, surgiram as "praças de armas", que representavam o centro das cidades fortificadas e de onde partiam as vias para os portões e pontos de defesa (Souza, 2009).

De acordo com Robba e Macedo (2010), as praças públicas e suas funções na vida urbana brasileira são definidas a partir de duas premissas básicas, quais sejam: o uso e a acessibilidade do espaço (Robba e Macedo, 2010, p. 17). Segundo os autores, as praças são “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos” (Robba e Macedo, 2010, p. 17).

Com a evolução das cidades, o papel das praças mudou consideravelmente, mas seu caráter social permaneceu constante ao longo do tempo.

Dizero (2006) descreve a praça como um espaço privilegiado para a convivência social. Já Favole (apud Font, 2003, p. 11) apresenta que:

> O termo praça apesar de derivar da palavra “plateia” (alargamento), se utiliza sempre para indicar um espaço rodeado de edifícios, que o delimitam e o definem [...] e que o termo, todavia, perdeu seu significado univalente, praça é agora uma palavra de amplo espectro, que se utiliza para indicar lugares e intenções de projetos heterogêneos.

Embora o termo “praça” derive de “plateia” (alargamento), este passou a designar qualquer espaço rodeado por edifícios que o definem, sendo utilizado, na contemporaneidade, para descrever uma variedade de espaços e propósitos em projetos diversos.

Para compreender o significado urbano da praça nos dias de hoje, Robba e Macedo (2010) destacam a necessidade de se analisar a gênese e a evolução destes espaços desde as primeiras vilas brasileiras. A perspectiva histórica revela que, embora a formação das cidades coloniais guarde semelhanças com a das medievais europeias — como o desenvolvimento a partir de núcleos

religiosos ou comerciais —, a apropriação do espaço livre era fundamentalmente diferente. Ao contrário das praças europeias, que possuíam funções bem definidas (ainda que hoje possam ser ressignificadas, como mostra a Figura 3), os largos e terreiros brasileiros caracterizavam-se pela sobreposição de usos, abrigando, simultaneamente, atividades religiosas, profanas, civis e militares (Robba e Macedo, 2002).

Figura 3: Largo Gaetana Agnesi, em frente ao Coliseu Romano, tendo sua função e usos ressignificados, ocupado à noite por jovens para o lazer – Roma, Itália



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Segundo Murillo Marx (apud Robba e Macedo, 2010, p. 18) “as cidades coloniais brasileiras foram fundadas sempre a partir da doação de uma área de sesmaria para determinado Santo Católico, com a consequente construção de uma capela e instituição de uma paróquia em seu louvor”.

Acerca do surgimento das praças públicas no contexto urbano brasileiro, de acordo com o autor supracitado:

> A praça como tal, para reunião de gente e para o exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçava-lhes os edifícios; acolhia os seus frequentadores (Murillo Marx apud Robba e Macedo, 2010, p. 19).

As praças coloniais brasileiras tinham como característica formal dominante a presença de uma Igreja Católica em seu entorno, dando origem à definição atual de Praça Matriz e, posteriormente, havia toda sorte de edifícios importantes da cidade passaram, compondo esta paisagem a partir de sua implantação nas imediações.

Quadro 1: Comparação dos usos e funções dos espaços públicos medievais e coloniais brasileiros

<table>
<tr><th colspan="2">Sobreposição dos usos correntes nos largos e terreiros em comparação às funções atribuídas às praças medievais.</th></tr>
<tr><th>Praças Medievais</th><th>Praças Coloniais[1]</th></tr>
<tr><td>Praças de mercado – onde acontecia toda a atividade comercial da cidade, normalmente estabelecida em lugar de grande movimento, às vezes na própria rua principal, ou em alargamentos adjacentes a ela.</td><td rowspan="4">Todas as funções aconteciam no mesmo logradouro, englobando as atividades sacras e profanas, civis e militares.</td></tr>
<tr><td>Praças no portal da cidade – em geral, praças triangulares, de onde partiam duas ou três ruas para o centro. Eram áreas de passagem e distribuição de tráfego.</td></tr>
<tr><td>Praças como centro da cidade – praças implantadas no centro do povoado, em comunidades novas.</td></tr>
<tr><td>Adros de igrejas (parvis) – espaços em frente às igrejas, onde os fiéis se reuniam para atividades religiosas, procissões, missas ao ar livre e onde ficavam os cristãos-novos, que não podiam entrar na igreja.</td></tr>
<tr><td>Praças agrupadas – pequenos espaços de conexão entre passas de mercado e adros de igreja.</td><td></td></tr>
</table>

Fonte: Robba e Macedo (2010), adaptado pelo autor.

Conforme o Quadro 1, a principal diferença entre os espaços públicos medievais e coloniais brasileiros está na forma como as funções urbanas eram distribuídas. O modelo medieval europeu era compartimentado, com praças específicas para o comércio (praças de mercado), para a religião (adros de igrejas) e para a circulação. Já no Brasil colonial, o espaço que hoje entendemos como praça era, na verdade, chamado de largo, terreiro ou rossio (Robba e Macedo, 2010), e sua característica essencial era a multifuncionalidade. Este único espaço centralizava todas as principais atividades da vila, promovendo uma sobreposição constante de usos cívicos, militares, religiosos e comerciais.

A configuração do largo colonial como principal espaço público começou a se modificar com a incorporação de novas influências e demandas sociais oriundas das cidades europeias. Enquanto os jardins permaneciam como elementos escassos e confinados ao âmbito privado de residências e propriedades religiosas, um novo modelo de espaço ao ar livre foi impulsionado pelas reformas higienistas europeias e pela nova centralidade do Rio de Janeiro

[1] A praça colonial até esse período era chamada de largo, terreiro e rossio (Robba e Macedo, 2010, p. 22).

como capital. Surgiram, assim, os passeios públicos, que, segundo Robba e Macedo (2010, p.23-24), eram projetados para uma finalidade social específica, a saber: servir de palco para a burguesia mercantil exibir seu status, riqueza e poder.

Na transição do modelo colonial para um novo ideal de cidade que valorizava a beleza e a higiene, Robba e Macedo (2010) identificam o surgimento de uma nova tipologia urbana: a praça ajardinada, que combinava características da praça e do jardim. Segundo Bortolo (2015), nesse momento, a praça perde seu tradicional caráter cívico de "espaço seco" e, inspirada pelos jardins europeus, passa a incorporar a vegetação para assumir novas e valorizadas funções contemplativas.

> A partir do século XX o modelo de praça ajardinada passa a predominar de norte ao sul do Brasil, vê-se a implantação de praças ajardinadas de estética neoclássica ou eclética. Exemplos como a Praça Paris, no Rio de Janeiro; o Parque Municipal e a Praça Raul Soares em Belo Horizonte; a Praça das Mangueiras em Teresina; a Praça do Congresso em Manaus; a Praça da Sé em São Paulo e a Praça Santa Andrade em Curitiba representam a inspiração nos jardins clássicos franceses. A implantação do modelo da praça ajardinada representou um marco na trajetória da praça brasileira, pois consolidou uma prática urbana diferenciada do ambiente colonial (2015, p. 32).

Esta transformação, no século XX, foi um momento de transição e de transformação urbanística e paisagística da nação, resultado de uma transformação não apenas em sua forma, mas também em sua função e estrutura social.

No contexto da transição da praça colonial para a praça ajardinada, Robba e Macedo (2010) destacam as alterações nos usos e nas funções resultantes das modificações físicas desses espaços:

> A praça colonial usada como mercado, área de manifestação de cunho militar e político e área de recreação, perde algumas funções, recebendo outras no lugar. São minimizados os usos comercial e militar, passando a ser uma área destinada à contemplação da natureza e ao descanso – uso anteriormente reservado ao jardim (2010, p. 28).

Para os autores, a emergência da praça ajardinada representa um marco na evolução dos espaços livres urbanos no Brasil, uma vez que houve a alteração da função tradicional das praças nas cidades brasileiras, as atividades de mercado foram transferidas para edificações comerciais específicas, e as

demonstrações militares foram deslocadas para grandes avenidas, refletindo um cenário de menor poderio militar em um contexto republicano.

Este novo modelo de praça ainda se traduziu em novos padrões de comportamento entre seus frequentadores, seguindo algumas normas e condutas bastante rígidas e hierarquizadas, se diferenciando bastante do polivalente largo colonial. Nesse contexto, as praças brasileiras passaram a ser objeto de projetos de paisagismo.

No que tange à importância dos projetos de paisagismo no contexto da concepção das praças ajardinadas brasileiras, Robba e Macedo (2010) aprofundam o estudo quanto à relação destes espaços com o padrão de modernidade vigente na época:

> Com a rápida consolidação e assimilação do modelo da praça ajardinada como padrão de modernidade urbana, consolidou-se também o hábito de projetar a praça pública. As praças já não podiam ter as características dos largos coloniais, sem vegetação ou sem elementos pitorescos da Belle Époque. Evidentemente, esse processo de produção de projetos para praças estava diretamente ligado às questões econômicas e políticas: apenas as praças mais importantes ou de localização mais "nobre" receberam projetos ou foram reformadas, ao passo que nos bairros mais pobres ou distantes eram tratadas como largos ou terreiros, sem projeto ou qualquer cuidado urbanístico. Ao longo do século XX, o modelo de praça ajardinada tornou-se um padrão de qualidade do espaço livre, e mesmo o mais antigos e tradicionais logradouros passaram por tratamentos paisagísticos e ajardinamentos (2010, p. 30).

Este padrão de projeto apontado pelos autores sofreu forte influência da cultura francesa e inglesa, dotada de uma forte unidade em seu programa arquitetônico e em sua forma, sendo caracterizada, a posteriori, como uma típica linha de projetos de arquitetura e urbanismo denominada ecletismo, dando origem a diversas praças hoje definidas, tipologicamente, como praças ecléticas.

A partir da segunda década do século XX, os centros urbanos brasileiros experimentaram uma rápida expansão, impulsionada pela industrialização e pelo aumento das atividades comerciais. Este crescimento urbano exigiu a adaptação das antigas configurações da cidade à nova realidade. Com a chegada da energia elétrica, do automóvel e dos modernos meios de transporte coletivo, e a consequente consolidação dos padrões de urbanização modernos, as ruas deixaram de ser estreitas e tortuosas, tornando-se largas e arborizadas para

acomodar o crescente tráfego. Esse período testemunhou a abertura de *boulevards* e *parkways*[2].

No contexto de uma cidade moderna, caracterizada por ser arrojada, limpa, produtiva, populosa, veloz e motorizada (Robba e Macedo, 2010, p. 35), os espaços públicos urbanos deixaram de comportar o padrão urbanístico das praças ecléticas, dando lugar ao surgimento das praças modernas. Ao abordar esse momento, Robba e Macedo (2010) apontam a relevância da função do lazer no programa arquitetônico dessas novas praças:

> Lazer foi um dos itens que o urbanismo moderno estabeleceu como de suma importância para o habitante urbano do século XX. Os espaços livres públicos são uma das opções mais significativas de área de lazer urbano, e, nesse contexto, paisagistas, arquitetos e mesmo usuários já não aceitam o modelo eclético de parques e praças, principalmente no que diz respeito ao programa de atividades (Robba e Macedo, 2010, p. 35).

Neste cenário, surgem grandes nomes do paisagismo moderno brasileiro, responsáveis por incorporar a estes espaços públicos modernos a função do lazer ativo, antes inexistentes nas praças ecléticas, que desempenhavam um forte papel de lazer contemplativo.

> A partir da década de 1940, sob forte influência de arquitetos e paisagistas modernos, como Roberto Burle Marx, Thomas Church e Garret Eckbo, começam a aparecer os primeiros sinais de mudança na concepção dos espaços livres da cidade brasileira, com a alteração de seu programa de uso. Parques e praças passaram a englobar, em seus programas, o lazer ativo – principalmente as atividades esportivas e a recreação infantil – seguindo o exemplo dos jardins particulares, que deixaram de ser projetados como moldura da edificação principal, onde o morador contemplava a natureza, para serem planejados como uma área de lazer ativo, integrantes à casa (Robba e Macedo, 2010, p. 35-36).

Nesse cenário de metropolização e crescente valorização do verde, impulsionado pelo processo de modernização das cidades, as áreas centrais se adensaram e os limites periféricos da malha urbana se expandiram. Logo, os espaços livres públicos, incluindo as praças modernas, reafirmaram-se como uma opção indispensável de lazer para a cidade. Os parques consolidaram-se como polos de lazer urbano, e as praças, agora presentes em todos os bairros,

[2] Boulevards e parkways são tipos de vias urbanas, geralmente largas, com características distintas. Um boulevard é caracterizado por ser uma rua larga, muitas vezes com canteiros centrais arborizados, dividindo os sentidos de tráfego e com preocupação paisagística. Um parkway, por sua vez, é uma via projetada para ser cênica, frequentemente com paisagismo e restrições para veículos pesados, podendo estar localizada em parques ou conectando-se a eles.

tornaram-se elementos essenciais para a vida na cidade e objeto de interesse político.

Robba e Macedo (2010) diferenciam as funções das praças modernas de acordo com o seu posicionamento geográfico. Para os autores:

> Em áreas centrais, a praça é a alternativa naturalista para a amenização das condições climáticas, da qualidade do ar e insolação. Além de espaço destinado ao lazer, serve também como espaço articulador da circulação de pedestre (...)
> Nas áreas habitacionais, a praça se consolida como área de lazer passivo e ativo, além de servir à convivência das pessoas. A chamada praça de bairro atrai os moradores das proximidades, que frequentam a fim de desfrutar de momentos de relaxamento e tranquilidade em áreas arborizadas e ajardinadas. As atividades recreativas estão nos jogos, brincadeiras, namoro e encontro com os amigos (2010, p. 37).

Dessa maneira, a praça moderna se consolidou socialmente como um elemento essencial à vida urbana, com a população atribuindo crescente valor a esses espaços livres ajardinados em resposta ao contínuo processo de urbanização e verticalização. Não se trata meramente de criar cenários bucólicos; a praça evoluiu para um espaço multifuncional que integra lazer contemplativo, cultural, ativo e recreativo.

A arquitetura paisagística brasileira moderna foi moldada por duas grandes referências conceituais e formais. De um lado, a produção de Roberto Burle Marx e, de outro, a inovadora arquitetura norte-americana de meados do século XX, principalmente a californiana. A influência dos EUA, exemplificada pelos jardins de Thomas Church, foi fundamental ao propor uma nova relação entre o morador e o seu jardim, tratando o espaço externo como uma extensão da casa, voltada para o lazer e o relaxamento. A mudança de paradigma, que abandonou a rigidez neoclássica europeia por formas mais simples e orgânicas, representou uma importante base para a produção nacional, como analisam Robba e Macedo (2010).

Para Robba e Macedo (2010), quanto à influência norte-americana na produção paisagística brasileira:

> A moderna transformação representada pela obra de Thomas Crurch expressa um enfoque do modernismo norte-americano que foi absorvido pelos projetistas nacionais devido as semelhanças da ocupação urbana que então surgia em ambos os países: grandes bairros de loteamento residenciais, com lotes pequenos e numeroso. No Brasil, os grandes terrenos disponíveis no começo do século XX, voltados para a construção de palacetes, com enormes jardins que emolduravam as edificações, não eram mais viáveis devido ao alto custo da terra urbana. Com a exiguidade do terreno, o jardim também ficou reduzido e passou a ter outra função (2010, p. 124).

A mesma onda de modernização que levou à criação das praças ajardinadas no Brasil também transformou os espaços privados, como os jardins residenciais. Como explicam Robba e Macedo (2010), a influência do modernismo norte-americano, especialmente da obra de Thomas Church, foi rapidamente absorvida pelos projetistas nacionais, favorecida pelo processo de urbanização semelhante ao que ocorria nos Estados Unidos, com a expansão de bairros residenciais com lotes menores e mais numerosos.

Com o alto custo da terra urbana, os grandes jardins que emolduravam os antigos palacetes tornaram-se inviáveis, forçando o jardim a se tornar menor e a assumir uma nova função, mais integrada à casa e ao lazer.

No entanto, apesar das semelhanças no processo, a aplicação do modelo americano de "jardim-pátio", no Brasil, ocorreu com diferenças marcantes. Primeiramente, sua incorporação se deu de forma socialmente restrita, concentrando-se principalmente nos jardins das elites. Em segundo lugar, a estética brasileira se distinguiu notavelmente pelo uso intenso e exuberante de vegetação nativa e tropical, criando uma identidade paisagística própria e distinta da californiana.

Se o modernismo redefiniu a função das praças e jardins em torno do lazer e do convívio, a praça contemporânea radicalizou esta flexibilidade, uma vez que, segundo Favole (1995), esta se liberta da necessidade de ter uma função específica ou de depender de um monumento, tendo como único propósito ser um local atrativo para encontros e reuniões.

A indefinição funcional se reflete diretamente na sua forma, como apontam Robba e Macedo (2010). Para os autores, o paisagismo

contemporâneo inaugurou uma "terceira linha de projeto" (Robba e Macedo, 2010, p. 145), que, por ser um reflexo direto da sociedade atual, englobou inúmeras posturas e tendências, configurando-se quase como um "neo-ecletismo" (2010, p. 145).

> As praças contemporâneas são representativas de uma conjuntura urbana na qual muitas formas e expressões são aceitas. Utilizando-se das novas tecnologias dos materiais construtivos, os projetistas têm a seu alcance um espectro extremamente amplo de possibilidades para concretizar suas intenções. Essas diversidades e algumas características básicas podem ser observadas em projetos implantados e cidades brasileiras a partir de meados da década de 1980 (Robba e Macedo, 2010, p.146).

De acordo com Font (2003), a praça contemporânea é um espaço de reunião, criado para e pela sociedade, com significados e marcos centrais que servem como pontos de chegada, partida, concentração e dispersão, frequentemente abrigando comércio formal e informal, como feiras populares. Portanto, a praça e seu entorno são dinâmicos e estão em constante movimento.

Quadro 2: Caracterização dos projetos de praças contemporâneas

Caracterização dos projetos de praças contemporâneas de acordo com suas formas e programas	
Forma	**Programa**
Revitalização e restauros da imagem, o velho e o novo uso.	Introdução ao uso comercial e de serviços (utilitarismo).
Reconfiguração e mudanças estruturais.	Direcionamento do uso para a passagem de pedestre e a circulação, com a criação de esplanadas e a revalorização da praça seca.
Colagem decorativa e irreverência.	Criação de espaços multifuncionais e adaptáveis, que podem ser utilizados pela população das mais diversas formas.
Formalismo gráfico como contraponto à praça ajardinada.	
Cenarizações.	

Fonte: Robba e Macedo (2010), adaptado pelo autor.

O Quadro 2 revela que a praça contemporânea é definida por uma notável pluralidade tanto em sua forma quanto em seu programa. Do ponto de vista formal, os projetos variam amplamente, abrangendo desde a revitalização de estruturas existentes e reconfigurações completas até a irreverência de colagens decorativas e o formalismo gráfico.

Esta diversidade estética corresponde a um programa funcional igualmente flexível e permissivo, uma vez que não só incorpora as formas de utilização já consagradas, como o lazer e o encontro, mas também aceita novas interpretações e agrega novas camadas de uso, como o comercial, o de serviços

e o de circulação otimizada em esplanadas. A criação de espaços multifuncionais e adaptáveis é a expressão máxima desta tendência. Desse modo, podemos verificar a valorização de usos que melhor se adaptam às necessidades da cidade contemporânea.

Tendo percorrido o processo histórico que moldou a praça brasileira, do largo colonial à praça contemporânea, a análise se volta agora para o seu funcionamento de maneira geral no contexto atual das cidades brasileiras.

Neste cenário, o uso das praças revela-se extremamente dinâmico, variando conforme horários, dias da semana e períodos do ano, refletindo a própria dinâmica social urbana. Os usos também são influenciados pela localização do espaço — seja no centro, seja na periferia, seja em bairros afastados — e pelas condições de sua infraestrutura (equipamentos, iluminação, limpeza). É através dessas apropriações que a praça pode refletir tanto a aceitação, quanto a resistência a uma sociedade desigual. No entanto, como afirma De Angelis (2005), apesar das múltiplas funções, o entendimento comum converge para a praça como um local de reunião e encontro, cujo real significado só pode ser compreendido ao situá-la no contexto das contradições da vida cotidiana.

A praça é, portanto, um espaço de reprodução da vida, ou das práticas sociais, como defende Carlos (2006), e as contradições ali expressas refletem a maneira concreta de viver dos sujeitos sociais, marcada pelas lutas diárias pela sobrevivência em uma cidade orientada pelo modo capitalista de produção.

As mudanças pelas quais as praças passaram ao longo do tempo são significativas e continuam a ser reelaboradas, afetando sua definição, concepção, aspectos físicos e formas de uso. Entretanto, algo que parece não mudar, pelo menos no entendimento dos planejadores urbanos, é que a praça pública deve se constituir enquanto espaço para permanência. Como aponta Gehl (2015), “psicologicamente a praça sinaliza permanência. Enquanto o espaço de movimento (rua) diz ‘vá, vá, vá’, a praça diz ‘pare e veja o que acontece aqui’” (2015, p. 38).

Fica evidente, portanto, que a praça pública no Brasil percorreu uma longa trajetória de transformação espacial, evoluindo do largo colonial multifuncional para a praça ajardinada eclética, com sua ênfase na contemplação, e desta para a praça moderna, que reintroduziu a diversidade de usos através do lazer ativo.

Esta herança complexa converge para a praça contemporânea, como um espaço "neo-eclético" (Robba e Macedo, 2010) que radicaliza a flexibilidade de formas e programas para responder às dinâmicas urbanas atuais.

Tendo compreendido como a praça se transformou fisicamente ao longo da história, a questão fundamental que se coloca agora acerca de seu significado: em meio às contradições, privatizações e novas demandas sociais, como este espaço, atualmente, ainda se afirma enquanto lugar do encontro, da permanência e da vida pública?

4.1 Permanência e fluxo: a dinâmica funcional da praça contemporânea

O longo processo histórico das praças, desde sua materialização na Ágora Grega e no Fórum Romano até suas diversas configurações no Brasil, consolidou seu significado no imaginário social como o centro vital da cidade, o lugar do encontro, da visibilidade e da vida pública. Contudo, ao adentrarmos o espaço urbano contemporâneo, esta premissa fundamental é desafiada, pois observa-se, de modo geral, uma inversão na lógica de muitas praças, que parecem deixar de ser centros de convergência e troca para se tornarem, cada vez mais, meros espaços de passagem, fluxo e não permanência.

Há um consenso sobre o caráter multifuncional e social da praça pública. Bortolo (2015), por exemplo, a considera um "lócus privilegiado" (2015, p. 118) da cidade, onde é possível resgatar valores sociais, históricos e culturais. Esta visão é corroborada pela Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU, 2000), que define as praças como "espaços livres públicos onde as pessoas podem se reunir para inúmeros fins", desde manifestações políticas e religiosas até atividades de entretenimento.

No contexto do espaço urbano, as praças foram, e ainda são, em algumas cidades, locais de articulação urbanística e arquitetônica, que proporcionam convivência e lazer para a população, reunindo, em seu entorno, as principais estruturas institucionais, comerciais, residenciais, de transporte, lazer etc.

Assim, enquanto espaço público livre de edificações, as praças públicas possuem um importante papel de consolidação das relações sociais e das identidades urbanas, sendo de irrefutável valor para a história da cidade em que se encontram.

Robba e Macedo (2002) conceituam que as praças públicas, pelo seu valor histórico como local de encontro e lazer, são espaços nos quais acontecem trocas culturais e comerciais, manifestações festivas e políticas, e estão presentes em cidades grandes, médias e pequenas.

Uma característica fundamental das praças públicas é sua configuração espacial, que pode apresentar diferentes formas para abrigar uma diversidade de funções que este espaço é capaz de abarcar. Esta configuração consolidou um padrão urbanístico que se implantou na maioria das cidades brasileiras, qual seja: espaços distintos de caráter cívico, religioso, comercial, residencial e mais atual com funções de práticas culturais, esportivas e lazer.

Como ensinado por Milton Santos (2016), a análise da praça pública, em particular, se beneficia imensamente desta leitura de espaço. Este processo evidencia que os espaços livres públicos resultam de uma complexa articulação entre as categorias forma, função, processo e estrutura social, sendo possível compreender e interpretar como a praça, enquanto um objeto geográfico, sofreu diversas transformações no tempo e no espaço da cidade contemporânea, com sua forma histórica designando distintas funções a cada período.

A categoria "processo", definida por Santos (2016) como a dimensão temporal da análise espacial, encontra uma aplicação direta no fenômeno da urbanização pós-Segunda Guerra Mundial. Bortolo (2015) lança mão desta perspectiva para explicar as transformações das praças nesse período, conforme a citação abaixo:

> No período pós II Guerra Mundial, a urbanização se torna um processo em expansão, as cidades crescem e com isso, as praças vão se modificando, e ao mesmo tempo, o sistema de comunicação vai se transformando e alterando a vida dos cidadãos, tirando as pessoas aos poucos da praça [...] não importa se são chamados de pátios, largos, terreiros, pois segundo Macedo (2003, p. 29) “[...] todos estes termos acabam por denominar a uma praça” (2015, p. 32).

O termo praça tem inúmeras conceituações, podendo abranger uma grande diversidade de espaços urbanos, sendo intercambiável com diversos tipos morfológicos de espaço públicos e, a depender deste tipo, pode ser também chamada de largo, pátio, terreiros, entre outros. No entanto, de maneira geral, há consenso entre os autores em definir a praça como um espaço de convivência dos habitantes urbanos (Robba e Macedo, 2002).

Partindo da concepção de Segawa (1996), que define a praça como “um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano” (1996, p. 31), torna-se essencial analisar como a essência histórica se transformou e adquiriu novas funções na cidade contemporânea.

> Na atualidade é necessário compreender as funções que as praças e os demais espaços públicos realizam na cidade, mudanças de suas formas etc. O item principal a ser observado é a prática do lazer, implantada pelos modernistas como um ato de extrema importância para os habitantes dos espaços urbanos do século XX e início do XXI. A partir das distintas conceituações sobre parques e praças se compreende tais espaços públicos como sendo espaços com a presença de área verde, apresentando-se também com equipamentos de uso público, seja para recreação, lazer, bancos, espaços de caminhada, do encontro, assumindo, portanto, uma dimensão multifuncional (Bortolo, 2015, p. 32).

Segundo Bortolo (2015), a dimensão multifuncional é a chave para compreender as praças na atualidade. Esta característica é um legado direto do pensamento modernista, que consolidou a prática do lazer como uma necessidade fundamental para os habitantes das cidades. Assim, a praça contemporânea define-se pela combinação de elementos físicos (áreas verdes, equipamentos) e sociais (recreação, encontro), consolidando-se como um espaço versátil e essencial para a vida pública.

A depender da sua morfologia, as praças públicas podem apresentar significados diferentes na sintaxe urbana da quadra em que está inserida. Por exemplo, as antigas praças medievais são caracterizadas pelo contraste entre o “vazio” do espaço livre com o denso casario do seu entorno e seus acessos por ruas estreitas, fazendo com que a praça se torne um marco visual na paisagem.

Na contemporaneidade, é preciso compreender as funções que as praças e os demais espaços públicos realizam na cidade, muitas destas já conhecidas, como o lazer passivo e a contemplação, outras, sendo o resultado da superação de modos de vida passados e a construção de novas práticas socioculturais, como a prática de esportes e atividades culturais.

No contexto brasileiro, as funções das praças públicas brasileiras foram se transformando com o passar do tempo, sendo relacionadas, muitas vezes, ao processo de urbanização das cidades, atrelado a uma lógica capitalista de produção do espaço.

Com base em Macedo (2003), Bortolo (2015) constrói uma cronologia acerca das mudanças nas funções desempenhadas pelos espaços públicos de lazer em diferentes períodos brasileiros, como podemos ver no Quadro 3.

Quadro 03: Funções desempenhadas pelos espaços públicos de lazer em diferentes períodos brasileiros

Período	Colonial Século XVI e XVII	Mudanças e transições Século XVIII	Moderno Século XIX	Contemporâneo Século XX e Início XXI
Função Social Dos espaços públicos de lazer	Convívio social Uso religioso Uso militar Comércio e feiras Circulação Recreação	Convívio social Circulação Contemplação Passeio Cenário	Convívio social Circulação Contemplação Recreação Cenário Lazer cultural Lazer esportivo	Convívio social Contemplação Circulação Recreação Cenário Lazer esportivo Lazer cultural Comércio Serviços

Fonte: Bortolo (2015) com base em Macedo (2003).

Percebe-se que, se considerarmos apenas os espaços públicos de lazer, o espaço público nas cidades brasileiras diversificou bastante suas funções no decorrer dos períodos históricos, preservando algumas funções desde suas origens, como o convívio social, perdendo algumas, no caso do uso militar, e agregando outras, que se mantêm desde o século XVIII até os dias atuais, como a função contemplativa. Algumas funções foram agregadas com o advento do urbanismo moderno no século XIX, como o lazer cultural e esportivo, que parecem dar o tom aos espaços públicos na maioria das cidades contemporâneas brasileiras.

No contexto das cidades contemporâneas, os usos e funções atribuídos aos espaços públicos evidenciam a relevância das praças e o acúmulo encontrado nesta tipologia. Logo, quanto mais funções acumuladas, maior será o seu grau de importância para a sociedade e consequentemente, para a vitalidade da cidade, confluindo para um caráter espacial multifuncional.

Nesse sentido, destacamos a praça central, por exemplo, “presente nas cidades pequenas brasileiras, que costuma servir de espaço de sociabilização,

passeio, recreação, consumo, manifestação política e também local de eventos festivos, sendo um importante, senão a maior, referência municipal" (Araújo, 2018, p. 88).

Segundo Araújo (2018), ao tratar sobre a natureza dos espaços públicos, do ponto de vista do seu uso, considerando a capacidade de transformação destes espaços no decorrer do tempo:

> Normalmente, no momento do estabelecimento de um espaço público, seja ele uma rua, largo ou praça, ele costuma apresentar uma função (ou funções) inicialmente condizente com a sua natureza, recebendo características arquitetônicas que permitam a realização das atividades previstas. Pode-se citar como exemplo os jardins públicos de contemplação e descanso, que normalmente são concebidos com vegetação ornamental e assentos, assim como barreiras para elementos do entorno que poderiam comprometer a sensação de isolamento geralmente oferecida por esse tipo de equipamento. No entanto, compreendendo a relativa impermanência dos costumes e consequente obsolescência de algumas práticas, percebe-se que, com o passar do tempo, espaços públicos como esses podem tanto perder funções antigas quanto receber novas funções. Dessa forma, um jardim de contemplação pode deixar de ser um local de desfile das classes mais abastadas e passar a ser utilizado como local de prática de caminhada esportiva, ou de recreação, alterando sua função principal e, eventualmente, seu público (2018, p. 88-89).

A autora se refere, de modo claro, aos espaços públicos planejados intencionalmente para funções específicas, não excluindo a lógica de subversão de suas funções pela população para espaços não planejados, no contexto do quotidiano ou ocasionalmente. Esta lógica é corroborada pela teoria da produção de Henri Lefebvre, mediante a apreensão do espaço vivido.

A análise de Araújo (2018) sobre espaços públicos revela um ponto fundamental, qual seja: muitas de suas funções não são previstas no projeto original, mas emergem do processo histórico ou de novas dinâmicas sociais.

Crucialmente, a autora defende que as novas funções podem ser exercidas sem a necessidade de qualquer adaptação espacial, um conceito que se aplica perfeitamente às praças públicas. Exemplos disso são a ocupação de largos e praças para atividades culturais ou a transmissão de filmes, práticas que modificam momentaneamente a função do local.

O Festival de Vídeo Mapping da Bahia (Figura 4), que projeta imagens sobre as estruturas da Praça Municipal de Salvador, ilustra, exemplarmente, como uma forma existente pode assumir uma instantânea e nova condição de objeto cultural.

Figura 4: Festival de Vídeo Mapping da Bahia, Praça Municipal de Salvador, agosto 2021



Fonte: *Jornal Correio da Bahia* (2021).

No entanto, a apropriação espontânea do espaço, que gera novas funções, nem sempre é harmoniosa. Como adverte Araújo (2018), quando as funções exercidas entram em profundo desacordo com as potencialidades ou a natureza de um espaço, elas podem se revelar como verdadeiros problemas para a vida urbana.

Em resumo, a dinâmica funcional da praça contemporânea se define pela tensão constante entre **permanência** e **fluxo**. Se, por um lado, a crítica aponta uma "lógica invertida", que a reduz a um mero espaço de passagem, a análise demonstrou que o "fluxo" também é uma força criativa, manifestada em eventos temporários e apropriações espontâneas que reinventam o local. A praça atual não perdeu, portanto, sua função de encontro, mas a complexificou, tornando-se um palco em que a necessidade ancestral de permanência dialoga, coexiste e, por vezes, entra em conflito com a velocidade e a impermanência da vida urbana, definindo sua vitalidade e seus desafios em uma cidade fluida e em constante transformação.

5. Percepção Ambiental: ferramenta para compreensão do uso e funções das praças públicas

O crescente interesse por estudos e projetos focados nas praças públicas urbanas tem impulsionado a busca pela compreensão e maximização dos benefícios que estes espaços podem oferecer à população. A tendência levou os pesquisadores a investigarem a relação entre o ser humano e estes locais, bem como os sentimentos que nutrem por eles. Logo, os estudos de percepção ambiental se revelaram uma ferramenta essencial para entender como o indivíduo vê e sente um determinado espaço, o que, por sua vez, pode explicar suas ações em relação a ele (Costa e Colesanti, 2011; Del Rio, 1996).

A percepção ambiental se torna, com isso, crucial para entender os usos e funções das praças públicas, uma vez que as relações sociais e os sentimentos dos usuários são fundamentais para a dinâmica destes espaços. Entender esta conexão é vital para o planejamento e a gestão das praças, garantindo que elas continuem a ser elementos vitais e relevantes na vida urbana.

Entre as contribuições da percepção ambiental aos estudos do campo de conhecimento do urbanismo, destaca-se a obra clássica de Kevin Lynch *Imagem da Cidade* (1960). Em uma abordagem interdisciplinar com a Psicologia Ambiental, o estudioso lança mão da percepção ambiental, que trata a "experiência urbana como atividade perceptiva e do processo de cognição como um momento vital para compreensão e retenção das imagens estruturadoras desta experiência" (Del Rio, 1990, p.13).

Os estudos de percepção ambiental na arquitetura são fundamentais para entender a relação entre a pessoa e o ambiente, permitindo a criação de diretrizes que aprimorem a qualidade dos projetos. A relevância da obra de Lynch, neste contexto, vai além da arquitetura, sendo aplicada também em estratégias de *marketing* urbano, conforme abordado por Castello (2005).

Dessa forma, os estudos de percepção ambiental buscam explicar as atitudes do indivíduo em relação a um ambiente específico, baseando-se em como ele compreende e nas impressões que tem sobre aquele espaço (Del Rio, 1996). Para Tuan (2012), as impressões são construídas a partir e estímulos ambientais percebidos pelo indivíduo através dos seus sentidos, somados à sua cultura e personalidade. Entender os problemas ambientais, segundo o autor

supracitado (2012) exige, antes de tudo, compreender os seres humanos que interagem com o ambiente. Castello (1996) reforça esta ideia, afirmando que, na prática do urbanismo, é cada vez mais vital ter clareza sobre a relação pessoa-ambiente.

Entre os diversos conceitos de percepção abordados nos estudos pesquisados, destaca-se a definição proposta por Tuan (2012):

> [...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Conforme o autor, além dos cinco sentidos tradicionalmente conhecidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), o ser humano possui outras formas de registrar informações do ambiente (Tuan, 2012), sendo a percepção humana uma dessas formas, guiada pelos sentidos, essencial para avaliar a relação do indivíduo com seu espaço e como ele enxerga o mundo externo (Ferreira, 2005).

De acordo com Chauí (2000), a percepção ambiental é resultado do contato entre os sentidos humanos e o mundo. Para a autora:

> A percepção envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. Percebemos as coisas e os outros de modo positivo ou negativo, percebemos as coisas como instrumentos ou como valores, reagimos positiva ou negativamente a cores, odores, sabores, texturas, distâncias, tamanhos. O mundo é percebido qualitativamente, efetivamente e valorativamente. Quando percebemos uma outra pessoa, por exemplo, não temos uma coleção de sensações que nos dariam as partes isoladas de seu corpo, mas a percebemos como tendo uma fisionomia (agradável ou desagradável, bela ou feia, serena ou agitada, sadia ou doentia, sedutora ou repelente) e por essa percepção definimos nosso modo de relação com ela (Chauí, 2000, p. 155).

A percepção ambiental, conforme apontam Tuan (2012) e Chauí (2000), por exemplo, é como um processo que transcende a mera captação de estímulos sensoriais, enraizando-a profundamente na experiência humana e cultural. Tuan (2012) salienta que a percepção está intrinsecamente ligada à cultura de um grupo social específico. Isso significa que cada pessoa tem uma singularidade perceptiva e uma visão particular do seu mundo (Costa e Colesanti, 2011). Desse modo, outros fatores que influenciam a formação da percepção, como

aspectos culturais, idade, sexo e o momento vivenciado, também devem ser levados em conta (Tuan, 2012).

Chauí (2000), por sua vez, enfatiza que a percepção ambiental é um resultado do contato entre os sentidos e o mundo que envolve a totalidade da personalidade humana – nossa história, afetividade, desejos e paixões. Para a autora, percebemos o mundo qualitativa, afetiva e valorativamente, atribuindo significados positivos ou negativos, o que, em última análise, define nosso modo de estar e nos relacionar com o mundo.

Juntos, os autores supracitados apontam que a percepção ambiental é um fenômeno complexo, subjetivo e fundamental para a construção de nossa realidade e a maneira como nos conectamos com o ambiente.

Para Rappaport (1980, apud Pessoa, 2009), a percepção ambiental é o conjunto de atitudes, motivações e valores que influenciam como diferentes grupos sociais definem o ambiente que percebem. Além disso, a percepção não só afeta seu conhecimento, mas também seu comportamento dentro do ambiente.

Em última análise, a percepção ambiental é um processo de construção mental que envolve a interação entre o indivíduo, a sociedade e o ambiente, ocorrendo por meio de mecanismos perceptíveis e, principalmente, cognitivos (Del Rio, 1999). Concluímos que a forma como cada pessoa percebe os elementos do ambiente é moldada por sua realidade individual, cultura, entre outros fatores. Portanto, reconhecer as diversas percepções pode nos ajudar a entender por que diferentes indivíduos interagem com os espaços públicos, sobretudo com as praças públicas.

Em seu estudo intitulado *Repensando o lugar no projeto urbano*, Castello (2005) promove a reflexão acerca de como a sociedade da virada do milênio (1985 – 2004) está percebendo o lugar no contexto urbano. Ao tratar sobre a percepção do lugar, o autor atribui à percepção ambiental a capacidade das pessoas identificarem lugares, conferindo sentidos aos espaços.

De acordo com o autor:

> As relações entre as pessoas e os espaços, além da evidente correspondência física que forçosamente entre eles se estabelece, tem um forte componente psicológico. As pessoas se sentem melhor em certos espaços. Ou, em outras palavras, certos espaços se distinguem dentro do Espaço maior onde se situam as pessoas e, e ao se

> distinguirem, se tornam percebidos de maneiras diferentes. Em geral são espaços percebidos como detentores de qualidades. Diz-se, então, que esses espaços são percebidos como lugares por seus usuários. Suas qualificações habitam-nos a serem percebidos como um lugar, delimitado do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é: permitem distinguir um lugar de um espaço (Castello, 2005, p.15).

O que Castello descreve como "sentir-se melhor em certos espaços" ou a distinção de "certos espaços dentro do Espaço maior" é exatamente o cerne da percepção ambiental. Este campo de estudo se dedica a entender como os indivíduos percebem, interpretam e atribuem significado aos ambientes que os cercam. Quando um espaço se distingue e é percebido como detentor de qualidades, por exemplo, ele transcende sua mera existência física e se transforma em um lugar.

A percepção ambiental investiga como as qualidades de um ambiente — sejam elas visuais, sejam auditivas, sejam táteis, sejam até mesmo emocionais — influenciam a maneira como ele é percebido e vivenciado. Esta distinção entre "lugar" e "espaço", apresentada por Castello, é fundamental. Um espaço é um campo neutro, enquanto um lugar, é um espaço que ganhou significado e identidade através da experiência e da percepção humana. Por exemplo, uma praça pode ser apenas um espaço vazio para alguns, mas, para outros, é um lugar de encontro, de memórias, ou de tranquilidade, carregado de valor pessoal e comunitário.

Dessa maneira, o campo da percepção ambiental oferece as ferramentas e metodologias necessárias para analisarmos e entendermos como as qualidades de um espaço — ou a falta delas — são percebidas. Ao aplicar esta ferramenta à compreensão dos usos e funções das praças públicas, é possível percebermos como as funções e os usos destes locais moldaram, no decorrer do tempo, profundamente a experiência sensorial e cognitiva das pessoas. Por exemplo, os sons do comércio ou de celebrações religiosas, os cheiros característicos de feiras e a sensação de segurança de um espaço fortificado, tudo isso pode contribuir para a construção mental e as impressões que os indivíduos terão destes locais (Del Rio, 1999).

A compreensão da percepção ambiental pode ser um fator crucial para a conservação e manutenção das praças públicas. Isso se aplica tanto à melhoria

geral destes espaços, quanto à sua ampliação, proteção e promoção, visando garantir às comunidades um ambiente agradável de convívio social.

Logo, interpretar a percepção ambiental representa um desafio para a adequação e otimização da funcionalidade destas áreas, já que as comunidades que vivem próximas a estes espaços detêm um conhecimento valioso sobre seus recursos e os problemas que enfrentam. Elas podem, inclusive, sugerir soluções que alinhem as práticas de gestão com estratégias de conservação (Silva, Cândido e Freire, 2009).

A praça se beneficia da integração com os estabelecimentos ao seu redor, o que a torna mais atrativa e até competitiva com opções de lazer privadas. Eventos como feiras e apresentações culturais também promovem a integração com o entorno e valorizam o espaço, que deve ser flexível para atender às diversas necessidades da população sem gerar conflitos.

Em síntese, a percepção ambiental emerge como uma ferramenta indispensável para aprimorar o planejamento e a gestão das praças públicas, transformando-as em espaços urbanos mais funcionais e significativos. Compreender como os indivíduos percebem e interagem com estes ambientes — um processo moldado por aspectos sensoriais, cognitivos, culturais e pessoais, como abordado por Tuan (2012) e Chauí (2000) — é crucial para decifrar seus usos e funções.

Kevin Lynch (1960), por exemplo, demonstra a relevância da percepção na construção da imagem da cidade. A presença de áreas verdes, a promoção de eventos culturais e a localização acessível são fatores que atraem e retêm os frequentadores. No entanto, desafios como a insegurança e a falta de limpeza são pontos críticos que impactam negativamente a experiência dos usuários. Portanto, para que as praças continuem a ser elementos vitais na vida urbana, é fundamental que seu desenvolvimento e manutenção sejam guiados pela percepção da comunidade. Isso implica priorizar a acessibilidade, a infraestrutura básica, a integração com o entorno e a segurança.

Ao envolver ativamente os moradores e frequentadores, que detêm um conhecimento valioso sobre suas necessidades e problemas, é possível criar praças que não apenas atendam às demandas funcionais, mas que se tornem verdadeiros "lugares" de convívio, pertencimento e bem-estar, refletindo e enriquecendo a identidade coletiva da cidade.

6. Usos e funções do espaço público na Praça Matriz de Lauro de Freitas

Este capítulo explora a evolução urbana e socioeconômica de Lauro de Freitas, desde suas origens rurais no século XVI até sua configuração metropolitana atual.

A partir da década de 1970, obras de infraestrutura, como a Estrada do Coco e a Avenida Paralela, impulsionaram transformações que alteraram drasticamente a estrutura produtiva local, criando um tecido socioespacial heterogêneo, tornando o município um polo de empreendimentos de alto padrão e uma cidade-dormitório para a população de baixa renda.

Em paralelo à urbanização, a Praça João Thiago dos Santos (Praça Matriz) também passou por significativas transformações espaciais. De um espaço rural nas décadas de 1960 e 1970, evoluiu para um centro administrativo e cultural, marcado por melhorias urbanísticas e reformas. A praça tornou-se um espaço multifuncional, capaz de abrigar grandes eventos, mas que ainda enfrenta desafios relacionados à sua infraestrutura e ao uso contemporâneo.

Por fim, o capítulo aborda a percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz, utilizando levantamentos físicos, mapeamento comportamental e entrevistas para compreender os usos, funções, necessidades e expectativas dos frequentadores. A análise detalha como as características físicas e a acessibilidade influenciam o comportamento, revelando padrões de permanência e fluxo, além de desafios relacionados à segurança e conforto, a fim de demonstrar o potencial do local para se tornar um espaço ainda mais convidativo e multifuncional, mediante a relação entre o ambiente construído e a experiência humana.

6.1. Breve contextualização histórica sobre a expansão urbana do município de Lauro de Freitas

Para a análise do perfil socioeconômico de Lauro de Freitas, com foco no bairro do Centro, torna-se imperativo apresentar o contexto de sua formação histórica e urbana. A origem do município remonta ao século XVI, quando a antiga freguesia de Santo Amaro de Ipitanga foi estabelecida no contexto da instalação do Governo-Geral do Brasil. Naquele período, as terras foram doadas

a colonos para o cultivo da cana-de-açúcar, com destaque para o latifúndio de Garcia D'Ávila, cuja sede era o Castelo da Torre (Freitas, 2019).

Por séculos, a localidade manteve uma vocação rural e, até a primeira metade do século XX, funcionou como um distrito de Salvador, com sua atividade econômica centrada na produção de hortifrutigranjeiros que supriam tanto a capital, quanto o consumo local (Carigé, 2007; Dias, 2006).

A transição para a atual configuração metropolitana iniciou-se com sua emancipação política em 1962 (Lei Estadual n° 1.753), mas foi na década de 1970 que o município sofreu suas transformações mais decisivas. Um marco inicial foi a redução de seu território de 93 km² para 59,91 km² em 1968, para a implantação do aeroporto e da base aérea. Contudo, os principais vetores de mudança foram as obras de infraestrutura viária, a saber: a abertura da Estrada do Coco (BA-099) e, fundamentalmente, a construção da Avenida Paralela. Esta última integrou Lauro de Freitas de forma definitiva ao polo comercial de Salvador, desencadeando um intenso processo de desenvolvimento e valorização imobiliária (Carigé, 2007).

As consequências da rápida urbanização foram profundas. A estrutura produtiva local foi drasticamente alterada, com a expulsão da agricultura e a ascensão de um setor de comércio e serviços, inicialmente incipiente, mas consolidado com a criação de um polo industrial em 1973.

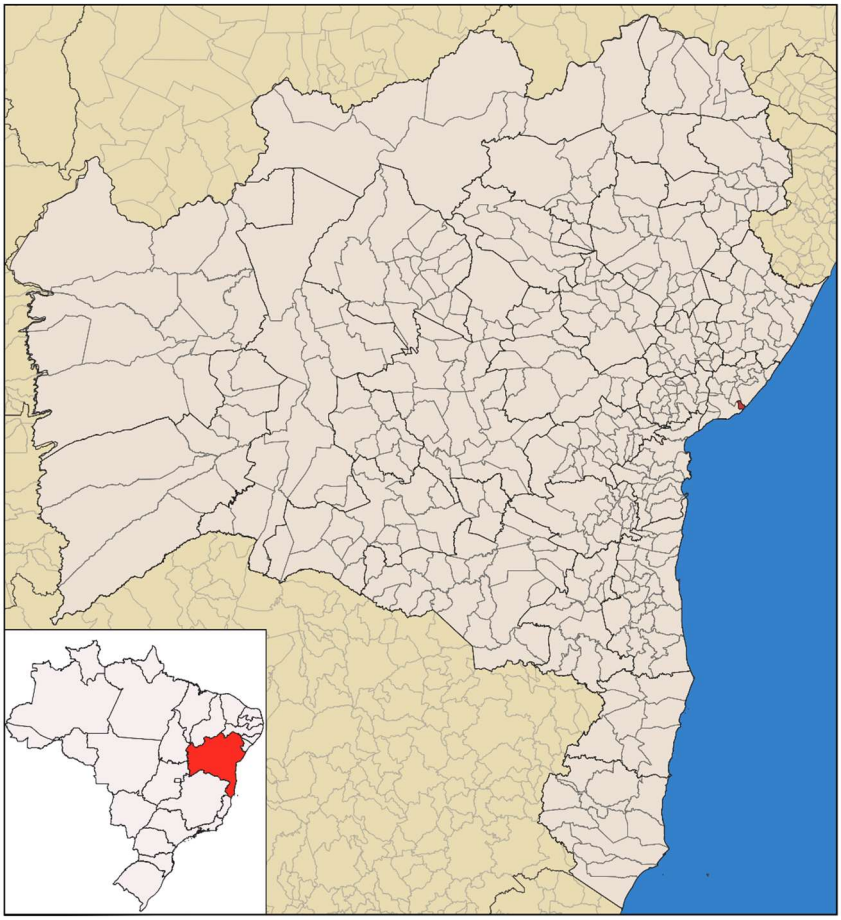
No plano social, o município passou a desempenhar uma dupla função: tornou-se o portão de entrada para empreendimentos de alto padrão no litoral norte, ao mesmo tempo que se consolidou como cidade-dormitório para a população de baixa renda que não conseguia se fixar na capital, dando origem a bairros densamente povoados. Esta dinâmica definiu o perfil socioespacial heterogêneo de Lauro de Freitas (Carigé, 2007).

O município de Lauro de Freitas está geograficamente delimitado, ao sul, por Salvador e, ao norte, pelos municípios de Camaçari e Simões Filho, tendo o Rio Joanes e o Centro Industrial de Aratu (CIA) como seus respectivos marcos de divisa. Com uma área territorial de 57,942 km², o município registrou uma população de 203.331 habitantes em 2022, resultando em uma alta densidade demográfica de 3.509,22 hab/km² (IBGE, 2022)[3]. Com relação ao seu

3 Segundo o IBGE, o dado da proporção de vias públicas urbanizadas considera o número de domicílios urbanos em relação à quadra em vias públicas que possuam em sua infraestrutura o

incremento populacional, o município sempre foi um importante vetor de expansão urbana da RMS. Sua população cresceu rapidamente, segundo o IBGE, e o período de 1970 a 1996 apresentou as maiores taxas de crescimento populacional, a partir de sua emancipação política no ano de 1962 (SEI, 2000).

Figura 5: Localização do município de Lauro de Freitas no mapa da Bahia



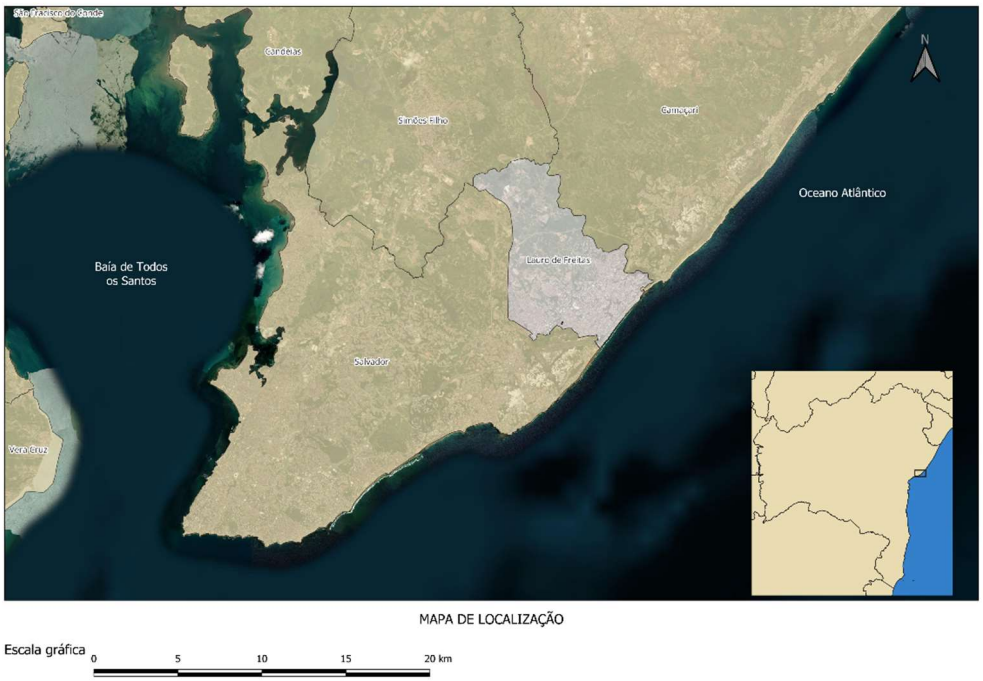
Fonte: elaborada pelo autor (2025).

A partir da década de 1990, Lauro de Freitas assumiu um papel central na dinâmica da Região Metropolitana de Salvador, impulsionado pelo acelerado desenvolvimento do comércio e serviços, que foi incentivado pelo fluxo turístico e por políticas tributárias atrativas. Devido a esse rápido crescimento, o município evoluiu de um relevante sub-centro (PDUI-RMS, 2020, p. 17-19) para sua classificação atual de Polo Sub-regional (BAHIA, 2021), dinamizando o

conjunto dos seguintes elementos: boca de lobo, pavimentação, meio-fio e calçada, sendo este quantitativo dividido pelo total de domicílios urbanos e multiplicado por 100.

desenvolvimento da porção noroeste da capital, com a qual já se encontra conurbado.

Figura 6: Localização do município de Lauro de Freitas na Região Metropolitana de Salvador



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Este vetor econômico, relacionado a novos empreendimentos imobiliários e turísticos na costa atlântica e à lógica de expansão à qual o município de Lauro de Freitas está associado, em direção ao noroeste da RMS, desenvolveu alguns bairros importantes de classe média e alta, e levou à conurbação da cidade de Salvador com Lauro de Freitas e, posteriormente, com o distrito de Abrantes, no município de Camaçari.

A Linha Verde, articulada pela BA-099 (Estrada do Coco), é um novo corredor metropolitano, tendo seu surgimento também relacionado à mão de obra especializada do COPEC, que intensificou a demanda por moradia, que não foi absorvida pelas cidades de Camaçari e Dias D'Ávila, favorecendo o crescimento gradativo da oferta de serviços em Lauro de Freitas.

Interligada ao surgimento da Linha Verde, a expansão do loteamento de Vilas do Atlântico, inicialmente, teve sua origem devido à necessidade de abrigar domicílios para funcionários de alto e médio escalão do Polo Industrial de Camaçari (PDUI-RMS, 2020, p. 25).

Em suas análises acerca da dinâmica sociodemográfica da RMS na segunda metade do século XX e do crescimento habitacional de Lauro de Freitas, Dias (2005) aponta o crescimento demográfico dos municípios da RMS em decorrência de migrações das áreas rurais ou de pequenas aglomerações para os núcleos metropolitanos, que vinham recebendo a implantação de polos industriais entre as décadas de 1950 e 1970 (2005, p. 60).

Segundo a autora:

> Em Lauro de Freitas esses processos incidiram num significativo incremento da população que, principalmente, se assentou nas proximidades do Aeroporto, em área contígua ao bairro de São Cristóvão (situado em Salvador). [...] Lauro de Freitas permanecia como maior ritmo de crescimento da região e, de 1980 a 1991, obteve um incremento de 96% registrando 62 mil moradores nesse último ano e assumindo a posição de terceiro maior contingente demográfico da RMS (Dias, 2005, p. 60-61).

Para a autora, a diferença de classes sociais neste processo de incremento populacional se deu em função da porção territorial que seria ocupada, “destacando a situação que se revelou particularmente em Lauro de Freitas a partir do final dos anos 1990, quando uma parcela de novos residentes, especialmente dos que vieram a residir na sua orla, possuía elevada escolaridade e renda” (Dias, 2005, p. 61), enquanto aqueles que ocupavam as proximidades do aeroporto, em área continuam ao bairro de São Cristóvão, apresentavam um perfil de renda mais baixo e um tipo de ocupação informal.

Diante do exposto sobre o crescimento de Lauro de Freitas, vale observar que as informações destacadas pelo PDUI/RMS e por Dias (2005) focam em duas facetas distintas e complementares da mesma expansão urbana. O PDUI/RMS salienta o vetor de desenvolvimento da cidade formal, impulsionado por empreendimentos imobiliários e turísticos na costa e pela demanda de moradia para a mão de obra especializada e de alto escalão do Polo Industrial, resultando em bairros de classe média e alta como Vilas do Atlântico.

Dias (2005), por sua vez, lança luz sobre a cidade informal, produzida pelo intenso incremento populacional de migrantes com perfil de renda mais baixo. Esta população, segundo a autora, se assentou principalmente em áreas de ocupação informal próximas ao Aeroporto, revelando um processo de crescimento paralelo à orla, evidenciando, com isso, a dualidade social que marcou a formação do heterogêneo tecido urbano do município.

Com o passar do tempo, a desagregação socioespacial na configuração espacial da cidade de Lauro de Freitas foi ocasionada, sobretudo, em função dos loteamentos fechados, impulsionadores da mancha urbana da cidade, provocando um problema de continuidade das avenidas de orla, por exemplo, perceptível pela falta de conexão viária entre Ipitanga e Vilas do Atlântico e entre Vilas do Atlântico e Buraquinho.

Ao tratar sobre o processo de expansão urbana da RMS, PDUI/RMS faz a seguinte leitura sobre a consolidação de Lauro de Freitas enquanto centro urbano:

> Lauro de Freitas buscou consolidar-se como um centro ao norte de Salvador a partir do crescimento e da transformação de loteamentos residenciais. Muitos dos loteamentos que vinham sendo utilizados como veraneio, a exemplo de Vilas do Atlântico, foram aos poucos se consolidando como espaços de primeira moradia e isso colocava o município num contexto mais contundente de conurbação com Salvador (PDUI-RMS, 2020, p. 45).

As repercussões deste modelo de expansão urbana são detectadas no ambiente urbano atual do referido município por meio da configuração territorial, que apresenta áreas de grandes empreendimentos residenciais, empresariais e ocupações de baixa renda. Também estiveram presentes problemas ambientais que afetavam a qualidade de vida da população, principalmente relacionados à macrodrenagem urbana e enchentes, desencadeando o aumento do nível dos rios Joanes e Ipitanga (CONDER, 1994).

Como resultado da lógica de expansão adotada pela produção do espaço urbano no município de Lauro de Freitas, a mancha urbana vem expandindo rapidamente nos últimos anos, sendo perceptível pela substituição das áreas de Mata Atlântica, principalmente em direção ao norte do município, e pela ocupação urbana, resultando em grandes problemas ambientais, sobretudo em áreas de proteção ambiental, como na Área de Preservação Ambiental Joanes/Ipitanga (Silva; Jesus e Hadlich, 2011, p. 19).

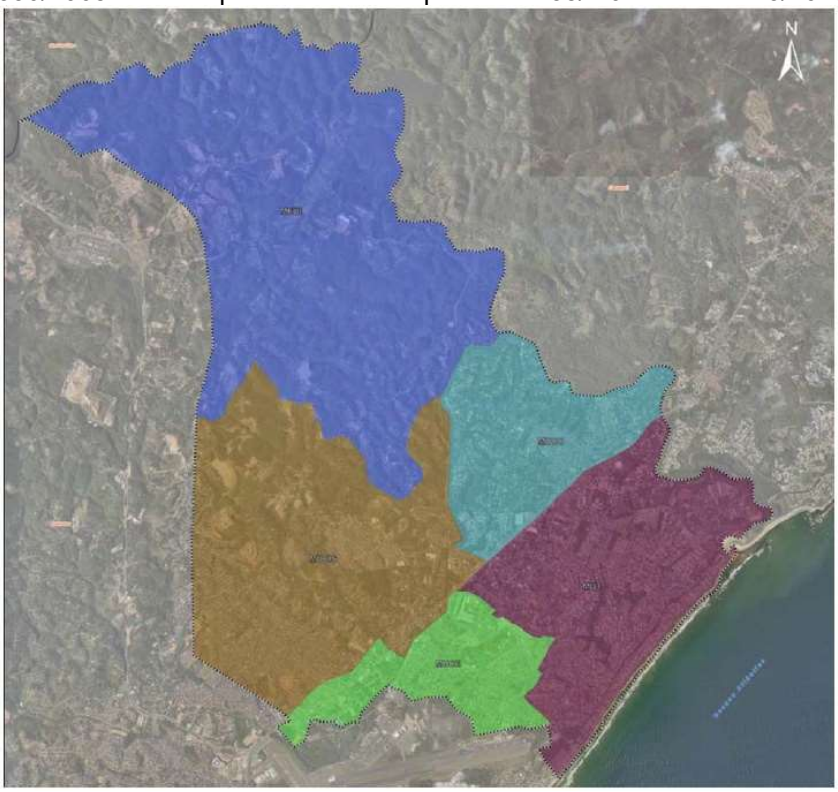
O plano-diretor de Lauro de Freitas foi revisado em 2018 e, entre outras alterações, instituiu o instrumento de Macrozoneamento Municipal. O município define todo o seu território como urbano e utiliza o macrozoneamento como primeira instância de divisão territorial e ordenamento de uso do solo, orientando as diretrizes estratégicas de desenvolvimento social, econômico e ambiental.

De acordo com o plano-diretor, o município considera todo o seu território como urbano e divide a cidade em quatro macrozonas urbanas, estando a Praça Matriz localizada na Macrozona Urbana Central (MUCE), compreendendo os bairros Vila Praiana, Aracuí e Centro (Lauro de Freitas, 2018).

A MUCE deverá ter seu partido urbanístico orientado pelo plano de bairro específico, elaborado de forma integrada para os bairros de Vila Praiana e Centro. O PDDU apresenta as seguintes diretrizes para o planejamento desta MUCE:

> I - Manter a característica residencial, controlando o adensamento e requalificando espaços públicos para ofertar lazer e esporte à população local; II - Integrar as zonas residenciais e de interesse turístico localizadas ao Leste da Macrozona com Salvador, localizado ao Oeste, através de novo sistema viário que contorne o aeroporto, desafogando o sistema viário principal do município; III - Criar espaços de convivência, lazer e prática de esportes, associado a centros de comércio e serviços (PDDU, 2018).

Figura 7: Reprodução Macrozoneamento do plano-diretor de Lauro de Freitas (Lei Municipal nº 1330/2008 alterado pelas Leis Municipais nº 1.458/ 2011 e nº 1.773/2018)



Fonte: Plano-Diretor de Lauro de Freitas, reproduzido no Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da RMS (SEDUR, 2020).

As orientações do plano-diretor para o ordenamento do solo urbano na área onde se localiza a Praça Matriz potencializam sua relevância enquanto espaço público dotado de infraestrutura, havendo de dinamizar seu uso, reforçando seu papel de centralidade.

6.2. Breve contextualização histórica sobre a transformação espacial da Praça Matriz

A construção da Praça João Thiago dos Santos[4], também conhecida como Praça Matriz, em Lauro de Freitas, está intimamente relacionada ao processo de urbanização da cidade a partir da década de 1970. À medida que Lauro de Freitas se desenvolvia e passava de uma área rural para um centro urbano em crescimento, houve uma demanda crescente por espaços públicos que refletissem a nova dinâmica social e urbana.

Figura 8: Localização da Praça João Thiago dos Santos



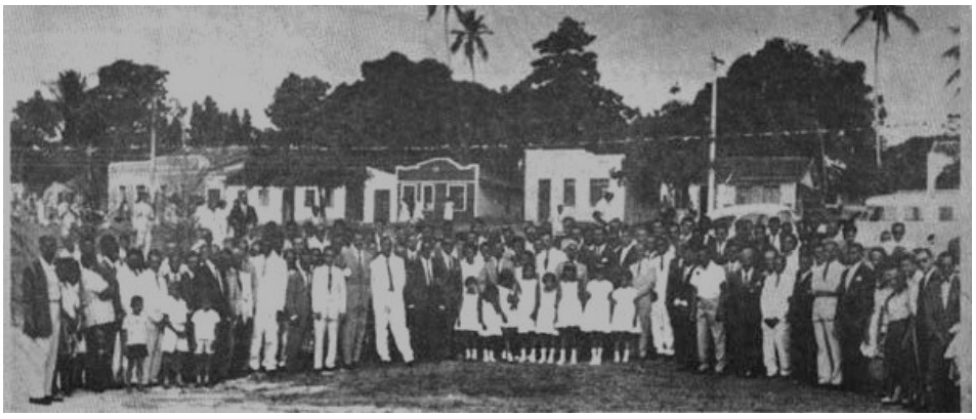
Fonte: elaborada pelo autor (maio/2025).

[4] Apesar de uma pesquisa aprofundada em fontes digitais, incluindo arquivos da prefeitura e da câmara municipal, notícias locais e registros históricos, não foi possível encontrar informações biográficas que identifiquem de forma conclusiva quem foi João Thiago dos Santos, a figura que dá nome à Praça da Matriz em Lauro de Freitas, Bahia. É importante notar que a pesquisa no Blog de Edilson Ferreira revelou a existência de Amarílio Tiago dos Santos, o segundo prefeito do município, que governou de 1967 a 1969. Contudo, a divergência no primeiro nome impede que se confirme, com as fontes disponíveis, se é mesma pessoa ou algum parente.

Conforme Dias (2005), no período de emancipação da Praça Matriz, Lauro de Freitas contava com uma pequena população predominantemente rural, dedicada à produção e comercialização de hortigranjeiros, sobretudo nas feiras de Salvador, e à pesca. Para a autora (2005), as atividades geravam baixos níveis de renda para a população local, e o município possuía uma estrutura voltada para atender suas necessidades internas, com pouca interação com os demais municípios da RMS.

Em Dias (2005) é possível identificar a conformação inicial da Praça Matriz de Lauro de Freitas, quando a autora apresenta uma fotografia (Figura 9) que retrata a solenidade de posse do primeiro prefeito da cidade, realizada na Praça da Igreja Matriz, apontada pela autora como o “centro antigo da cidade”, o que reforça a relevância histórica da Praça Matriz para a cidade de Lauro de Freitas. Através da fotografia reproduzida em Dias (2005), é possível perceber a simplicidade das construções ao redor da Praça Matriz.

Figura 9: Festa de posse do primeiro prefeito de Lauro de Freitas na Praça da Igreja Matriz, em 07 de abril de 1963



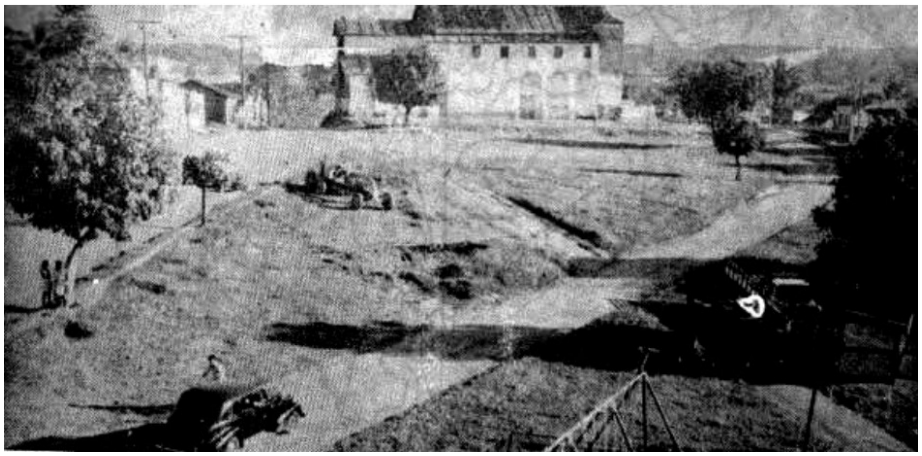
Fonte*:* Dias (2005, p. 76).

Também reproduzida por Dias (2005), outra fotografia (Figura 10) mostra a praça sob outro ângulo, mostrando que o solo da praça e das ruas adjacentes era de terra. Com base nas fotos e nas informações levantadas, podemos afirmar que a área central de Lauro de Freitas, pouco antes da década de 1970 do século passado, apresentava-se como um pequeno núcleo populacional, sem características típicas de urbanização.

A Rua Abelardo Andréa, vizinha à praça central, representada em uma terceira fotografia (Figura 11), presente em Dias (2005), reforça esta percepção: nela, notamos casas com telhados de palha e outras cobertas com telhas de

cerâmica, separadas por cercas de arame, enquanto a rua era recoberta de vegetação, confirmando a ausência de infraestrutura urbana característica (Dias, 2005, p. 75).

Figura 10: Praça da Igreja Matriz, sem data



Fonte*:* Dias (2005, p. 76).

No Centro, local onde se situava a antiga freguesia que deu origem a Lauro de Freitas, encontra-se a Igreja de Santo Amaro de Ipitanga (Figura 12), área que, de acordo com Dias (2005), no início dos anos 2000, já abrigou a prefeitura, a maior parte das secretarias municipais, a biblioteca pública, o ginásio de esportes e a pista de skate, que atrai moradores de diversos bairros do município para a prática do skatismo (2005, p. 115). Além disso, a área concentra regiões densamente habitadas, compostas tanto por loteamentos (populares e voltados para a classe média), quanto por conjuntos habitacionais, como o Clériston Andrade, situado na Estrada do Coco, além de ocupações irregulares, como a invasão dos Irmãos.

Figura 11: Rua Abelardo Andréa, anos 1960



Fonte*:* Dias (2005, p. 76).

Figura 12: Igreja de Santo Amaro de Ipitanga, sem data



Fonte: Disponível em: https://blogdobambole.blogspot.com/p/nossa-historia.html . Acesso feito em: 2024

A seguir, apresentamos um resumo detalhado sobre a evolução sócio-histórica da Praça Matriz em diferentes períodos entre as décadas de 60 e 70 do século passado até os dias atuais.

- **Década de 1960-1970**

Na década de 1960, a praça passou por uma série de mudanças que acompanharam o crescimento urbanístico de Lauro de Freitas. Durante esse

período, a Praça Matriz começou a ser mais formalmente estruturada, refletindo a crescente importância do espaço para a vida social e cultural da cidade. A construção de novos edifícios ao redor da praça e a introdução de melhorias urbanísticas foram marcos significativos.

Figura 13: Praça da Matriz no processo de urbanização, Igreja Matriz ao fundo



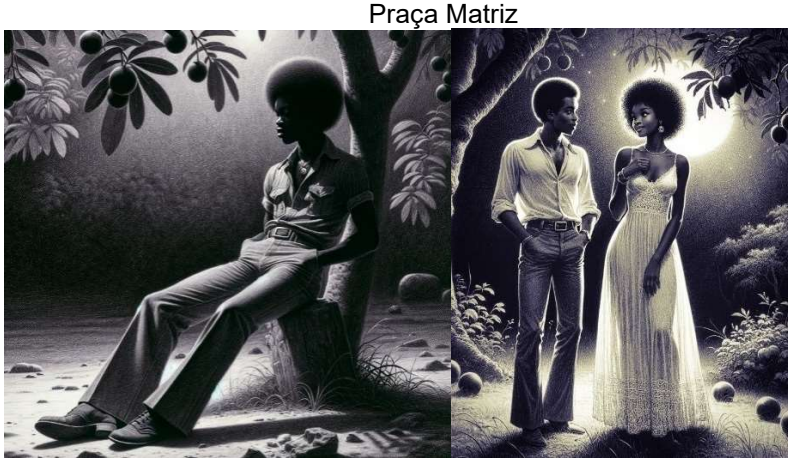
Na foto vê-se antiga foto da Praça da Matriz, antes da urbanização. Observa-se também duas ruas em X, uma motoniveladora, um automóvel Citroen, um caminhão GMC, uma figura humana de bicicleta atrás do carro pelas sombras projetadas no solo.

Fonte: Blog do Bambolé. Disponível em: https://blogdobambole.blogspot.com/p/nossa-historia.html . Acesso feito em: 2024.

Podemos observar, a partir da Figura 13, que, no centro da praça, encontrava-se a Igreja Matriz de Lauro de Freitas, que, à época, pode ser considerado o ponto focal do espaço público. A praça era pouco pavimentada, e o pavimento existente era bastante precário e simples, composto por calçamento de pedra ou ladrilhos, com áreas de terra batida e calçadas de cimento. Completamente diferente do que existe hoje no local, a praça possuía muitas áreas permeáveis e a presença de algumas árvores. Embora a arborização não fosse tão extensa quanto à de praças mais modernas, a área verde disponível parecia ser maior do que a existente hoje na Praça Matriz.

Ainda é possível perceber que, ao redor da praça, surgiram edificações que passaram a integrar o cenário urbano e a existência de ruas que circundam a praça, que atualmente deram lugar às avenidas de interpenetração urbana da cidade, utilizadas quase exclusivamente para a mobilidade com automóveis.

Figura 14: Ilustrações sobre a lenda Mulher de Branco, cenário representando antiga Praça Matriz



Fonte: Blog Márcio Wesley. Disponível em: Acesso feito em: 2024.

A Praça da Matriz, à época, também foi palco de lenda urbana, tão comum e marcante nas estórias das cidades brasileiras (Figura 14). De acordo com o Blog de Márcio Wesley, a Lenda da Mulher de Branco é uma destas estórias folclóricas, sendo uma das mais conhecidas em Lauro de Freitas - BA, e sua narrativa está intimamente relacionada à praça, sobretudo na área em torno da Igreja Matriz.

- **Década de 1980-1990**

Nos anos 1980 e 1990, a praça passou a ser o centro de importantes eventos culturais e políticos, tendo a área revitalizada para acomodar um maior número de eventos e atividades comunitárias. As reformas incluíram a modernização das instalações e a melhoria dos acessos à praça. O espaço ganhou mais destaque, como um local para celebrações e atividades públicas.

A antiga Praça da Matriz, antes da grande reforma que viria a acontecer décadas depois, apresentava uma ambiência urbana bastante pacata e arborizada, como é possível observar na Figura 15. Também se nota a presença de uma fonte luminosa bem mais imponente do que a que existe hoje no local, com figuras mitológicas construídas em pedra.

Figura 15: Antiga Praça da Matriz antes da última grande reforma década de 1980



Vê-se visão panorâmica da antiga praça da Matriz, antes da última grande reforma. Vê-se antiga fonte luminosa com figuras mitológicas (sereias, placa alusiva a inauguração. Gov. Do Estado e P.M.L.F.). Na administração de ACM e Gerino de Souza Filho(1979/1985) ao fundo vê-se Igreja Matriz de Santo Amaro de Ipitanga.

Fonte: foto prof. Paranhos/ Reprodução: Blog do Bambolé. Disponível em: https://blogdobambole.blogspot.com/p/nossa-historia.html . Acesso feito em: 2024

Nesse período, muitas foram as transformações ocorridas no entorno da praça, inclusive com a chegada da gestão municipal (Figura 16). Como apontado pelo portal de notícias *Eu Amo Lauro de Freitas*, na fotografia, vemos o segundo imóvel logo após onde atualmente está localizado o Banco Bradesco (Figura 17). Ao redor da Praça Matriz, é visível a primeira sede da prefeitura municipal[5], que, no presente no local, também sediou a Junta Militar do Município e, posteriormente, entre essas duas décadas, o Banco de Serviços do Município.

[5]Atualmente, o prédio está sendo preparado para um projeto significativo: sua transformação em Museu da Cidade de Lauro de Freitas, um projeto que recebeu aprovação por requerimento na Câmara Legislativa do Município em 2021.

Figura 16: Primeira sede da prefeitura de Lauro de Freitas, sem data



Fonte: IBGE. Reprodução: Blog do Bambolé. Disponível em: https://blogdobambole.blogspot.com/p/nossa-historia.html . Acesso feito em: 2024.

Figura 17: Edifício da primeira sede da prefeitura de Lauro de Freitas, em 2021



Fonte: Google Maps.

Na Figura 18, é possível observar a fonte luminosa presente na praça no período em questão por outra perspectiva e sua integração com a paisagem verde. Além disso, tem-se a presença significativa de área impermeável, com muitas árvores, fortalecendo o ar bucólico originário da Praça Matriz.

Figura 18: Praça Matriz entre as décadas de 1980-1990



Fonte: IBGE, s.d.

Ainda nesse período, foram transferidos para praça outros órgãos administrativos e a prefeitura para terreno paralelo à praça, ao norte, no lado oposto à Igreja Matriz. A praça adquiriu, à época, o status de centro administrativo municipal, com a presença da prefeitura, câmara municipal e secretarias municipais, atrelados à influente atuação da Igreja Católica no espaço público, com a promoção de eventos cívicos e religiosos.

Podemos observar, na Figura 19, a implantação do Centro Administrativo Municipal, causando impacto visual na paisagem antes existente, se apresentando como uma extensão física da praça pública, que até então era um grande espaço livre rodeado por edificações. Esta composição da praça, com o prédio do Centro Administrativo Municipal e, posteriormente, com a chegada do prédio da Câmara Legislativa Municipal, nos remete à possível hipótese de que o espaço público da Praça Matriz poderia, à época, ser lido a partir da ideia de espaço público defendida por Hannah Arendt: “a definição de espaço público estava intimamente relacionada à vida pública presentes na Cidade-Estado grega e na República Romana” (Abrahão, 2008, p. 24).

Figura 19: Centro Administrativo Municipal entre as décadas de 1980-1990



Fonte: IBGE, s.d.

- **Década de 2000-2010**

A partir dos anos 2000, a Praça João Thiago dos Santos se tornou um ponto central na promoção de eventos culturais, como feiras e festivais locais. Com a crescente urbanização de Lauro de Freitas, a praça foi submetida a novos projetos de revitalização que visavam modernizar a infraestrutura.

No ano 2000 a prefeitura municipal de Lauro de Freitas transfere sua sede da lateral do atual Bradesco, no entorno da Praça, para a parte central, continua à Praça Matriz, onde já estava instalado o Centro Administrativo Municipal de Lauro de Freitas, completando a estrutura do poder político administrativo local, sendo transferida para área próxima ao Parque Shopping Bahia, na Avenida Santos Dumont, no ano de 2022.

Figura 20: Segunda sede da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas, ano 2000



Fonte: IBGE. Acesso feito em: 2024.

- **Década de 2010 - presente**

Nas últimas décadas, a praça passou por iniciativas de requalificação e preservação. A administração local transformou a paisagem da praça após grande reforma, com a utilização de elementos arquitetônicos presentes em praças multiusos do período moderno. A praça, neste momento, serve como um ponto de encontro para diversos eventos comunitários e grandes eventos culturais, como a Festa de São João e show de atrações artísticas que atraem grandes públicos. As reformas recentes incluíram a construção de novas áreas de lazer e a instalação parque infantil. Recentemente, a praça teve seus elementos arquitetônicos degradados pelo tempo e por ações de vandalismo.

Figura 21: Serviços de alimentação ao redor, ao nível da rua, na cota superior



Fonte: fotografia tirada pelo autor em maio de 2025.

A Praça João Thiago dos Santos foi reinaugurada após a sua última reforma no dia 22 de agosto de 2012, que incluiu a instalação dos pórticos, marcando seus acessos principais, e a atualização dos aspectos arquitetônicos. A praça também passou a contar com estruturas voltadas para a oferta de serviços de alimentação, ao redor, na cota superior, no nível da rua, como *foodtruck's* e barracas de *hot dog*, que funcionam no período da noite.

Atualmente a estrutura do antigo centro administrativo municipal foi demolida quase em sua totalidade, deixando a área contígua à praça livre de edificações e gramado, se confundido com um possível espaço livre da praça, expresso no cotidiano vivido.

Figura 22: Praça Matriz, foto do canteiro central que atualmente substitui a antiga fonte central que existia na praça antes da grande reforma



Fonte: fotografia tirada pelo autor em maio de 2025.

6.3. Percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz

A pesquisa de campo objeto de análise desta dissertação pretende analisar, a partir da aproximação da abordagem conceitual com o empírico, a percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz, visando compreender os usos e funções da Praça da Matriz em Lauro de Freitas.

A análise se fundamenta na revisão de literatura apresentada na primeira parte deste texto e nos dados levantados na primeira parte da pesquisa de extensão, realizada através de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Governo do Estado da Bahia (FAPESB), via edital público de financiamento em pesquisa e inovação, na qual o autor da dissertação atuou como pesquisador.

A pesquisa de extensão da FAPESB visava entender as práticas socioespaciais existentes na Praça Matriz. Para tanto, foram utilizadas técnicas apontadas pelos Estudos Pessoa Ambiente (EPA), como levantamentos físicos, fotográficos, observação de campo com elaboração de mapas comportamentais e entrevistas semiestruradas aplicadas em pessoas selecionadas na praça.

6.3.1. Percepção ambiental a partir dos levantamentos físicos

A extensão da Praça João Thiago dos Santos é de, aproximadamente, 132mx42m, tendo um espaço de 5.544 m² com usos diversificados, em decorrência das suas características arquitetônicas multifuncionais aplicadas ao espaço em sua última reforma.

A praça é cercada por duas vias paralelas em seu sentido longitudinal, quais sejam: Rua Romualdo de Brito e Rua da Praça Martiniano Maia. A Rua Romualdo de Brito é uma das principais da cidade, sendo considerada uma via coletora, possuindo um grande fluxo de veículos, funcionando em sentido único, assim como a Rua da Praça Martiniano Maia.

Em seu sentido transversal, a praça é limitada pela Igreja Matriz, ao sul, e pela travessa sem nome, entre o terreno do antigo centro administrativo e a praça, que funciona como estacionamento. O acesso principal da praça é possível pelas escadas que conectam as ruas Romualdo de Brito e a da Praça Martiniano Maia, a primeira rua em cota topográfica inferior ao nível da praça, sendo necessário subir degraus de escadas para acessar a praça; a segunda rua em cota topográfica superior, utilizando as escadas para descer ao interior da praça. Outro acesso possível é pelo estacionamento que fica na travessa entre o terreno do antigo centro administrativo e a calçada da praça, sendo conectado no nível da calçada da praça, sem uso de escadas.

Figura 23: Vista de satélite da Praça Matriz, imagem 2D



Fonte: Google Maps.

A delimitação periférica da praça na parte voltada para a Rua Romualdo de Brito se dá pelo muro de arrimo e altura variada, seguindo a topografia da rua, em linha reta e diagonais, formando o contorno de octógonos imperfeitos. Alguns canteiros são formados entre o muro de arrimo e o piso da praça, contornados por bancos de concreto espaçados entre si.

Figura 24: Perspectiva da delimitação espacial da praça e seus acessos



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2023).

No sentido oposto, na parte voltada para a Rua da Praça Martiniano Maia, a praça é contornada perifericamente por taludes no terreno com inclinação de 45 graus e aplicação de gramas em alguns trechos e, em outros, revestimento em pedra. Alguns muros de arrimo para a contenção de trechos no talude servem de área assentável para os usuários.

O piso da praça é praticamente 100% impermeável (Figura 24), com revestimentos cimentícios, em uma grande área livre, com algumas setorizações, uma área destinada a um *playground* infantil, brinquedos de escorregar fixos no chão, uma área com a estrutura coberta de coreto, um chafariz em sua parte central e alguns bancos a contornando. Na parte superior, fora da área interna da praça, na calçada limítrofe com a Rua da Praça Martiniano Maia, para a face da via, encontram-se alguns *trailers* que vendem alimentos com funcionamento no período noturno.

O antigo Bar América, ainda popularmente denominado dessa forma, também localizado na Rua Sete de Setembro, atualmente é um centro cultural. A edificação geralmente é utilizada como apoio para eventos que ocorrem na praça, desde algumas feiras, como também concentração para manifestações políticas.

Figura 25: Praça Martiniano Maia, contígua à Praça Matriz



Fonte: fotografia tirada pelo autor em maio de 2025.

Como pontos de atração de pessoas, nas imediações da praça, encontram-se o Cine Teatro, o Centro de Festa da Paróquia Santo Amaro, um hotel e alguns comércios na Rua Romualdo de Brito. Na Rua da Praça Martiniano Maia (Figura 25), há comércios diversos, academia e uma igreja evangélica. No centro da praça, tem-se a Igreja Matriz, grande ponto de atração de pessoas. Próximo ao coreto, há uma estrutura de pérgola (figura 26), que parece ter sido restaurada algumas vezes e encontra-se em um estado de preservação relativamente conservado, apesar de não possuir nenhum elemento de cobertura sobre as vigas.

Figura 26: Estrutura de pérgola na Praça Matriz



Fonte: fotografia tirada pelo autor em maio de 2025.

As áreas sombreadas por árvores localizam-se nas extremidades da praça, distribuídas de forma espaçada, concentrando-se principalmente nas proximidades do parquinho infantil (Figura 27), ao longo do eixo que se estende em direção ao hotel, em sentido perpendicular à Igreja Matriz, e, em menor número, no lado oposto, nas imediações da via situada na cota superior.

Figura 27: Área de delimitação do parque infantil



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Uma das principais áreas da Praça Matriz, que ocupa uma grande extensão total do espaço, é a praça seca (figura 28), que se estende entre a área do parquinho e a Igreja Matriz. Na localidade, há um chafariz implantado na sua parte central, sem funcionamento, mas ali foram plantados alguns arbustos e o seu contorno é utilizado como banco.

Figura 28: Área de delimitação da “praça seca”



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Na área da “praça seca” ocorre a maioria dos eventos públicos, em diferentes épocas do ano, como a Festa de São João (figura 29), a Festa do

Padroeiro da cidade, apresentações culturais e manifestações políticas. No Natal, a estrutura do chafariz é utilizada para estruturar a árvore de Natal.

Figura 29: Festa de São João na Praça Matriz



Fonte: Blog do Marcio Wesley, s.d. Disponível em: https://www.blogdomarciowesley.com.br/ . Acesso feito em 20/10/2024

Notadamente, as praças secas, por possuírem grandes áreas livres de uso público, como no caso da Praça Matriz, corrobora com aquilo defendido por Araujo (2018), sobre sua transformação momentânea para abarcar a função de eventos, servindo de lugar para festas e manifestações artísticas e culturais mais tradicionais, como o Carnaval, festas juninas e procissões religiosas. A praça não conta com espaços para banheiros, entretanto, quando preciso, são instalados banheiros químicos.

Segundo apontam as pesquisas quanto ao município de Lauro de Freitas, a função de eventos da localidade é viabilizada devido à grande área livre no interior da Praça Matriz. Este fato se consolidou, principalmente, com a realização da Festa de São João, cuja tentativa aventurada de mudar de local pareceu desagradar a população, como é relatado, em junho de 2024, por Márcio Wesley, em seu *blog*:

> Entre os moradores, elevou-se o rumor de que o São João deste ano corre o risco de não ser realizado na praça. Se for verdade, essa

> decisão parece ter sido tomada sem o devido alinhamento com os moradores e lideranças comunitárias. No entanto, acredito que a informação deva está incorreta, pois as festas juninas mais autênticas e tradicionais costumam acontecer nas praças, que, quando decoradas, transformam as cidades em lugares lindos e atraentes tanto para os moradores quanto para os visitantes (Marcio Wesley, 2024).

Este episódio evidencia a importância simbólica deste local como um relevante espaço para a realização dos eventos juninos da cidade. Mello e Oliveira (2020) argumentam que a realização de eventos culturais em espaços públicos aumenta a coesão social e o engajamento comunitário. Para Santos (2019), manter as festas em locais tradicionais é essencial para a continuidade das tradições e o fortalecimento da identidade cultural.

Fora da ampla área livre da “praça seca” central, os *trailers* destinados à alimentação concentram-se nas áreas periféricas da praça, especialmente nas proximidades das vias. Seu funcionamento, atualmente, ocorre à noite.

Com base na avaliação física do espaço, consideramos que os comerciantes preferem este espaço devido à visibilidade, na cota mais alta da praça, ao grande movimento de veículos nas vias e à proximidade com os estabelecimentos comerciais situados nos lotes lindeiros.

A praça apresenta uma escassa vegetação, com concentração de poucas árvores de grande porte em trechos específicos, sobretudo em canteiros em seu perímetro e entre os percursos. Quanto à infraestrutura, podemos observar estruturas conservadas, no entanto, as lixeiras, em sua maioria, estão danificadas. À noite, o local é bem iluminado, contando, além da iluminação pública, com a luz adicional proveniente dos *trailers* de alimentação.

Devido à concentração de vegetação nas extremidades, há uma grande área central sem sombreamento, o que pode influenciar quanto à subutilização da praça pela manhã, sobretudo em dias ensolarados, não tornando o espaço tão convidativo em determinados horários.

A praça conta com bancos, maiormente voltados para as vias, com algumas exceções localizadas no interior do espaço. Há ainda outras possibilidades de assento, como no coreto, na estrutura do antigo chafariz, nos muros de arrimo e nas escadarias de acesso.

A partir da percepção ambiental obtida por meio do levantamento físico da Praça Matriz, é possível compreendê-la como um espaço complexo, que recebe diversos tipos de atividades e pessoas. Logo, é necessário termos um

entendimento mais aprofundado acerca deste tema, considerando como, quando e quem utiliza este espaço. Assim, para nos auxiliar, apresenta-se como ferramenta essencial a observação comportamental mediante as práticas realizadas na praça.

6.3.2. Mapeamento comportamental

Para a compreensão das atividades que são realmente praticadas na Praça Matriz de Lauro de Freitas, inicialmente, consideramos essencial a utilização da metodologia apontada pelos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA), elegendo a aplicação da técnica da observação comportamental, estratégia que permite quantificar e facilitar a visualização dos usos e funções dos espaços da praça e de suas vias adjacentes.

Dessa forma, optou-se por fazer, assim como feito por William H. Whyte (1980) em praças em Nova York e descrito por Gehl e Svarre em *A vida na cidade:* como estudar (2013), um estudo de observação comportamental para a Praça Matriz.

O método utilizado no estudo de observação de comportamento foi mapeamento, que consiste em marcar em um mapa as atividades observadas na área exata em que o indivíduo está desenvolvendo, buscando representar imagens momentâneas ao longo de determinado período (Gehl e Svarre, 2013). Isso faz com que seja identificado o local que as pessoas mais utilizam em determinada hora do dia, sendo possível sobrepor os mapeamentos para que se tenha uma noção total das partes da praça em questão que são utilizadas e as que não são.

No caso da Praça Matriz, a observação de campo possibilitou a identificação de diferentes perfis de usuários e suas atividades desempenhadas por eles na praça. Os mapas comportamentais elaborados pelos pesquisadores fornecem um primeiro retrato sobre a dinâmica da praça, contribuindo para o entendimento dos horários com maior número usuários, o perfil comportamental dos usuários e o padrão de uso da praça.

As observações na praça foram conduzidas ao longo de quatro meses, durante o verão, entre novembro de 2023 e fevereiro de 2024. A metodologia consistiu em percorrer o perímetro e, em seguida, os espaços internos da praça,

em diferentes horários do dia. Priorizamos dias ensolarados, por representarem o maior potencial de uso do espaço, realizando as visitas em 14, 16, 23 e 28 de novembro; 01, 14, 15 e 20 de dezembro; 09, 10, 2, 13, 17, 18, 30 e 31 de janeiro, e 01, 02 e 05 de fevereiro.

Nos dias de observação, foram identificadas pessoas usando a praça para as atividades relacionadas abaixo:

a) Criança no parquinho;
b) Pessoas na feira cultural;
c) Pessoas sentadas;
d) Pessoas em pé;
e) Grupo de jovens estudantes reunidos;
f) Pessoas andando de bicicleta;
g) Pessoa com carrinho de sorvete (vendedor);
h) Pessoas trabalhando (manutenção da praça);
i) Policial ou Guarda Municipal (vigilância da praça);
j) Criança jogando bola;
k) Guardadores de carro;
l) Pessoas utilizando o estacionamento;
m) Pessoas passeando com cachorro, e
n) Pessoas em situação de rua.

Os usos identificados foram classificados em quatro categorias, de acordo com as funções do espaço público apontadas por Araujo (2018), sendo elas: lazer passivo; lazer ativo; permanência, e descanso, explicadas a seguir:

O lazer passivo engloba as atividades de baixa intensidade física, focadas na contemplação, no descanso e na convivência social. É o uso da praça como um local para "estar", uma pausa na rotina urbana. De acordo com Araujo (2018), para que haja a apropriação a partir do lazer passivo ou de contemplação, é imprescindível que, no entorno destes espaços, exista fluxo de pessoas, ou seja, fixos constantes nas vias de acesso. É notório que os espaços voltados para o lazer passivo são potencializados quando estão no entorno com geradores de fluxo, sejam comércio, sejam serviço, sejam institucionais, sejam educacionais. Nesta categoria, agrupam-se os seguintes usos observados na praça:

- Pessoa sentada (jovem, adulto ou idoso): a forma mais fundamental de apropriação do espaço público, utilizando os bancos e áreas abertas para

descansar, observar o movimento, conversar ou simplesmente aproveitar o ambiente.

- Grupo de jovens estudantes reunidos: reforçando o papel da praça como um ponto de encontro e socialização, sendo um espaço seguro e acessível para a interação comunitária a partir de um entorno gerador de fluxo pela presença de escolas.
- Pessoas na feira cultural: embora envolva caminhada, a natureza principal da atividade é a apreciação, a navegação social e o consumo cultural, caracterizando-se mais pela contemplação e interação do que pelo esforço físico, possibilitados por um entorno gerador de fluxo a partir de equipamentos culturais (Cine Teatro) e comunitário (centro paroquial).

O lazer ativo compreende as práticas recreativas e esportivas que demandam movimento e o uso da infraestrutura e dos espaços abertos da praça. Trata-se do uso do local para "fazer", aproveitando seu potencial para a saúde e a diversão. Os usos incluídos são:

- Criança no parquinho e criança jogando bola: representando o uso lúdico e energético do espaço, fundamental para o desenvolvimento infantil e que dá vida à praça. O parquinho é uma infraestrutura dedicada, enquanto o jogo de bola demonstra a apropriação espontânea de áreas livres para a brincadeira.
- Pessoas andando de bicicleta: utilização das vias e áreas abertas para a prática de atividade física, mostrando a função da praça como parte de um circuito de mobilidade ativa e de lazer.
- Pessoas passeando com cachorro: uma atividade recreativa que combina exercício físico leve e interação, tanto entre o dono e o animal, quanto com outros usuários do espaço.

A categoria funcional de permanência e circulação agrupa as atividades que não têm o lazer como objetivo principal, incluindo o trabalho, a prestação de serviços, o trânsito de pessoas e a permanência por necessidade. Estes usos são vitais, pois compõem a ecologia complexa da praça, garantindo sua manutenção, segurança e seu papel como espaço público democrático. Os usos são:

- Atividades de Trabalho e Comércio: incluindo a mulher vendendo roupas, a pessoa com carrinho de sorvete, os guardadores de carro, os

trabalhadores de manutenção e o policial ou guarda municipal. Este grupo representa a dimensão econômica e operacional da praça, em que pessoas geram renda e garantem o funcionamento e a segurança do local.

- Usos Funcionais e de Passagem: as pessoas utilizando o estacionamento exemplificam o uso da praça como um ponto de apoio para outras atividades no entorno da praça, caracterizando uma circulação com um propósito definido.
- Permanência por Necessidade: as pessoas em situação de rua representam uma forma de ocupação do espaço público que não é recreativa, mas, sim, uma expressão de uma necessidade social.

Estas categorias foram marcadas em mapas localizados na praça e vias do entorno pelo grupo síntese de pessoas, gerando 15 mapas comportamentais e alguns desenhos livres de observação. O mapa comportamental sintetizado pode ser observado abaixo:

Figura 30: Mapa comportamental sintetizado: distribuição padrão por grupo de pessoas



Fonte: elaboração autor, 2025

Figura 31: Croqui de observação



Fonte: Samara Santos, bolsista FAPESB.

Os resultados da observação comportamental aqui apresentados partem de uma análise de percepção ambiental dos pesquisadores em campo, constituindo uma imagem do espaço observado mediante o olhar do observador sobre como as pessoas utilizam a praça (figura 31). De acordo com Rocha (2003) e Tuan (1980), este tipo de observação deve ser entendido considerando o olhar do ser humano sobre o espaço, que se modifica de acordo com a vivência ou cultura de cada pessoa (no caso o observador). As imagens formadas com esta interação com o espaço adquirem significados distintos para cada pessoa, resultando em sensações que podem ser positivas ou negativas (Rocha, 2003; Tuan, 1980).

Com os mapas gerados a partir da observação da distribuição espacial dos usuários na Praça Matriz e da interpolação dos dados obtidos, foi possível fazer uma análise quantitativa das áreas mais utilizadas neste espaço, excluindo as pessoas que utilizaram a praça apenas de passagem (fluxo). Ainda com os mapeamentos, elaboramos a Tabela 1, acerca da quantidade de pessoas (sem distinção de gênero ou idade) que realizaram atividades na praça, ou passaram por ela ou pelas vias do entorno.

Quadro 1: Número de pessoas com as atividades de passagem ou permanência na praça e vias

Dia/Uso	Horário	número total de pessoas que passaram pela praça (fluxo e permanência)	número total de pessoas observadas na praça (permanência)	área do parquinho"	área próxima a Igreja Matriz	área arborizada no perímetro da praça (lado Rua Romualdo de Brito"	área arborizada no perímetro da praça (lado rua de acesso a praça martiniano maia)	área de estacionamento próximo no perímetro da praça próximo ao antigo centro	área do Chafariz	área central da praça	área do coreto	área em frente ao Cine Teatro	área de food truck	área em frente a pastoral da Igreja
terça-feira, 14 de novembro de 2023	14 às 17	80	39	7	2	9	5	2	3	4	2	2	0	3
quinta-feira, 16 de novembro de 2023	14 às 17	49	22	3	5	2	2	4	2	1	2	1	0	0
quinta-feira, 23 de novembro de 2023	15 às 18	56	41	7	3	4	3	3	4	1	3	5	6	2
sábado, 25 de novembro de 2023	09 às 12	52	38	6	0	3	4	5	1	2	2	15	0	0
terça-feira, 28 de novembro de 2023	14:30 às 17:30	123	44	4	5	5	3	3	3	3	4	5	4	5
sexta-feira, 1 de dezembro de 2023	19:30 às 22:30	163	62	2	3	8	7	5	6	2	5	9	15	0
quinta-feira, 14 de dezembro de 2023	09 às 12	57	21	5	2	4	3	2	0	3	0	0	0	2
sexta-feira, 15 de dezembro de 2023	16 às 19	78	39	5	4	6	2	4	1	4	2	6	5	0
quarta-feira, 20 de dezembro de 2023	15 às 18	62	20	2	4	6	1	0	0	3	2	1	0	1
terça-feira, 9 de janeiro de 2024	13 às 16	53	26	5	5	4	2	0	3	1	2	2	0	2
quarta-feira, 10 de janeiro de 2024	13:30 às 16:30	74	28	6	4	2	4	3	1	0	3	0	4	1
sexta-feira, 12 de janeiro de 2024	09 às 12	51	17	4	3	2	1	1	1	1	0	2	2	0
sábado, 13 de janeiro de 2024	19 às 22	89	48	7	3	8	6	3	2	1	1	2	10	5
quarta-feira, 17 de janeiro de 2024	14:30 às 17:30	59	24	2	5	2	2	1	1	0	1	6	0	4
quinta-feira, 18 de janeiro de 2024	09 às 12	49	22	0	4	3	1	4	5	1	1	0	1	2
terça-feira, 30 de janeiro de 2024	09 às 12	22	14	4	2	4	0	2	0	0	2	0	0	0
quarta-feira, 31 de janeiro de 2024	16:15 às 19:15	79	41	3	3	8	4	2	7	2	3	4	2	3
quinta-feira, 1 de fevereiro de 2024	19 às 22	81	43	7	6	5	2	4	5	2	4	1	5	2
sexta-feira, 2 de fevereiro de 2024	13:30 às 14:30	27	10	3	4	1	0	1	0	0	1	0	0	0
segunda-feira, 5 de fevereiro de 2024	15:10 às 18:10	45	14	4	2	1	0	3	2	1	0	1	0	0
Total de pessoas observadas		**1349**	**613**	**86**	**69**	**87**	**52**	**52**	**47**	**32**	**40**	**62**	**54**	**32**

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Figura 32: Mapa comportamental sintetizado: permanência de pessoas por áreas da Praça Matriz



Fonte: elaborada pelo autor (2025).

Das pessoas mapeadas, 45,44% estavam utilizando a Praça Matriz como um espaço de permanência sem estar associada à alguma atividade específica. Ao segregar os dados de permanência por turno, a taxa de permanência no turno

tarde/noite tem o maior alcance, 50,95% das pessoas mapeadas, seguida por 48,48% para a permanência no turno da manhã; 45,94% apenas no turno da noite, e 42,67% apenas no turno da tarde.

Desconsiderando as pessoas mapeadas que apenas transitaram pela praça sem permanecer no local, verificamos que a taxa de utilização da praça no período vespertino é de 43,71%, sendo o turno com maior permanência de pessoas. Em comparação, pela manhã, tem-se 18,27%, e, à noite, 38,02%.

Ao observar a distribuição das pessoas em permanência nos espaços da praça matriz, percebemos que a área arborizada no perímetro da praça, no lado voltado para a Rua Romualdo de Brito, tem maior demanda de uso entre as pessoas observadas (14,02%), seguida da área do parquinho (14,02%) e, em terceiro lugar, a área próxima à Igreja Matriz (11,25%). Os espaços menos utilizados pelas pessoas foram a área central da praça e a área em frente à pastoral da igreja, ambos com 5,22%, e a área do coreto, com 6,52%.

Figura 33: Área arborizada no perímetro da praça no período da tarde, lado direito da imagem



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Os dados observados corroboram os elementos-chaves fundamentais para a permanência nos espaços públicos, identificados por Whyte (1980), em sua pesquisa sobre a vida cotidiana em praças públicas de Nova York. Entre os elementos principais apontados por Whyte (1980), que parecem responder aos resultados do mapeamento comportamental da Praça Matriz, estão: a disponibilidade de áreas para se sentar (como degraus ou muretas, além de bancos) e o conforto ambiental, que possui relação com a maior permanência de pessoas na área arborizada no perímetro da praça, principalmente no período da tarde. Outro elemento apontado por Whyte (1980) é a oferta de alimentação

(fixa ou ambulante), que é percebida pela presença de *foodtruck* no período noturno, concentrando 8,80% da permanência das pessoas observadas, além de incrementar a maior taxa de permanência entre o final da tarde e início da noite.

Figura 34: Ambulantes vendendo alimentação e *foodtruck* em funcionamento no período noturno



Fonte: fotografia tirada pelo autor, agosto de 2024.

A proximidade a vias com fluxo de pessoas também é um fator que parece contribuir com os resultados encontrados, se relacionando com os valores encontrados para a permanência de pessoas na área próxima ao Cine Teatro e à pastoral da igreja, que juntos correspondem a 15,33% das pessoas observadas. De acordo com Whyte, juntos, estes elementos aumentam o tempo de permanência das pessoas no espaço público e melhoram a apropriação social para lazer passivo, por este motivo não relacionamos os dados obtidos para a área do parquinho infantil, uma vez que esta atividade é considerada um lazer ativo.

O mapeamento comportamental dos usuários da praça revela que a área do parquinho infantil e suas imediações é o segundo ponto de maior permanência, concentrando 14,02% das pessoas. Esta concentração é ainda mais expressiva aos finais de semana, quando a instalação de brinquedos infláveis, como pula-pula e escorregadores, reforça o caráter de lazer ativo

desempenhado pelas crianças na Praça Matriz, corroborando a tese de Araujo (2018) acerca do tema.

Segundo a autora (2018), para um espaço público abarcar a função de lazer ativo, é necessário que possua apenas elementos geradores de conforto, como superfície com pavimentação uniforme e antiderrapante, áreas livres de barreiras, ou a presença de elementos naturais amenizadores climáticos, como no caso do parquinho infantil da Praça Matriz, com a sua implantação entre árvores frondosas, gerando um sombreamento no brinquedo a partir das 16h (Figura 35).

Figura 35: Área do parquinho infantil no período da tarde



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

A dinâmica de uso do parquinho infantil na Praça Matriz indica nuances interessantes que dialogam com a teoria de Araujo (2018). Embora a autora advirta que estes espaços podem não ser exclusivos das crianças, aqui este funciona como um forte polo de atração, especialmente para viabilizar a brincadeira coletiva quando não há outras crianças nas áreas abertas da praça.

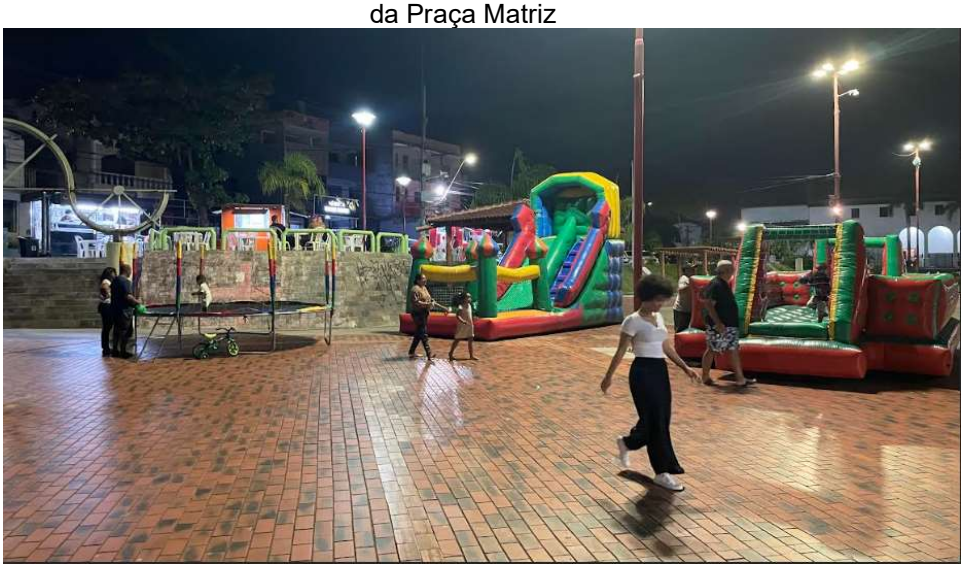
Uma análise mais aprofundada, baseada no mapeamento comportamental, sugere também uma divisão socioeconômica. O parquinho público parece atender a um público com menos recursos, enquanto as crianças com brinquedos próprios (patinetes, bicicletas) ou com acesso aos infláveis pagos, montados aos fins de semana no fim da tarde (Figura 36), preferem os espaços livres.

A Praça Matriz, portanto, se caracteriza como um espaço público multifuncional, conceito discutido por Araujo (2018), pois se adapta a diferentes

usos em momentos distintos. Sua vocação para o lazer ativo, por exemplo, é consolidada pelo parquinho infantil e ampliada nos fins de semana com a instalação de brinquedos infláveis e desmontáveis.

Esta estratégia de usar mobiliário móvel é particularmente bem-sucedida porque permite que a praça se transforme facilmente. Dessa forma, o mesmo espaço que acolhe brincadeiras infantis pode abrigar grandes eventos públicos e religiosos, como as celebrações de São João, da festa do padroeiro e do Natal, sem que uma função permanente impeça a outra.

Figura 36: Brinquedos infantis infláveis instalados em área contínua à área do parque infantil da Praça Matriz



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Em relação às atividades econômicas, segundo o mapeamento comportamental, além da comercialização dos brinquedos infláveis disponibilizados aos finais de semana na praça, há a presença de guardadores de carro nas vias adjacentes e os *trailers* de lanche nas calçadas limítrofes da praça (figura 37), que funcionam no horário noturno e concentram 8,80% da permanência das pessoas observadas na praça. Entre as pessoas observadas nas áreas próximas aos *foodtruck*, 68,5% delas, em qualquer dia da semana, estavam utilizando o serviço dos *trailers* à noite.

O consumo, ou a atividade de troca econômica, sobretudo o comércio de gêneros alimentícios, no caso da Praça Matriz, a venda de lanches e bebidas para consumo local ou doméstico, é apontado por Araujo (2018) como uma atividade vinculada à prática de lazer passivo. Este tipo de função, apesar de ser saudável para o espaço público, é pouco explorado na Praça Matriz,

principalmente no período diurno, o que nos faz pensar que a praça seja pouco dinâmica, a ponto de não ser atrativa para os comerciantes durante o dia.

Esta realidade se torna ainda mais evidente ao se observar a praça vizinha. Em nítido contraste, a Praça Martiniano Maia (Figura 38), contígua à Matriz, apresenta uma intensa e popular atividade comercial no mesmo período, com grande oferta de lanches, bares e bancas de frutas.

Figura 37: Área de *foodtruks* em funcionamento no período noturno na Praça Matriz



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Sexta-Feira é o dia apontado pelas observações em que a praça possui o maior fluxo de pessoas, enquanto o sábado aparece como o dia com maior permanência de pessoas observadas, sugerindo que tendem a passar mais tempo no local neste dia. Nos dias observados, a segunda-feira é o dia com menor fluxo e permanência de pessoas na praça. Com relação ao horário das observações, o período noturno possui intervalos de horários com maior fluxo e permanência de pessoas na praça.

O espaço do coreto chama atenção a partir dos resultados obtidos pelo mapeamento comportamental das pessoas observadas pelo seu baixo potencial de permanência de pessoas. Isso pode estar relacionado à sua posição na praça em um lado poente e à falta de elementos arquitetônicos que amenizem a incidência solar durante o dia (figura 38). À noite, o coreto parece pouco iluminado, além de não possuir nenhum mobiliário que permita a sua utilização

de forma confortável, sendo utilizado, às vezes, como local de destaque para exposição de produtos artesanais em feiras esporádicas.

Figura 38: Incidência solar no coreto da Praça Matriz



Fonte: fotografia tirada pelo autor (2024).

Durante o período de observação de campo, o perfil das pessoas que permaneceram na praça variou em frequência e atividade. O grupo mais expressivo foi o de crianças, na área do parquinho, sobretudo, no final da tarde, após a escola, enquanto os adultos que as acompanhavam preferiam as áreas sombreadas adjacentes.

Com frequência intermediária, apareceram jovens e estudantes, geralmente em grupos ou como casais, aproveitando o mesmo horário do fim de tarde. Os adultos também foram usuários recorrentes, dedicando-se a atividades diversas, como descanso, socialização, vendas ou práticas religiosas associadas às igrejas próximas. Por fim, com menor assiduidade, observamos pessoas em situação de rua, que costumavam ocupar as áreas mais afastadas ou o coreto da praça.

A análise dos mapas comportamentais de permanência na Praça Matriz demonstra que se trata de um espaço público multifuncional, que atende a diferentes necessidades e perfis de usuários. O padrão de comportamento observado reflete a diversidade de atividades e interações que ocorrem na praça ao longo do dia, reforçando sua importância como espaço de convivência e lazer para a comunidade local, apesar de apresentar sua infraestrutura subutilizada,

em razão de seu tamanho e de sua capacidade física para ser utilizada por um volume maior de pessoas.

Mediante a análise dos mapas de fluxo, é possível identificar diferentes padrões de deslocamentos, que podem variar de acordo com a presença ou ausência de eventos na praça ou entorno, sendo divididos em dois grupos de análises, quais sejam: os deslocamentos de pessoas que estão de passagem pela praça e os deslocamentos de pessoas que estão usando a praça (deslocamentos internos).

Figura 39: Síntese do mapa comportamental do fluxo de passagem na Praça Matriz



Fonte: elaborada pelo autor.

Os fluxos de passagem (linha mais grossa em azul no mapa – Figura 39) representam o movimento de pessoas que atravessam a praça para chegar a outros destinos, considerados deslocamentos externos. Estes fluxos são predominantemente lineares e se concentram em algumas rotas principais, representando pessoas que utilizam a praça apenas como espaço de passagem. Além disso, podemos considerar um fluxo de passagem atravessando a área interna da praça, em sentido diagonal (linha fina azul-clara no mapa – Figura 39).

Figura 40: Síntese do mapa comportamental do fluxo de permanência na Praça Matriz



Fonte: elaborada pelo autor.

Já os fluxos de uso (em vermelho no mapa – Figura 40) indicam o deslocamento de pessoas dentro da praça, durante a realização de atividades no local, sendo mais difusos e abrangendo uma área maior da praça. Estes deslocamentos representam pessoas que utilizam a praça como espaço de permanência.

Os pontos de permanência (representados pelo X em vermelho – Figura 41) são locais mais observados, onde as pessoas param por um tempo, seja para descansar, seja para conversar, seja para realizar alguma atividade específica durante sua permanência na praça.

Figura 41: Síntese do mapa comportamental dos pontos de permanência na Praça Matriz



Fonte: elaborada pelo autor.

As rotas de fluxo mais observadas são a do eixo central da praça, que conecta a antiga prefeitura à Igreja Matriz, que parece ser a rota mais utilizada, tanto para usuários de passagem, quanto para aqueles que estão em estado de permanência. Isso sugere que este eixo é um importante corredor de circulação na área, e as travessias diagonais, que cortam a praça, apresentando um fluxo considerável de pessoas e indicando que são utilizadas como atalhos para acessar diferentes áreas da praça ou do entorno, como o acesso aos *foodtrucks* ou ao Cine Teatro.

A realização de eventos na praça ou em seu entorno pode alterar significativamente os padrões de fluxo, atraindo um público maior e concentrando a atividade em áreas específicas.

A análise dos mapas de fluxo revela que a Praça Matriz de Lauro de Freitas é um espaço com um fluxo de passagem bastante intenso, apresentando também algum tipo de fluxo interno. O eixo central e as travessias diagonais se destacam, dessa forma, como as principais rotas de circulação, enquanto áreas como no entorno da feira e no parquinho atraem fluxos mais específicos.

A partir dos estudos de observação, fica claro que este espaço é principalmente utilizado durante o dia como um elemento de deslocamento na cidade, tendo alguns usos permanentes entre o final da tarde e à noite. Mesmo a praça sendo bem utilizada aos finais de semana, sobretudo em horários de maior permanência, a maior extensão de seu território não possui uso tão expressivo, tendo a sua concentração entre a área do parquinho infantil e a área arborizada no perímetro da praça, se estendendo até a área próxima à Igreja Matriz.

Os espaços, no geral, não são convidativos para permanecer e as calçadas da praça também não são adequadas para passagem na lateral voltada para a Rua Romualdo Brito, já que o muro de arrimo que delimita a praça cria uma barreira física entre a calçada e o interior da praça. Fica evidente, pois, que, mesmo sendo um local de muito potencial por ser central e possuir ótima infraestrutura instalada, a praça não oferece a qualidade que poderia proporcionar para a população, podendo atrair um público maior, se diversificasse o seu uso mediante a oferta de novos equipamentos de serviço e lazer.

6.3.3. Percepção ambiental a partir das entrevistas

Este tópico apresenta o resultado da percepção ambiental obtido pela análise dos dados coletados com a aplicação de entrevistas semiestruturadas com pessoas selecionadas na Praça Matriz, realizadas entre junho e julho de 2024, em diferentes horários do dia. O objetivo principal desta atividade foi compreender a percepção ambiental dos usuários sobre o espaço, suas atividades, necessidades e expectativas em relação à praça.

A coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, segundo a metodologia adotada, é crucial para capturar as "experiências subjetivas" dos entrevistados e os dados objetivos específicos sobre a percepção ambiental do entrevistado acerca do espaço físico da praça, como quais locais da praça ele mais utiliza e quais ambientes ele menos gosta.

As entrevistas exploraram diversos aspectos da relação dos usuários com a Praça Matriz, incluindo: percepção geral da praça em três palavras, pontos positivos, pontos negativos, atividades que os usuários gostariam de realizar na

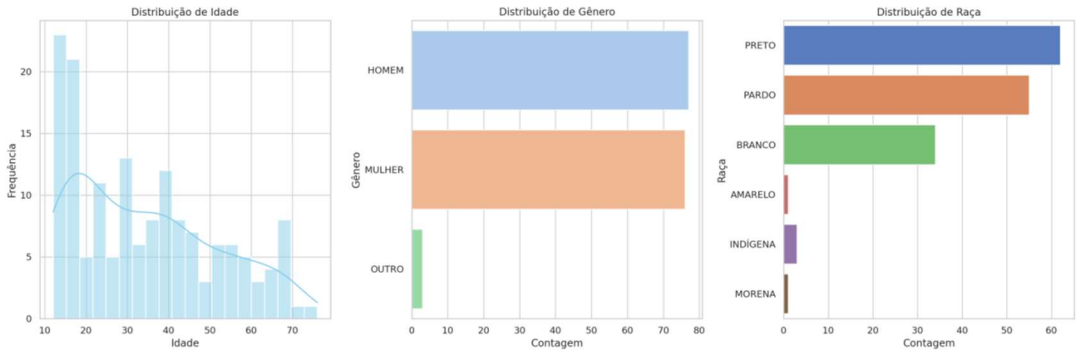
praça e motivos para não as praticar, ambiente preferido, se o entrevistado possui filhos ou tem contato com crianças no dia a dia, sentimento de segurança na praça, percepção da acessibilidade da praça, modos de transporte utilizados para chegar à praça e avaliação da acessibilidade e envolvimento do entrevistado em organizações de bairro ou associações de moradores.

Um total de 156 pessoas foram entrevistadas durante o período da pesquisa, oferecendo uma amostra representativa da diversidade das pessoas presentes na Praça Matriz nos dias de sua aplicação.

Apesar dos dados apontarem um equilíbrio de gênero entre as pessoas selecionadas para responder às entrevistas, a maioria dos respondentes foi homem, que correspondeu a 49,36% da amostra, enquanto as mulheres foram 48,72%. Em relação à faixa etária, a distribuição é ampla, com entrevistados a partir dos 12 anos, representando a menor idade que respondeu à entrevista, até 76 anos, maior idade entre o total de entrevistados, indicando que a pesquisa considerou a diversidade de idades para a aplicação das entrevistas. A maior concentração de pessoas entrevistadas está representada pela faixa etária entre 13 e 19 anos, sugerindo que, nos dias e horários em que as entrevistas foram aplicadas, a praça parecia ser um ponto de encontro popular para jovens.

Quanto à autodeclaração racial, a maioria das pessoas se identifica como sendo da raça preta (39,74%), seguida pela raça parda (35,26%). A presença de pessoas autodeclaradas brancas é considerável (21,79%), enquanto indígenas e amarelos são minoria, com três e um indivíduos, respectivamente. Entre os entrevistados, uma pessoa se autodeclarou "morena". Considerando a metodologia do IBGE, a soma do conjunto de pessoas autodeclaradas pretas e pardas no Brasil define a população negra, assim, as pessoas autodeclaradas negras correspondem à maioria dos entrevistados (75%).

Gráfico 1: Síntese dos dados demográficos



Fonte: elaborado pelo autor.

Já em relação à proximidade da moradia com a praça Matriz, os dados foram equilibrados quanto aos moradores e não moradores e revelam que 53,85% das pessoas entrevistadas são moradores do entorno da Praça Matriz, ou do bairro do Centro de Lauro de Freitas, enquanto 46,15% informaram que não são moradores das proximidades da praça, mas de outros bairros de Lauro de Freitas, da cidade de Salvador, ou outros municípios baianos.

Para compreender com qual frequência a praça é utilizada, o entrevistador fez a seguinte pergunta: *qual a frequência com a qual você visita este lugar?* Entre as respostas apresentadas pelos entrevistados, a expressão mais comum foi “às vezes”, indicando que muitos usuários visitam a praça de forma esporádica, possivelmente em ocasiões específicas ou quando têm tempo livre. Seguido pela resposta “sempre”, que obteve número significativo de entrevistados que afirmaram frequentar a praça regularmente, demonstrando um forte vínculo com o local. A resposta "às vezes, quando tem festa" também aparece em um número considerável de entrevista, o que pode sugerir a importância dos eventos na atração de visitantes.

A análise das categorias de frequência, que foi possível pela agregação dos dados[6], possibilita um panorama geral das respostas sobre a frequência de visitas à Praça Matriz. E, a partir dos dados agregados por categorias de frequência, oferece uma perspectiva sobre a dinâmica funcional do espaço, alinhando-se aos conceitos de “permanência e fluxo", discutidos nesta dissertação.

Os dados mostram que um grande número de entrevistados se classifica como “muito frequente”, com atividades como “trabalho” e “passagem” aparecendo com alta recorrência entre as atividades realizadas. Isso reforça a ideia de que a Praça Matriz atua primariamente como um espaço de fluxo e de funções utilitárias (como local de trabalho ou rota de deslocamento) para uma parcela significativa dos entrevistados. A categoria “passagem” é inerentemente ligada ao conceito de fluxo, indicando que, para muitos entrevistados, a praça é um meio para um fim, e não o destino final em si.

[6] Para uma análise refinada dos dados, que apresentavam dados diversos mais com expressões intercambiáveis, foram criadas categorias de frequência que pudessem agrupar o maior número de resposta com o mesmo impacto analítico. As categorias criadas foram: frequente 1A, frequente 1B, frequente 2A, muito frequente, nunca, ocasionalmente e raramente.

Quadro 2: Classificação da frequência e as principais atividades apontadas pelos entrevistados

CATEGORIA DE FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA MENCIONADA	CÓDIGO DOS ENTRVISTADOS	Nº DE ENTREVISTADOS	ATIVIDADE REALIZADA
Frequente 1A	Frequência > 1x semana ≤ 2 x Semana	E12; E13; E131; E14; E152; E154; E19; E2; E20; E21; E47; E50; E54; E55; E59; E61; E63; E66; E70	19	ENCONTRAR PESSOAS; LAZER; PASSAGEM
Frequente 1B	Frequência pelo menos 1 x Semana	E3	1	LAZER
Frequente 2A	Frequência de pelo menos 1 x ao mês	E104; E11; E116; E117; E124; E15; E155; E18; E26; E27; E38; E44; E45; E51; E52; E53; E56; E6; E71; E87; E88; E89; E90; E92; E93; E94; E96	28	LAZER; MORADIA; PASSAGEM
Muito Frequente	Frequência ≥ 3x Semana	E1; E10; E103; E107; E108; E109; E110; E112; E113; E114; E115; E119; E121; E129; E137; E139; E141; E143; E144; E151; E156; E22; E24; E25; E28; E29; E33; E36; E39; E4; E42; E46; E48; E49; E57; E60; E62; E64; E65; E68; E69; E78; E79; E81; E82; E84; E98	47	LAZER; MORADIA; PASSAGEM; TRABALHO
Nunca	Frenquência informada ("Nunca")	E106; E120; E128; E130; E40; E41; E91	7	LAZER; PASSAGEM
Ocasionalmente	requência informada ("Ocasionalmente	E100; E101; E102; E105; E111; E118; E123; E125; E126; E133; E134; E135; E136; E138; E140; E142; E145; E146; E149; E150; E153; E23; E32; E34; E35; E37; E43; E5; E67; E72; E73; E74; E75; E76; E77; E80; E83; E85; E86; E9; E91; E95; E97; E99	46	ENCONTRAR PESSOAS; LAZER; PASSAGEM; TRABALHO
Raramente	Frequência informada "Raramente"	E122; E30; E58; E7; E8	5	LAZER; PASSAGEM

Fonte: elaborada pelo autor.

Apesar da prevalência do fluxo, a lista de respostas sobre as “atividades desejadas” aponta um forte anseio dos entrevistados por maior permanência na Praça Matriz. O número considerável de respostas relacionadas ao desejo dos entrevistados de “praticar esportes” e “atividades físicas” e “participar de eventos culturais” revela a percepção de que a praça pode ser compreendida como um espaço para o lazer ativo e o lazer cultural. Isso se alinha à visão modernista de praça, que estabeleceu o lazer como um item de suma importância para o habitante urbano.

A análise das respostas sobre as "razões para não praticar" é crucial para compreender por que o desejo de permanência na praça não se concretiza. As barreiras mais citadas são a "falta de estrutura" e "falta de equipamento", seguidas por questões relacionadas à sensação de insegurança e ao conforto ambiental (sol/sombra).

Os fatores identificados pelos entrevistados corroboram os elementos-chaves apresentados por Whyte (1980) sobre a permanência de usuários em espaços públicos e alinham-se aos elementos de "acessibilidade", "segurança", "diversidade de atividades", "adaptabilidade do espaço" e "características morfológicas e microclimáticas", apontados por Araujo (2018).

A análise de percepção ambiental da Praça Matriz, em Lauro de Freitas, oferece um retrato fiel das tensões que definem o espaço público na cidade contemporânea. Os dados coletados revelam um local de funções múltiplas e contraditórias: ao mesmo tempo em que serve como um corredor de passagem e ponto de encontro funcional, a praça falha em concretizar seu potencial como um espaço de permanência qualificada. Esta falha pode ser compreendida a partir da interconexão de três elementos-chave: a sensação de insegurança, a frustração das atividades de lazer e a ausência de conforto ambiental.

Os "tempos de permanência" reportados pelos entrevistados na praça são variados, abrangendo desde períodos inferiores a uma hora até aqueles que superam seis horas, chegando a doze. A categoria mais frequente é "1-2 horas", representando 56,4% dos entrevistados.

Mesmo entre os frequentadores classificados como "muito frequente" e "ocasionalmente", uma parcela significativa permanece por menos de uma hora. Esta observação, quando contextualizada com o conjunto das respostas, pode indicar que, para muitos, a praça ainda serve mais como um ponto de transição (fluxo) do que um local de parada prolongada (permanência). No entanto, o desejo de passar mais tempo para atividades específicas como "lazer com a filha", "momentos em família" ou "estudar" aponta um potencial inexplorado de incentivar a permanência na praça, desde que as barreiras existentes sejam superadas.

É importante ressaltar que a literatura não apresenta um consenso sobre o tempo médio ideal de permanência em praças públicas. Contudo, a permanência em espaços públicos, como destaca Gehl (2015), é um indicador psicológico de que o espaço convida à interação.

A análise da percepção ambiental dos entrevistados na Praça Matriz, obtida através das atividades desejadas pelos usuários e das razões que os impedem de praticá-las, revela um caminho claro para potencializar a permanência dos usuários na praça. Para isso, são essenciais investimentos em

infraestrutura, como novos equipamentos e estruturas. Além disso, é crucial promover melhorias no conforto ambiental, principalmente com a oferta de áreas sombreadas, e, acima de tudo, implementar estratégias eficazes para garantir a segurança dos frequentadores.

A fim de compreender o nível de sensação de segurança dos usuários da Praça Matriz, foi formulada a seguinte questão: "*você se sente seguro na praça?*". As respostas coletadas incluíram confirmações (sim), negações (não) ou indiferença, seguidas de justificativas variadas. Este cenário ilustra um conceito fundamental da Psicologia Ambiental, que afirma que "é possível entender que o ambiente pode ser alterado por determinadas ações humanas, assim como determinadas eventualidades ambientais podem também alterar a conduta humana" (Souza e Leite, 2021, p. 1680).

A percepção de segurança, sendo uma experiência inerentemente subjetiva, demonstra isso perfeitamente, pois influencia diretamente o comportamento e o uso do espaço, moldando as "respostas cognitivas e comportamentais" dos indivíduos.

Os estudos de Jim e Chen (2010), e Lo e Jim (2010), como referenciado por Oliveira et al. (2025), salientam que a percepção e o uso de espaços públicos urbanos variam entre diferentes perfis sociais populacionais. Com base nisso, ao analisar os dados sobre a sensação de segurança na praça, separamos a análise em dois grupos, quais sejam: aqueles que residem no entorno da praça e os não moradores.

Quadro 3: Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram se sentirem seguros na praça.

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Elefante branco, bonita e calma.	Fácil acesso.	Não tem opções de lazer.	Trailers.	Sim, por ser morador da região e conhecer, tem delegacia perto.
2	Calmo, arejado e bem localizado.	Quieto, não tem perigo de roubo.	Brinquedo quebrado, morador de rua.	Parquinho, porque é sombreado.	Sim, porque tem polícia e segurança na secretaria.
3	Tranquilo, nostalgico e bonito	Bem localizada.	Abandonada, brinquedos quebrados, moradores de rua nos brinquedos das crianças.	Debaixo das árvores.	Sim, pra ele sim porque já conhece o lugar, mas para outras pessoas não.
4	Bonita, ampla e familiar.	Bem localizada, estacionamento (muitas vagas).	Falta de iluminação, insegurança, vê policiais passando mas não fixo.	Bancos e lanchonetes. Porque é atrativo e para ver o movimento.	Sim. Porque nunca viu algo estranho que vê em outros lugares, não vê muita malandragem.
5	Nenhuma, não serve, a não ser quando tem festa	Local onde as crianças brincam	Vandalismo	Embaixo de arvores com bancos	Sim, às vezes
6	Cheia de bancos, arvores e grande	Grande e arborizada	Vazia, parece abandonada tem vez	No meio perto do Coreto	Sim, sem problemas
7	Decente, gigante e bonita	A galera da escola que frequenta	Nada	Meio	Sim, aqui não tem confusão, só nas festas
8	Espaçosa, legal, lugar de curtir	Perto de casa, boa para pedalar bicicleta, diferente da outra praça que é cheia de quiosque, barraca, essa tem espaço	não poder jogar bola, tem pouca festa	Rodando na praça de Bicicleta, meio	Sim, ninguém mexe aqui com as pessoas, o povo fica com medo mas aqui é boa.
9	Não soube dizer	Bom para lazer	Falta de manutenção	Não indica ("qualquer parte")	Sim. Não quis justificar
10	Local bom e bonito	Bom quando tem festa	o parquinho, justificou estar deteriorado	os banquinhos	sim, apenas de dia
11	Maravilhosa, saudavél e muito importante	Ótimo para lazer e descanso	Abandonado, tudo precisa melhorar	Gosta de todas as áreas arborizdas	Sim
12	não soube descrever	Local grande, bom pra jogar bola	Falta de rampa de skate , quadra pra jogar bola	centro da praça	Sim, mas informa dos assaltos na região
13	Barulho, fruta e comércio	Está sempre movimentado e tem bastante variedade de comércio	É um pouco suja e desorganizada	Todos, mas principalmente a área em que ficam os foodtrucks	Sim. Por ser bem movimentada, dificilmente tem roubo
14	Velha, movimento e amizade	Perto de casa, é um lugar familiar para mim e é onde os amigos brincam	É muito movimentado e não possui muito espaço para brincar	Final da praça onde não tem comércio, somente os bancos e vegetação	Sim

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

Como é possível observar na Tabela 03, os moradores que se sentem seguros na Praça Matriz possuem uma percepção majoritariamente positiva do local, embora com ressalvas significativas quanto à sua manutenção e infraestrutura. A sensação de segurança deste grupo está frequentemente atrelada à familiaridade com a praça, ao movimento constante de pessoas e à proximidade de postos policiais, como citado por alguns entrevistados.

Entre os pontos negativos dominantes nas respostas, que podem apontar até para uma certa contradição com relação a sensação de segurança relatada, há um consenso sobre a negligência e a falta de manutenção da praça. Mesmo os que se sentem seguros apontam graves problemas que diminuem a qualidade do espaço, como abandono e Falta de Manutenção, a ausência de equipamentos, como rampa de skate e quadra adequada, e a sujeira e desorganização em certas áreas.

Quadro 4: Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram se sentirem inseguros na praça.

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Abandonada, mal cuidada e desorganizada.	Visibilidade.	Sujeira, lixeiras inadequadas (vandalizadas), falta de cuidado.	Chafariz.	Não, volta e meia tem polícia, mas tem medo de assalto.
2	Festa, bonita, insegurança.	Ficou bonita com a reforma.	Assalto.	Chafariz.	Não, porque não tem policiamento.
3	Festa, assalto, mal cuidada.	Os eventos.	Assalto.	Chafariz.	Não, porque tem assalto.
4	Grande, insegura e mal conservada.	Tamanho.	Falta de segurança, higiene, uso de drogas frequente.	Largo próximo à igreja.	Não, pela presença de usuário de drogas e roubos.
5	Bonita, mal cuidada e brincar.	Igrejas.	Assalto.	Chafariz.	Não, porque tem assalto.
6	Deserta, não gosta e morta.	Festa, espaçosa.	Insegura e deserta.	Chafariz.	Não, pois é deserta.
7	Nostalgia, infância e família.	Espaço aberto.	Segurança.	Parquinho.	Não, não tem guarda municipal.
8	Calor, espaçosa e bonita.	Espaçosa e de fácil acesso.	Não tem muito lugar coberto e equipamentos de lazer.	No centro.	Não, porque é fácil de ter assalto e não tem segurança.
9	Boa localização, abandonada e inacessível.	Espaçosa.	Tirou bancos e infraestrutura de má qualidade.	Debaixo das árvores.	Não, porque não tem policiamento e tem muito usuário de droga.
10	Perigosa, grande e feira.	Espaçosa e arejada.	Muito lugar sem cobertura, não tem rampa, pichação e brinquedos quebrados.	Coreto, porque é coberto.	Não, porque tem muito ladrão e pessoas impróprias.
11	Tristeza, desarborizado, nostalgia (frequenta a praça desde novo)	Só as árvores plantadas recentemente.	Não tem atividade/lazer para jovem/criança, não tem banco para idoso, bancos quebrados, calor, a reforma realizada.	Embaixo das árvores, porque tem sombra	Não. Porque já teve o celular roubado 11h da manhã.
12	Esburacada, deserta, sem graça.	Espaçosa, boa para momentos de lazer	Os buracos. pichações, chafariz quebrado e feio, insegurança.	Na entrada da praça, porque é perto da secretaria de segurança.	Não. Porque é deserta, não tem segurança e "a secretaria só sabe fazer festa".
13	Inacabada, árida, descoberta.	A praça é tranquila, não tem barulho/paredão, não tem agonia, é frequentada por muita família.	Inseguro, falta de guarda municipal, não tem área de esporte, não tem atrações. Só no natal tem arrumação (natalina) e atrai as pessoas, elas vão para tirar fotos também.	No banquinho, porque não tem outra alternativa.	Não. Porque a guarda municipal e a viatura não funcionam.
14	Desestruturada , suja e perigosa.	É espaçosa e grande.	Não tem entretenimento, falta de recurso, mal cuidada, muita pichação, chafariz não funciona.	No coreto. Porque tem sombra e é arejado.	Não. Poque não tem policiamento fixo.
15	Bonita, sem manutenção e sem fiscalização.	A Igreja e o entorno da praça.	O chafariz quebrado, os fumantes (as pessoas o confundem, acham que também é fumante por ser morador de rua), lixeiras quebradas.	Nos bancos, no restaurante popular próximo a praça. Nas barracas e no coreto, para descansar.	Não. Porque existe muito ataque cibernético psicológico/fantasma.

16	Bonita, não funcional, desleixada/abandonada.	A localização, a arquitetura bem feita e ser perto de uma Igreja antiga	Falta de manutenção (ex: corrimão e bancos quebrados), pessoas morando na praça, abandono pelas autoridades.	No centrinho, onde tem lugar para sentar.	Não. Porque falta fiscalização e pessoas para tomar conta.
17	Arejada, diversão e insegura.	Arejada.	Lixos, mal estruturada, parque degradado.	No coreto. Porque é fresco.	Não. Por saber de assaltos.
18	Insegura, desestruturada e sem transporte	Tem espaço para lazer, para fazer trabalho de escola, jogar vôlei, piquenique, diversão.	Desorganizada, mal iluminada, pouca sombra para praticar lazer.	No coreto ou nos bancos embaixo de árvore. Porque tem sombra e é ventilado.	Não. Porque já foi assaltada.
19	Igreja, chafariz, foodtruck.	Foodtruck, os brinquedos infláveis dia de domingo.	Chafariz e lixeiras quebradas, brinquedos degradados, espaços mal sombreados.	Nos bancos. Porque dá para descansar.	Não. Porque tem medo de ser assaltado.
20	Perigosa, sociável, bonita. E diz "mas tem piores"	Fresco e arejado	Tiraram os bancos, não tem sombra, sem manutenção, lixeira quebrada, chafariz sem funcionar.	Nos bancos e coreto. Porque tem sombra.	Não, por ser mal frequentado.
21	Natureza, resenha, lazer	Espaçoso, as festas, as arrumações em datas comemorativas.	Inseguro, usuários de droga, falta de proteção para espaços de jogar bola, sujeira	No coreto ou no banco perto da Igreja. Por ser confortável e dar para ver a rua.	Não, por causa dos usuários de droga, assaltos frequentes, e não tem fiscalização especificamente >na praça<.
22	Lazer, cultura, mal estruturada	Tranquilidade.	Insegurança, poucos equipamentos de lazer	No banco, para olhar a criança brincar	Não, por falta de segurança
23	Fresca, bonita, família	Espaçoso	Pouco lugar para sentar e pouca sombra, não tem espaço para pet. As crianças/jovens jogando bola, pois acha perigoso para criança pequena e idoso que está por ali.	Nas áreas sombreadas/com árvore, para poder ver a criança brincar.	Não. Porque não vê fiscalização.
24	Abandonada, suja, desagradável	Nenhum.	Falta de atrativo, de lazer, de policiamento.	Na Igreja, porque gosta de frequentar ela	Não. Porque a noite tem usuário de droga frequentando a praça.
25	Péssima, insegura, feia	A igreja, diz que frequenta a Igreja.	Pessoas praticando futebol, morador de rua, alunos bebendo, chafariz quebrado	Na Igreja, porque gosta de frequentar ela	Não, porque tem medo
26	Bonita, prazerosa e divertida	Tem parque para criança	Ambiente inseguro, já teve muito assalto, e diz ser ponto de tráfico	No parquinho, para observar o irmão	Não, porque fica com medo
27	Acessível, localizada, desestruturada	Nenhum.	Usuários de droga, pouco banco, pouca cobertura.	No chafariz. Porque tem lugar para sentar.	Não. Porque falta fiscalização.
28	Ampla e perigosa	Não sabe	Segurança, somente isso	Apenas passa pela praça	Não, cheio de ladrões
29	Insegura, reservada e espaçosa	Tem bancos, arvores e perto da igreja	Segurança, acessibilidade, muito isolada	Bancos	Não
30	Organizada, bonita e limpa	Ser aberta, organizada e iluminada	Segurança e falta de locais coberto para abrigo	Sentar nos bancos	Não, muito assalto
31	Grande, ventilada e tranquila para ficar	Área para brincar	Não observou	Espaços amplos	Não totalmente, era para ter guardas da prefeitura
32	Bom de ficar, insegura, ampla	Fresca, ampla	Insegurança, falta atenção da prefeitura, reforma e não melhora porque é perigoso	Parquinho brincar com filha	Não
33	Grande, bonita, abandonada	Lugar bonito, espaçosa, perto de casa	Sujeira, segurança, abandono da prefeitura	Perto da igreja	Não, é o pior problema

34	Abandonada, espaçosa, ruim	Praça grande que vive abandonada, tem bancos	Abandonada, não tem movimento	Perto da igreja no fundo	Não, vive vazia
35	Fraco, inseguro, abandonado.	Ligação da praça com a Igreja	Falta de manutenção e presença da sede da prefeitura.	Lateral (ponto de trabalho)	Não
36	Horrível e inseguro	Não aponta	Tudo como ruim (entrevistado entrou em discurso político polarizado)	apenas reclamou a falta de bancos para descanso	Não
37	Regular(apenas)	Igreja	Insegurança, falta de sinalização e fala de limpeza	Em frente a Igreja	Não
38	"falta muito a ser feito"	Ter área grande e ser central	falta de segurança		não, acessa de forma rápida
39	bonito espaçoso	Calmo, tranquilo, bonito	muito assalto, falta de segurança	Centro da praça	Não
40	Vergonhosa! Informa ter preferência em como a praça era antes da reforma, com quadras, muitas arvores e principalmente a fonte com uma sereia.	Área ampla	Fonte desativada, falta de manutenção, câmara de vereadores e falta de segurança	Sente falta de como era a praça antes da revitalização	Não
41	Abandonada, precisa de segurança.	Bonito e área grande	Falta de segurança, abandono	banco perto do parque, mas sossegado	Não, muitos assaltos de moto e usuários de drogas no local
42	Tranquila, insegura e as vezes divertida	Época do Natal. A praça fica muito bonita.	Insegurança e que quase foi assaltada na semana anterior	Informou que gosta de ficar onde estava (banco ao lado do coreto)	Não
43	Terrível	informa não ter nada positivo	Abandonado. Reclama das modificações da praça, mas também informa que a anterior "não era lá essas coisas também não".	Proximidades da igreja	Não. Justifica que por conta das pessoas em situação de rua e assaltos.
44	Muito degradado	Bom para encontros, espaço amplo	Degradação, abandonado	Parte central da praça	Não, por falta de segurança
45	perigoso e abandonado	Não quis opinar (apenas negativas)	Insegura e sem utilidade por causa do sol	Não gosta da praça. Apenas da praça onde esta	Não
46	Abandonado	A igreja	Abandonado, inseguro, informa não ter banco e sombra	Informa que a uns anos atras eram bons, agora não mis por conta da insegurança	Não, informa ser vazia
47	Espaçosa e bonita quando tem festa	Enfatiza o tamanho e beleza	Inseguro	Centro da praça, perto da igreja	Não, por ter muito assalto
48	Degradado e inseguro	Parte arborizada e Igreja	Abandono por parte da prefeitura e parquinho pequeno e quebrado	Não informa	Não, por assaltos constantes
49	Péssimo e perigoso	"Não tem ponto positivo"	Insegurança	Aponta igreja como parte que mais gosta	Não, por insegurança e falta de policiamento
50	Legal, relaxante e largada	Espaço, calmo e silencioso	Pixação, sem água (só tem 2 torneiras)	Palco e centro (jogar bola)	Não, assalto frequente
51	Seca, calma e perigosa	Ficou mais arrumada com a reforma	Assalto e pouca atração	No palco pois é sombreado	Não pois não há policiamento
52	Calor, vazia e insegura	A praça é tranquila e silenciosa	Falta de segurança e o que fazer na praça, porque a reforma não considerou o aproveitamento do espaço.	Chafariz	Não, a insegurança está maior e não tem guarda na rua

53	Vermelho, vazia e abandonada	O tamanho da praça, a vegetação e arborização	Falta de sombreamento adequado e falta de manutenção	Nos bancos próximos ao parque infantil	Não, pois por estar sempre pouco movimentada e sem guarda, a praça se torna alvo fácil
54	Organizada, limpa e moderna	A organização	Não ter segurança	Nos bancos	Não. deveria ter câmeras de vigilância até pra saber quem vandaliza o local
55	Moderna, vazia e perigosa	Espaço e vegetação	Falta de estrutura e segurança	Nos bancos ou no palco	Não. Falta policiamento
56	Nova, vazia e precisando de melhorias	A praça é recém reformada, então é mais conservada	Deveria ter mesas para jogar e ter mais lixeiras e pontos de doações	O chafariz	Não, infelizmente rola muita droga e assalto
57	Poluído, sujo e barulhento	Comércio, é bem variado	A falta de organização	No banco em baixo da árvore porque tem sombra	Não
58	Verde, calor, perigo	Perto de casa, é uma praça bonita e arrumadinha	O perigo e os usuários de drogas	O chafariz	Não
59	Árida, sem graça, grande	É nova e ampla, está numa boa localização	Perigo e mal cuidado	As árvores	Não. Por conta das drogas, tem muitas pessoas mal intencionadas
60	Quente, vazio e mal cuidado	Acha a praça bonita e gosta das plantas	Precisa fazer manutenção dos equipamentos	Nada em específico, só as plantas	Não. Porque acontece assalto frequente.
61	Amplitude, mal aproveitado, perigoso	Tranquilidade e espaço livre	Mal cuidado, tem muito usuário de drogas e as vezes é perigoso	Gosta de caminhar na praça	Não. Não tem grade.
62	Quente, inseguro e entediante	Espaço	Falta de arborização adequada, falta de um cercado e falta de uma boa acessibilidade e falta de atrativos	A calçada, pois, ele só usa a praça de passagem	Não, falta segurança local e falta cercado

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

Analisando os dados contidos na Tabela 04 é possível traçar um panorama claro da percepção ambiental dos moradores que não se sentem seguros na Praça Matriz. A análise das respostas, focando nos entrevistados que expressaram sensação de insegurança, revela uma visão predominantemente negativa do ambiente, associada a problemas de ordem social, estrutural e de manutenção.

A percepção geral deste grupo pode ser resumida nos seguintes pontos:

A Sensação de abandono e degradação sendo a queixa mais recorrente é a de que a praça se encontra "abandonada", "mal cuidada" e "largada". Essa percepção é alimentada pela falta de manutenção visível, como a ausência de pintura, a presença de pichações e a deterioração geral dos equipamentos e do espaço físico; A sensação de insegurança atrelada à presença constante de "moradores de rua", "pedintes" e "usuários de drogas". Os moradores relatam sentir-se intimidados e evitam frequentar a praça, especialmente em determinados horários; e a Sensação de nostalgia em função da mudança de percepção do lugar em relação ao que a praça já representou. Muitos moradores

lembram de uma época em que o local era um ponto de encontro familiar e de lazer seguro. Hoje, essa função social foi perdida, e a praça é vista mais como um problema do que como um benefício para este público.

Quadro 5: Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça: seleção de respostas que afirmaram ser indiferente com relação a sensação de segurança

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Sem conforto, mal iluminada e insegura.	Espaço grande.	Limpeza, sujeira e mendigo.	Parquinho.	Mais ou menos, até as 19:30 sim, depois não porque tem assalto.
2	Melhorar, iluminação e segurança.	Reúne vários grupos de cultura, igreja, crianças e segurança constante.	Precisa melhorar iluminação e infraestrutura infantil.	Debaixo das árvores.	Mais ou menos, às vezes tem assalto,
3	Ambiente bom, indiferente, manutenção.	Área verde e espaçosa.	Falta de equipamentos de esporte.	Debaixo das árvores.	Indiferente, nunca o aconteceu nada.
4	Clara, bonita, grande	A igreja	A insegurança	A igreja e o chafariz	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu mesmo sem policiamento
5	Clara, ampla e colorida	É próximo da casa em que mora e é colorida	Precisa de mais cuidado da prefeitura	Só gosta de caminhar na praça	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu
6	Abandonado, útil e cheio	Os bancos das árvores, os foodtrucks	A sujeira	O comércio em geral	Indiferente

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Sem conforto, mal iluminada e insegura.	Espaço grande.	Limpesza, sujeira e mendigo.	Parquinho.	Mais ou menos, até as 19:30 sim, depois não porque tem assalto.
2	Melhorar, iluminação e segurança.	Reune vários grupos de cultura, igreja, crianças e	Precisa melhorar iluminação e	Debaixo das árvores.	Mais ou menos, às

		segurança constante.	infraestrutura infantil.		vezes tem assalto,
3	Ambiente bom, indiferente, manutenção.	Área verde e espaçosa.	Falta de equipamentos de esporte.	Debaixo das árvores.	Indiferente, nunca o aconteceu nada.
4	Clara, bonita, grande	A igreja	A insegurança	A igreja e o chafariz	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu mesmo sem policiamento
5	Clara, ampla e colorida	É próximo da casa em que mora e é colorida	Precisa de mais cuidado da prefeitura	Só gosta de caminhar na praça	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu
6	Abandonado, útil e cheio	Os bancos das árvores, os foodtrucks	A sujeira	O comércio em geral	Indiferente

Fonte: elaborada pelo autor.

Ao avaliar as respostas dos moradores que informaram uma percepção ambiental indiferente com relação a sensação de segurança, a tabelo 05 retrata o grupo de moradores, ao contrário do analisado anteriormente, demonstra uma visão mais favorável da Praça Matriz, associando-a principalmente a um espaço de tranquilidade, contemplação e convívio social.

A percepção dominante é a de que a praça é um "lugar agradável" e um "ponto de encontro". Ela é valorizada por sua função de lazer e por ser um dos poucos espaços verdes e abertos na área central da cidade, ideal para "descansar" e "passear".

Diferente do grupo que se sente inseguro, estes moradores destacam os aspectos positivos do ambiente. Eles valorizam a presença de "árvores", "sombras" e "pássaros", que conferem ao local uma atmosfera de calma e bem-estar. A igreja, como elemento arquitetônico, também é mencionada como um ponto focal que contribui para a beleza do lugar.

Embora a percepção seja majoritariamente positiva, a segurança não é vista como absoluta. A sensação de segurança está condicionada ao horário e ao fluxo de pessoas. Os moradores deste grupo tendem a frequentar a praça durante o dia, quando há mais movimento e "policiamento", sentindo-se seguros nesse contexto. A sensação de segurança é neutralizada em sua maioria pelo fato de os moradores em questão nunca terem vivenciado uma situação de violência.

Quadro 6: Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram se sentir seguros na praça

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Tranquilidade, lazer e segurança.	Encontro de amiguinhos do filho.	Falta de estrutura, parquinho bacana, mas sem manutenção.	Parquinho.	Sim, sempre passa viatura.
2	Árvore, calmo e diversão.	Calmo.	Não tem tomada e infraestrutura.	Parquinho, porque é sombreado.	Sim, porque não tem perigo.
3	Amizade, lazer e natureza.	Lazer.	Usuário de droga.	Debaixo da árvore em frente à secretaria porque tem sombra.	Sim, tem viatura direto.
4	Grande, sem graça e deserta.	O tamanho, é bem extensa, os quiosques.	Faltam atrativos, deveriam modernizar nas decorações.	Nos bancos. Porque é perto das árvores/natureza.	Sim, mas até certo horário.
5	Suficiente, básico, descanso	Ventilado, as sombras	Poucas sombras, retirada dos bancos que tinha antes	Nos bancos, para descansar após o almoço.	Sim, porque nunca aconteceu algo com ele.
6	Arborizada, desestruturada, sujeira	Natureza	Falta de banco, sujeira (não zelam), bancos quebrados	Embaixo das árvores. Pelo contato com a natureza.	Sim. Porque acha tranquilo.
7	Agradável, descuidada, segurança	Melhorou depois da reforma	Descuido com o parque, falta de banheiro público	Embaixo da árvore. Por causa da sombra.	Sim. Porque conhece a cidade e por conta da inauguração da secretaria de segurança pública ali do lado.
8	Tranquila, diversão, comida	Pouco movimento, tranquilidade	Nenhum	No coreto e na casinha (parquinho). Porque tem sombra e pode sentar.	Sim. Porque já conhece o lugar.
9	Organizada, bonita, grande	Está organizada.	Tem poucos atrativos e não tem brinquedo suficiente.	Nos bancos. Porque é um bom lugar para socializar.	Sim. Porque frequenta durante o dia.
10	Ampla, organizada e abandonada	Espaço e organização	Não tem eventos	No meio, coreto	Sim
11	Diversão, tranquila e larga	Bonita, quando tem festa fica melhor, a prefeitura arruma	Pouco movimento	Perto dos trailers	Sim
12	Interessante, bonita e tranquila	Espaço amplo, arborizada, tem bancos, dar pro gasto	Meio vazia	Banco com sombra	Sim, apesar de vazia às vezes
13	Elegante, sossegada, ampla	Descanso, serve pra isso	Pouca gente fica na praça	Qualquer lugar	Sim

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

A tabela 06 apresenta a seleção de resposta dos frequentadores da praça que não são moradores do entorno e afirmaram se sentirem seguros na Praça Matriz. Entre os pontos positivos relatos por esse grupo de frequentadores da praça destaca-se o fato dela ser uma praça tranquila, sossegada, ampla e favorável para brincadeiras infantis. Ao serem questionados pela sensação de segurança as percepções positivas da praça sobrepõe os aspectos negativos definido por este grupo.

Já a tabela 07 representa as respostas dos frequentadores que não são moradores do entorno da Praça Matriz e informaram se sentir inseguros na praça. A maioria das respostas possui relação com a percepção de alguém que estar em um ambiente desconhecido, atrelados a aspectos físicos de conservação da praça e percepção com relação a segurança pública local.

Já a tabela 08 apresenta as respostas dos frequentadores não moradores do entorno da praça que apresentaram a resposta indiferente para a pergunta sobre a sensação de segurança na Praça Matriz. Este conjunto de moradores apresentam relação semelhante as respostas dadas pelos moradores do entorno que também apresentaram a mesma resposta para sensação de segurança: relacionam o fato de não vivenciarem nenhuma situação de violência a essa sensação neutra com relação a percepção da segurança do local.

Quadro 7: Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram se sentir inseguros na praça

Nº	DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Boa, espaçosa e fonte.	Espaçoso.	Parquinho ruim, não tem água para beber.	Largo próximo à igreja.	Não, porque tem assalto.
2	Perigo, sol e desconforto.	Arejado.	Perigo, sem vigilância, desconfortável e sem cobertura.	Debaixo das árvores.	Não, porque não tem vigilância.
3	Espaçosa, bonita e lazer.	Espaçosa.	Insegura.	De frente à igreja.	Não, porque não tem policiamento.
4	Boa de ficar, droga e assalto,	Nada.	Usuário de droga.	Debaixo da árvore porque tem sombra.	Não, porque tem assalto.
5	Calor, divertido e fofoca.	Grande e tem alguns lugares com sombra.	Não tem bebedouro e nem muito lugar pra sentar.	Debaixo da árvore perto da secretaria porque é de fácil fuga.	Não, mataram uma pessoa ali.
6	Espaçosa, arejada e bem localizada.	Arejada.	Não tem sombra e pichação.	Banco do pergolado.	Não, porque tem assalto.

7	Extenso, variável e bonita.	Grande, possibilidade de encontro.	Perigosa e vazia.	Coreto, porque tem sombra.	Não, porque é um lugar público com pouca segurança.
8	Ruim, memória e legal.	Arejado.	Falta de cobertura, não tem água e não tem comércio.	Debaixo da árvore.	Não, por falta de vigilância.
9	Descanso, sombra e ar freso.	Sombreada.	Sujeira, falta de banheiro e infraestrutura (equipamentos de ginásticas, bancos, etc.)	Onde tem sombra.	Não, porque não tem guarda municipal.
10	Precisa melhorar, insegurança e tristeza.	Nenhum.	Pouca árvore e sem segurança.	Debaixo das árvores.	Não, porque não tem policiamento.
11	Insegurança, sujeira e abandono.	Localização.	Segurança. falta de parquinho, iluminação e infraestrutura.	Na parte inferior, onde tem o estacionamento, porque é perto da loja dele.	Não, porque não tem guarda municipal.
12	Amizade, socialização e diversão.	Boa de passear e fofocar.	Infraestrutura mal cuidada.	Coreto, porque é coberto.	Não, porque tem assalto.
13	Amor, amizade e passagem.	Espaço para socializar.	Assalto.	Coreto, porque é sombreado.	Não, porque não tem polícia.
14	Espaçosa, agradável, desarrumada.	Espaço amplo.	Pouco lugar para sentar, pouca árvore, poderia ter mais festivais.	Coreto ou em alguma sombra, porque é ventilado e dá para sentar.	Não. Porque é muito aberto e já ouviu relatos de assalto.
15	Violência, droga, prostituição.	Quando teve reforma e quando tem festa, colocam boas decorações. Disse que "a praça é ótima em comparação com as outras".	Tirou os bancos, chafariz não funciona, tem lixo e dengue, inadequado para criança. Nas festas tem muita briga.	Foostrucks e lanchonetes. Porque é um ambiente para comer.	Não. Por falta de segurança na cidade e por não ter fiscalização.
16	Insegura, feia e desestruturada.	Área aberta e espaçosa. A igreja.	Não tem atrativos interessantes (apenas quando tem festa), não tem banco.	Nenhum.	Não. Não tem policiamento nem fiscalização.
17	Centralizada, agradável, estacionamento.	É bonita, as coisas estão em ordem.	Insegurança.	Próximo a Igreja. Para ver a igreja com frequência.	Não. Por falta de fiscalização fixa na praça.
18	Inseguro, poluído e movimentado.	A igreja, diz que frequenta a Igreja.	Inseguro, não é adequado para todo mundo.	No coreto. Porque é coberto.	Não. Por saber de assaltos e ver pessoas fumando na praça.
19	Arejada, espaçosa e calorenta	É arejado e espaçoso	Não tem sombra e não aproveitam o espaço que tem.	No banco embaixo da sombra, porque é um bom lugar pra descansar.	Não. Porque já soube de assalto, mas vê que tem ronda pela praça.
20	Lazer, esporte, festas	Arejado e espaçoso para festas	Não ser vigiada, mal reformada e tem pouca sombra	No banco e na grama. Por ser mais fresco.	Não, por não ser vigiado.
21	Vazio, desassistido, extenso	É fresco.	Pichações, usuários de droga, lixo, água parada no chafariz (dengue).	No coreto, porque é coberto para o sol e para a chuva.	Não. Por ter medo de assalto/troca de tiro, por se sentir exposta.

22	Ventilada, espaçosa, poluição visual	Os bancos, o coreto, as árvores ou deixa mais arejado.	Falta de manutenção e as pichações	O coreto e o parquinho. Porque é bom pra descansar e tem sombra.	Não, porque não vê fiscalização/policial.
23	Tranquilo, ventilado, perigoso.	Espaçoso para lazer.	Perigo de noite.	No chafariz e no banco embaixo da árvore. Por ser ventilado.	Não, por saber de assaltos
24	Ventilado, desestruturado, inseguro	A Igreja.	Usuários de droga, assaltos, chafariz sem funcionar, lixeiras quebradas, praça mal assistida.	Embaixo das árvores, porque tem sombra e é arejado	Não, por ter medo de assalto
25	Insegura, insalubre, impermeável	Nenhum.	Falta de árvore, não é feita para o verão de Lauro, descaracterizou depois da reforma, não preservou os aspectos arquitetônicos e históricos da Igreja.	Perto das árvores que tem. Por causa da sombra.	Não, porque não tem policiamento.
26	Grande, útil, insegura	Espaço	Funcionalidade, segurança e acessibilidade	Os espaços amplos	Não
27	Pode melhorar para melhor	É aberta, larga, organizada, tem arvores, extensa e limpa	Falta sombra, pouca cobertura, não gosta do coreto, falta acessibilidade. Não usar para atividades culturais e falta de equipamentos para atividade física.	No banco perto do parquinho	Não, é geral a insegurança
28	Não sabe	Só tem espaço	Ninguém vai na praça	Os bancos para descanso	Não
29	Muito boa para sentar	Espaço, charmosa	o fato de as linhas de ônibus serem retiradas	Ficar rodando na praça, local dos bancos	Não
30	Espaçosa, vazia e não sabe	Bonita, espaçosa, sombreada	Fica muito vazia, falta de policiamento	Não sabe, a praça é somente passagem	Não tem polícia e vive vazia
31	Desorganizada, bonita e legal	Boa pra jogar bola	Poucos bancos e piso danificado	Onde monta o palco (lateral da igreja)	Não, sem detalhes
32	Bonita, segura e acessível	Tudo dar certo aqui	Escadas	Perto dos trailers	Não, não sabe
33	Bonita, movimentada e grande	Bonita e legal	Pessoas em situação de rua, tráfico	Onde fica a prefeitura	Não, em lugar nenhum
34	Amplo, boa para brincar, lugar de passear	Crianças brincando, tem bastante espaço e bancos, tem festa (obs.: palco armado para festejos de São João)	Segurança, e crianças jogando bola atrapalham, fica bagunçado, poderia ter pessoas da prefeitura, até para dar mais segurança	Toda ela, a praça é boa	Não, a mesma coisa em tudo que é lugar, só com a polícia pra gente se sentir segura
35	Boa de sentar, ventilada, bonita	Tem espaço pra tudo, dá para colocar mais atrações	Parece insegura porque não tem policiamento	Onde está, perto dos trailers	Não
36	Perigosa, grande, aberta	Grandona, ela é aberta	Poucas pessoas frequentam, tem que ter mais festas, são João estava cheia, depois fica vazia novamente	Banco perto do parque	Não, tem assalto direto

37	Arborizada, grande e estranha	Encontrar amigos, descansar, sentar e ficar	Deserta, praça estranha, só presta até cedo (sai de escola, fica na praça até anoitecer depois vai embora)	O centro	Não, foi assaltada na praça uma vez, só fica de galera
38	Lugar de festa, encontro e diversão	Passear, lazer	Falta segura, precisa colocar mais comércio na praça	Nos bancos, trailers	Não, a guarda municipal poderia ficar na praça
39	Não sabe	Nada de mais, tem bancos, arejada	Cheio de Pivete, segurança	Não fica na praça	Não, quando anoitece fica perigoso
40	Tranquila, espaço, aconchegante	Lugar grande e tranquilo	Deserta	Nos bancos por causa da sombra	Não, sozinha não
41	Grande, insegura e com sombra	É aberta, grande, limpa, serve para encontrar pessoas	Segurança, não sabe, pois, não mora no local	Sentada no meio e lado dos trailles	Não, deveria ter segurança
42	Relaxar, grande, histórica	Muito boa, arborizada, bonita, bom para relaxar depois do almoço	Tem pouca gente, violência, falta segurança	Qualquer lugar com sombra	Não, não justificou
43	descuidada, deserta, insegura	Largo, tem sombra, potencial para crescer, tem um movimento bom quando tem evento	Segurança, basta colocar segurança	Banco frente ao teatro e dentro da praça	Não
44	Muito Legal	Tem uma construção interessante e é bonita	não sabe	Não sabe, apenas parou para descansar	Não, pouco movimento
45	não informa	Achou amplo, porem "deserto"	Muito deserto, poucos bancos	não soube dizer	Não, não conhece local
46	Mal cuidada, feia	A fonte, mas atualmente não tem água	Brinquedos quebrados, não tem bancos e precisa de mais lazer	O palco porque é o mais arrumado e é coberto	Não
47	Espaçosa, Moderna e Aconchegante	a praça tem bastante espaço e é arborizada	Não é bem iluminada, baixa manutenção	O palco, porque é coberto e daria para conversar por um tempo	Não
48	Vazia, Ensolarada e Tediosa	A Praça é um bom lugar para eventos	Pouco arborizada, falta de mobiliário urbano, mal iluminada, as entradas não chamam atenção e poderia ter mais rampas	Nos bancos sombreados	Não
49	Deserta, espaçosa, morta	A praça só presta quando tem evento	Muito pobre e sem estrutura	Os bancos da praça enquanto peço um Uber pra casa.	Não
50	Perigo, calor, grande	Muitos bancos e piso novo	Além de não ter segurança, a praça é foco de uso de drogas	O comércio ao redor	Não, porque tem assaltos frequentes.
51	Longe, grande e nova	O tamanho e a tranquilidade	As coisas quebradas, os moradores de rua e pessoas criminosas	Nos bancos	Não, não tem policiamento nenhum.
52	Barulho, diversidade insegura	Fácil de chegar, comércio	Engarrafado, bagunçado	A parte dos quiosques	Não, acha que a violência está muita

53	Drogas, desmazelo, chata	É grande	É um lugar mal frequentado	Nenhum	Não
54	Silenciosa, perigosa e ensolarada	Tranquilidade por estar sempre vazia	Perigo por ter tráfico no local	Nas sombras e nos bancos	Não, por conta das drogas e violência
55	Quente, antiga e arborizada	Arborizado, espaço infantil	Falta de acesso, mal planejado, bancos sem sombra	Usa a praça somente para passagem	Não. A violência em Lauro é complicada

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

Quadro 8: Sensação de segurança e percepção ambiental dos frequentadores do entorno da praça e visitantes: seleção de respostas que afirmaram ser indiferente com relação a sensação de segurança na praça

Nº	1. DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?
1	Droga, natureza, tranquilidade.	Lugar de lazer, infraestrutura bacana.	Falta de segurança.	Debaixo das árvores.	Mais ou menos, durante o dia sim, à noite não por conta dos usuários de drogas.
2	Lazer, diversão e natureza.	Área aberta dá pra praticar esporte.	Pouca atração.	Debaixo da árvore em frente à secretaria porque tem sombra.	Mais ou menos, por causa de facção e assalto.
3	Bem estar, lazer e bonita.	Limpeza, pintura, bancos e lixeiras.	Sinalização dos estacionamentos é ruim.	Debaixo das árvores, pelo conforto.	Indiferente, até o momento não viu nada estranho, mas achou meio vazia o que pode levar à insegurança.
4	Agradável, Arborizada e pouco movimentada	Bom pra relaxar e arborizada	O Barulho	Dos bancos próximos às arvores	Indiferente
5	Trabalho, zoada e vendas	O espaço, a localização, a variedade de comércio e os bancos sombreados	A bagunça e barulho do dia a dia	Os banquinhos e quiosques	Indiferente. Nunca aconteceu nada.

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

Em análise quantitativa dos dados referentes à sensação de segurança, das 156 pessoas entrevistadas, 144 informaram não se sentir seguras na praça, apresentando as mais variadas justificativas. Isso corresponde a uma taxa de sensação de insegurança de 92,30% dos entrevistados.

Buscando melhor exemplificar as respostas relacionadas a sensação de segurança, considerando a diversidade de termos relatados pelos entrevistados, mas tendo significados semânticos equitativos, selecionamos aleatoriamente 10

exemplos que respostas que fornecem *insights* valiosos sobre a percepção de segurança dos entrevistados na Praça Matriz, revelando padrões distintos e sobrepostos entre moradores do entorno e não moradores (Tabela 9). A análise da relação entre a sensação de segurança e a percepção ambiental dos entrevistados na Praça Matriz demonstra como as características físicas e sociais do espaço influenciam diretamente o bem-estar e a apropriação dos usuários. A percepção ambiental, como um processo complexo que envolve a interpretação individual do ambiente (Tuan, 2012), é crucial para entender por que as pessoas se sentem seguras ou não em um espaço público.

É notável que, independentemente de morar ou não no entorno da praça, a análise da sensação de segurança, focada nas dez respostas mais relevantes para a temática, representa o universo da amostra de entrevistados do local. A maioria (nove de dez) dos entrevistados informa não se sentir segura na praça, o que indica uma preocupação generalizada com a segurança do ambiente. Apenas o entrevistado E89, morador do entorno, sente-se seguro e aprecia as áreas livres para a prática de lazer ativo. Chama a atenção, no entanto, sua resposta sobre os pontos negativos: "não pode jogar bola", o que sugere a existência de algum controle sobre o uso do espaço.

Quadro 9: Sensação de segurança e percepção ambiental dos moradores do entorno da praça e visitantes: seleção das dez respostas mais aderentes à análise da sensação de segurança

ENTREVISTADO	SENSAÇÃO DE SEGURANÇA			PERCEPAÇÃO AMBIENTAL		
	MORADOR DO ENTORNO DA PRAÇA?	SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?	RESPOSTA	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS	DESCRIÇÃO DA PRAÇA EM TRÊS PALAVRAS
E21	Sim	Não	Não, porque é fácil de ter assalto e não tem segurança.	Espaçosa e de fácil acesso.	Não tem muito lugar coberto e equipamentos de lazer.	Calor, espaçosa e bonita.
E24	Não	Não	Não, porque é um lugar público com pouca segurança	Grande, possibilidade de encontro.	Perigosa e vazia.	Extenso, variável e bonita.
E37	Não	Não	Não. Porque é muito aberto e já ouviu relatos de assalto.	Espaço amplo.	Pouco lugar para sentar, pouca árvore, poderia ter mais festivais.	Espaçosa, agradável, desarrumada.
E42	Sim	Não	Não. Porque existe muito ataque cibernético psicológico/fantasma.	A Igreja e o entorno da praça.	O chafariz quebrado, os fumantes (as pessoas confundem ele, acham que também é fumante por ser morador de rua), lixeiras quebradas.	Bonita, sem manutenção e sem fiscalização.
E89	Sim	Sim	Sim, ninguém mexe aqui com as pessoas, o povo fica com medo mas aqui é boa.	Perto de casa, boa para pedalar bicicleta, diferente da outra praça que é cheia de quiosque, barraca, essa tem espaço	não poder jogar bola, tem pouca festa	Espaçosa, legal, lugar de curtir
E103	Sim	Não	Não, Vive vazia	Praça grande que vive abandonada, tem bancos	Abandonada, não tem movimento	Abandonada, espaçosa, ruim
E115	Sim	Não	Não [sic] Sente falta de como era a praça antes da revitalização	Área ampla	Fonte desativada, falta de manutenção, câmara de vereadores e falta de segurança	Vergonhosa! [*sic*]Informa ter preferência em como a praça era antes da reforma, com quadras, muitas arvores e principalmente a fonte com uma sereia.
E121	Não	Não	Não, por falta de segurança	Bom para encontros, espaço amplo	Degradação, abandonado	Muito degradado [sic]
E134	Não	Não	Não, porque tem assaltos frequentes.	Muitos bancos e piso novo	Além de não ter segurança, a praça é foco de uso de drogas	Perigo, calor, grande
E147	Sim	Não	Não [sic]	Perto de casa, é uma praça bonita e arrumadinha	O perigo e os usuários de drogas	Verde, calor, perigo

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados pela pesquisa.

As respostas do entrevistado E134, não morador do entorno, expressam uma forte sensação de insegurança. Sua percepção ambiental é marcadamente negativa, descrevendo a praça como "perigosa, quente e grande". Os pontos negativos reforçam esta visão, citando explicitamente que "Além de não ter segurança, a praça é foco de uso de drogas", que pode ser percebido como gerador de desordem ou atividade ilícita. Para este entrevistado, a desorganização física e a falta de controle social do ambiente são diretamente traduzidas em uma experiência de perigo, inibindo qualquer apropriação mais significativa do espaço. Sua percepção contrasta drasticamente com a do entrevistado E89 e dos demais entrevistados que se sentem seguros, indicando uma experiência muito diferente da praça.

As respostas daqueles que não se sentem seguros na praça indicam que as principais questões apontadas estão relacionadas à sensação de segurança propriamente dita. Alguns entrevistados mencionaram um sentimento geral de insegurança, mesmo sem terem vivenciado situações específicas de violência ou criminalidade. A falta de "manutenção" e "acessibilidade" é outro aspecto salientado, relacionado ao cuidado com a praça. Além disso, houve menções à ausência de policiamento, ou à percepção de que ele é insuficiente, gerando, com isso, insegurança.

Estes resultados demonstram que a percepção de insegurança é uma questão crítica na percepção ambiental dos entrevistados da Praça Matriz, sendo a sensação de insegurança mais presente entre eles, o que pode afetar negativamente o uso e a experiência da praça, limitando a frequência e a diversidade de atividades realizadas no local.

As razões para a avaliação da sensação de segurança, além das já sugeridas (iluminação, policiamento e manutenção), se repetiram bastante entre as respostas. O fato de os espaços da praça serem subutilizados, com concentração de pessoas em algumas áreas da praça, como demonstrado no mapeamento comportamental, aliado à má solução dos desníveis, faz com que as conexões visuais do local sejam comprometidas, facilitando, por exemplo, que pessoas “se escondam” em pontos cegos.

Durante as entrevistas, foi perguntado às pessoas sobre quais atividades elas frequentemente realizavam na Praça Matriz, e as respostas variavam entre lazer, de passagem, trabalho, moradia, estudo e encontros pessoais. Com base nas respostas, o panorama geral do uso da Praça Matriz de Lauro de Freitas revela um espaço multifuncional, com uma parcela significativa dos entrevistados que utiliza a praça como um corredor de passagem para o deslocamento entre diferentes pontos da cidade, seja a pé, seja de ônibus, seja de carro. Muitos também a utilizam para atividades relacionadas ao trabalho, indicando que a praça se insere nas rotinas laborais dos indivíduos, funcionando como um ponto de acesso ou local para a realização de suas ocupações (como o comércio informal, por exemplo). Isso reforça a característica da praça como um espaço de fluxo intenso e funcional dentro da dinâmica urbana central de Lauro de Freitas.

O entrevistado E22 relatou que utiliza a praça apenas de passagem, o que corrobora a tese de que a Praça Matriz é também um espaço de deslocamento na cidade, com um fluxo bastante intenso, como observado em campo. Contudo, o desejo do mesmo entrevistado (E22) de realizar "atividades culturais, batalha de rap, exposições de arte" revela uma demanda por diversificação cultural e artística que não é atendida. A razão, de acordo com o entrevistado, é a falta de estrutura que favoreça esse tipo de atividade. O fato de ele "morar longe" também pode ser um fator limitante para sua permanência na Praça Matriz.

O lazer é uma atividade comum, com muitos entrevistados frequentando a praça para encontros, descanso ou para levar crianças ao parquinho. No entanto, as respostas sobre as atividades desejadas e não praticadas demonstram uma demanda reprimida por mais opções de lazer. Fatores como a falta de equipamentos adequados, a ausência de infraestrutura específica para certas práticas (como esporte organizado ou atividades culturais), ou o "mau zelo" do espaço estão entre as justificativas dos entrevistados para a não utilização para o lazer.

Entre os entrevistados que utilizam a Praça Matriz para lazer, E4 narra sua frustração por não conseguir "jogar futebol" devido ao "mau zelo dos usuários que sucateiam a praça". Esta queixa demonstra diretamente a questão da qualidade do espaço e da infraestrutura. Embora a Praça Matriz disponha de uma infraestrutura relativamente boa, a percepção de E4 ressalta que a manutenção e o cuidado são cruciais para permitir a plena realização das atividades de lazer, uma vez que influenciam a capacidade da praça de ser verdadeiramente convidativa à permanência e ao uso qualificado por parte dos usuários que buscam o lazer ativo.

Para os moradores do entorno, a praça é frequentemente integrada às suas rotinas diárias de moradia, seja para acesso a serviços e comércio, seja como um ponto de referência. Algumas respostas indicam que a praça é um local para "encontrar amigos" ou para a "vida cotidiana" dos que residem nas proximidades, ainda que nem sempre para a permanência prolongada.

A entrevistada E147 utiliza a Praça Matriz para atividades cotidianas, como moradora local, mas, ao ser perguntada sobre o que gostaria de fazer na praça, sua resposta revela um desejo por lazer, pois gostaria de "encontrar

amigos em eventos" e "comer", atividades tipicamente ligadas ao lazer e à socialização, sugerindo um uso mais prolongado do espaço. Todavia, ela "não gosta de ficar na praça, pois está sempre deserta". Esta observação confirma as constatações feitas no estudo de campo: a maior parte da Praça Matriz não é expressivamente utilizada e há uma clara falta de diversificação de uso, com pouca oferta de novos equipamentos de serviço e lazer para atrair mais pessoas. A "desertificação" de algumas áreas inibe atividades sociais e comunitárias, e a percepção de falta de vitalidade afasta potenciais usuários.

As entrevistas revelam uma dissonância crítica entre o desejo e a realidade do lazer na praça. Há uma forte demanda reprimida por atividades que incentivem a permanência, como a prática de esportes, eventos culturais, batalhas de rap e exposições de arte. No entanto, essa vocação para o lazer é sistematicamente frustrada pela "falta de estrutura", "falta de equipamento" e pelo "mau zelo" com a manutenção.

Essa lacuna confirma a tese da transformação do espaço público. A Praça Matriz exemplifica um local que perdeu sua função social e de lazer qualificado para se tornar, primariamente, um espaço utilitário. A prevalência de atividades como "passagem" e "trabalho" entre os frequentadores mais assíduos demonstra que, para muitos, a praça é um meio, e não um fim. Ela funciona como um corredor urbano, um nó de transporte ou um local para o comércio informal, mas raramente como um destino para o ócio e a socialização prolongada.

A pergunta *"como você chega aqui?"* buscou identificar questões de acessibilidade e deslocamento. A forma de chegada à praça varia, mas o uso "a pé" é bastante comum, especialmente para aqueles que trabalham, estão de passagem ou residem nas proximidades. O uso de "carro" e "ônibus" também é relevante, indicando que a praça é um ponto nodal de transporte, o que influencia o fluxo de pessoas de diversas origens, sendo utilizada como rota de fluxo, assim como foi comprovado pelos mapas de fluxos gerados na etapa de observação de campo.

Para entender a percepção dos usuários sobre os espaços da Praça Matriz, questionou-se aos entrevistados qual ambiente preferiam ou mais frequentavam, e o porquê. As respostas revelam uma concentração de preferências por áreas específicas, frequentemente motivadas por conforto e infraestrutura, corroborando os estudos de Whyte (1980) e Araujo (2018).

A análise detalhada das preferências demonstra uma diversidade, com destaque para bancos, o coreto e, em menor escala, a igreja, as árvores e o chafariz. As justificativas para estas escolhas estão ligadas principalmente ao conforto (sombra, ventilação, assentos), à localização (centralidade, proximidade com a igreja) e à beleza ou ao significado cultural dos elementos.

A percepção ambiental sobre a área do coreto, no entanto, diverge do mapeamento comportamental. A discrepância pode ser justificada por alguns fatores, como as observações em campo foram realizadas no alto verão (novembro a fevereiro), período em que a incidência solar torna o coreto o ambiente mais quente da praça. Em contrapartida, as entrevistas foram aplicadas no inverno (junho e julho) e consideraram a memória dos entrevistados, que pode remeter a vivências anteriores naquele local.

O caso do entrevistado E22, um não morador do entorno, é particularmente relevante. Sua preferência por um ambiente não se baseia em conforto ou beleza, mas em segurança ("debaixo da árvore perto da secretaria porque é de fácil fuga"). Isso destaca um ponto crítico: mesmo em áreas de maior uso, a percepção de insegurança pode ser um fator limitante para a plena apropriação do espaço e sua capacidade de ser convidativo à permanência. A necessidade de "fuga" sugere que, para alguns usuários, a praça é vista com desconfiança, o que impacta diretamente a qualidade da experiência e a escolha dos locais de permanência.

A preferência por "debaixo das árvores" por parte de E14, um morador do entorno, reitera a importância da área arborizada no perímetro da praça como um dos poucos locais que convidam à permanência. Esta escolha é guiada pela busca por conforto térmico, o que sublinha uma deficiência geral de sombreamento em outras áreas da praça, contribuindo para a percepção de que "os espaços, no geral, não são convidativos para permanecer". A qualidade da arborização, portanto, torna-se um fator crucial para a apropriação do espaço.

O conforto ambiental é a condição material indispensável para a permanência. A análise das preferências dos usuários é clara: as pessoas se concentram onde há um mínimo de conforto, especialmente sombra e locais para sentar. A preferência por ficar "debaixo das árvores" ou no "coreto" é uma resposta direta à busca por alívio térmico e descanso.

A falta de conforto em outras áreas, como a ausência de bancos, pouca arborização e o calor excessivo, atua como um poderoso repelente. A queixa sobre a praça ser "quente", "seca" e com "pouca sombra" evidencia uma falha de design que ignora as necessidades básicas dos usuários em um clima como o de Lauro de Freitas. Essa desconexão entre o projeto e a experiência vivida alinha-se à crítica de Serpa (2004) sobre "linguagens projetuais" que não dialogam com a população.

Um espaço desconfortável é, por definição, um espaço excludente. Ele limita o tempo de permanência e seleciona seu público, afastando idosos, crianças e qualquer pessoa que busque um local para uma pausa prolongada. O conforto, portanto, não é um mero detalhe, mas o alicerce sobre o qual as funções de lazer e socialização podem ou não se desenvolver. A infraestrutura de conforto é o que permite que um espaço de fluxo se transforme em um espaço de permanência.

Além de confirmar a percepção dos usuários da Praça, as entrevistas demonstraram a inconsistência da própria compreensão dos frequentadores do espaço público com relação as suas percepções, além de apresentar reflexo do senso comum da sociedade sobre a sensação de segurança nos espaços públicos contemporâneos.

7. Considerações Finais

A dissertação propõe-se a analisar a percepção ambiental dos usuários da Praça João Thiago dos Santos (Praça Matriz) em Lauro de Freitas, Bahia, focando em seus usos e funções. O trabalho discute as abordagens conceituais sobre o espaço público e suas transformações, reflete sobre as dimensões socioespaciais da percepção ambiental em praças e, por fim, analisa empiricamente os usos e funções da Praça Matriz.

A pesquisa questiona a tese do "fim dos espaços públicos", buscando compreender a multifuncionalidade e as novas finalidades destes espaços na contemporaneidade, com a colaboração multidisciplinar da Psicologia Ambiental e dos estudos urbanos.

Para compreender a influência do espaço público no comportamento humano, este texto adotou uma abordagem multimétodos e interdisciplinar,

integrando Arquitetura e Urbanismo com Psicologia Ambiental, a fim de analisar a complexa relação entre pessoas e ambiente. O estudo centraliza-se, portanto, na transação pessoa-ambiente, utilizando observação direta (especificamente mapeamento comportamental) e entrevistas semiestruturadas como técnicas de coleta de dados.

A Percepção Ambiental é uma ferramenta valiosa para entender as interações entre pessoas e ambientes urbanos, ajudando a identificar requisitos para a compreensão da percepção humana sobre o espaço e como essa se interrelaciona com os usos e funções do mesmo. O comportamento humano nestes espaços é influenciado por características físicas, culturais e psicológicas. A compreensão de como os usuários percebem e se relacionam com o espaço é crucial para auxiliar na formulação de políticas públicas e projetos capazes de potencializar os usos dos espaços públicos e ressignificar suas funções na contemporaneidade.

A revisão de literatura aqui apresentada conclui que as praças públicas são reconhecidas atualmente por seu caráter multifuncional e social, atuando como "lócus privilegiados" para valores sociais, históricos e culturais, servindo como pontos de articulação urbanística e arquitetônica, promovendo a convivência e o lazer e consolidando relações sociais e identidades urbanas. A configuração espacial das praças é crucial, pois se adapta a diversas funções através da interação complexa entre forma, função e estrutura social, de acordo com Santos (1996).

No contexto da contemporaneidade, os conceitos de "permanência" (na pesquisa relativo aos usuários que permanecem na praça) e "fluxo" (os usuários em trânsito) são fundamentais para entender a dinâmica funcional das praças públicas no Brasil, evidenciando como estes espaços se adaptam a diferentes atividades e movimentos ao longo do dia, mantendo sua vitalidade, apesar das transformações urbanas.

Os estudos de percepção ambiental, influenciados por obras como *A Imagem da Cidade*, de Kevin Lynch (1960), são essenciais para compreender a relação pessoa-ambiente em arquitetura e urbanismo. Assim como os estudos de Whyte (1980) sobre as praças de Nova York, e os estudos de Araujo (2018) sobre os usos e funções dos espaços públicos, que explicam as atitudes das pessoas em relação a ambientes específicos, que são moldadas por estímulos

sensoriais, culturais e de personalidade. A colaboração interdisciplinar entre Psicologia Ambiental e Arquitetura é vital para compreender como o ambiente afeta o comportamento humano e vice-versa, tornando a percepção uma ferramenta-chave para a análise qualitativa dos espaços públicos.

A expansão urbana de Lauro de Freitas, no século XX, foi impulsionada por fatores econômicos e migratórios, resultando em significativo crescimento demográfico e conurbação com Salvador. Isso gerou um padrão de ocupação socialmente estratificado, com residentes de alta renda nas áreas costeiras e populações de baixa renda em assentamentos informais próximos ao aeroporto e ao bairro de São Cristóvão em Salvador.

A Praça Matriz, apesar de sua importância histórica, apresenta características espaciais (como vegetação escassa, lixeiras danificadas, baixa iluminação noturna e uma grande área sem sombreamento) que influenciam seus padrões de uso e o conforto dos usuários em diferentes horários do dia, sugerindo uma subutilização em certos períodos.

A complexidade da Praça Matriz, que recebe diversas atividades e pessoas, exige uma compreensão aprofundada de como, quando e por quem é utilizada. A observação comportamental, em particular o mapeamento comportamental, foi uma ferramenta essencial para complementar esta compreensão, revelando os padrões de uso e as atividades reais.

A avaliação física da Praça Matriz revela um espaço complexo com diversas atividades, além de ser uma grande área sem sombreamento devido à escassez de vegetação, o que pode levar à subutilização diurna. No entanto, apesar de algumas estruturas conservadas, há problemas com a manutenção do seu espaço físico.

O mapeamento comportamental demonstrou que a Praça Matriz é um espaço público altamente multifuncional, atendendo a diversas necessidades e perfis de usuários (crianças, idosos, famílias, jovens, estudantes, adultos, pessoas em situação de rua) com variadas atividades (brincar, descansar, socializar, comércio, práticas religiosas). Apesar de sua infraestrutura poder estar subutilizada em relação ao tamanho, o padrão de uso diversificado e as interações ali existentes reforçam sua importância como espaço de convivência comunitária.

Os resultados empíricos da pesquisa, concentrados na Praça Matriz de Lauro de Freitas, confirmaram a multifuncionalidade do espaço público contemporâneo, como discutido nos capítulos teóricos. Observamos que a praça serve como um ponto de encontro para diversos eventos comunitários e culturais, como festas de São João e shows artísticos, atraindo grandes públicos.

A capacidade de abrigar uma diversidade de funções, incluindo cívicas, religiosas, comerciais, residenciais, culturais, esportivas e de lazer, corrobora a visão de autores como Bortolo (2015) e a Araujo (2018), que consideram a praça um "lócus privilegiado" da cidade, capaz de resgatar valores sociais, históricos e culturais e ser um espaço de reunião para inúmeros fins.

A análise dos usos e funções do espaço público na Praça Matriz de Lauro de Freitas revelou a coexistência de "permanência e fluxo". Embora a praça não possua uma apropriação intensiva em todas as suas extensões, foram identificados "bolsões de uso" bem definidos, impulsionados pela oferta de conforto (sombra, abrigo) em áreas específicas, principalmente nas áreas periféricas da praça, onde tem a presença de bancos e arvores, e equipamentos de lazer e consumo (parquinho e foodtrucks). A presença de serviços de alimentação, como *foodtrucks* e barracas, especialmente à noite, demonstra a adaptação do espaço às demandas contemporâneas e a apropriação espontânea que gera novas funções. Esta dinâmica reforça a tese de que a praça atual não perdeu sua função de encontro, mas a complexificou, tornando-se um palco onde a permanência ancestral dialoga com a velocidade e a impermanência da vida urbana, contribuindo para sua vitalidade (Araújo, 2018).

As entrevistas indicam que, para potencializar a permanência dos usuários na Praça Matriz, são necessários investimentos em infraestrutura (novos equipamentos), melhorias no conforto ambiental (principalmente áreas sombreadas) e, crucialmente, estratégias eficazes para garantir a segurança. A percepção de segurança é subjetiva, mas uma alta porcentagem dos entrevistados (92,30%) expressou sentir-se insegura, o que influencia diretamente o comportamento de uso e a apropriação do espaço.

Os achados empíricos da pesquisa reforçam a tese da multifuncionalidade e vitalidade dos espaços públicos contemporâneos, refutando a ideia do seu "fim", como evidenciado pela diversidade de usos e perfis de usuários da Praça Matriz. Contudo, o estudo revelou uma discrepância marcante nas preocupações

dos usuários, com a questão da segurança se destacando como o fator mais impactante para o uso e apropriação do espaço, conforme a alta porcentagem de entrevistados que manifestaram sentimento de insegurança (92,30%). Essa priorização da segurança nas respostas dos entrevistados, embora expressiva, parece refletir em grande parte um senso comum generalizado sobre a insegurança em espaços públicos contemporâneos, em vez de ser o único fator determinante do uso real da Praça Matriz. Isso se evidencia pelo fato de que outros aspectos, como lazer e conforto ambiental (por exemplo, áreas sombreadas e novos equipamentos), também foram apontados como cruciais para potencializar a permanência. Assim, a percepção de insegurança coexiste com demandas por melhorias físicas que, em última análise, também influenciam a apropriação do espaço. É imperativo reconhecer que os resultados desta análise, inerentes ao estudo pessoa-ambiente de natureza interdisciplinar, carregam a subjetividade e a discrepância das próprias respostas obtidas. A percepção humana sobre o espaço é intrinsecamente moldada por estímulos sensoriais, culturais e psicológicos individuais, resultando em um mosaico de percepções que, apesar de complexo, foi essencial para desvendar as dinâmicas de apropriação e as reais necessidades dos usuários da Praça Matriz, pavimentando o caminho para um planejamento urbano mais adaptativo e focado no bem-estar.

Em relação às teorias levantadas nos capítulos de revisão bibliográfica, os resultados da Praça Matriz refutam a tese do "fim dos espaços públicos" (Arendt, 1958; Davis, 1992; Sennett, 1990; Caldeira, 2007; entre outros), uma vez que, apesar da percepção negativa dos usuários com relação à segurança e manutenção, a Praça Matriz é utilizada e adaptada às necessidades dos seus usuários a partir de apropriações cotidianas relacionadas às áreas de maior conforto e disponibilidade de lazer.

A dimensão política do espaço público, embora menos proeminente na Praça Matriz em termos de grandes manifestações diárias, cede lugar a uma multifuncionalidade social, econômica e cultural, sendo por vezes utilizada para ações política-institucional, como lançamento de campanhas de saúde, educativas ou ações relacionadas à gestão municipal. A praça não é apenas um local de passagem, mas um espaço de vivência diversificada, em que a percepção dos usuários molda suas interações e apropriações. A compreensão

da percepção ambiental, como apontado por Tuan (2012) e outros autores, foi crucial para desvendar estas dinâmicas.

Apesar dos resultados ricos em possibilidades de avaliações e de contribuição significativa, é importante reconhecer algumas fragilidades da pesquisa, inerentes à qualquer produção acadêmica. Uma limitação que pode ter comprometido o avanço dos resultados está relacionada à temporalidade da coleta de dados. Embora as visitas à praça tenham ocorrido ao longo de dez meses (outubro de 2023 a setembro de 2024), em diferentes horários e estações climáticas, a percepção e o uso dos espaços e uma contribuição mais assertiva sobre a apropriação do espaço demandam períodos mais extensos, mesmo a apreensão da apropriação social não tenha sido o objetivo central deste trabalho, e sim a compreensão dos seus usos e funções.

Adicionalmente, ainda que a pesquisa tenha explorado aspectos sócio-históricos do município de Lauro de Freitas, a profundidade da análise do contexto macrossocial, que influencia as ações cotidianas dos usuários, pode ser uma limitação, como apontado por Singer (2002) acerca das entrevistas não abordarem diretamente este contexto. A dissertação focou na percepção ambiental dos usuários da Praça Matriz, o que é um recorte metodológico válido, mas que naturalmente restringe a amplitude da compreensão de fatores externos que impactam o uso do espaço.

A partir das lacunas e *insights* gerados por este estudo, diversas possibilidades de pesquisa futura se abrem. Primeiramente, seria valioso realizar estudos longitudinais para acompanhar as transformações da Praça Matriz ao longo de um período ainda mais estendido, a fim de verificar se as tendências observadas persistem e como novas dinâmicas sociais e urbanísticas podem influenciar seus usos e funções, incluindo a análise do impacto de futuras intervenções urbanísticas na praça.

Em segundo lugar, aprofundar a investigação sobre a relação entre a percepção de segurança e as características físicas e sociais do espaço em outras praças de Lauro de Freitas ou de municípios com perfis socioeconômicos semelhantes. Uma pesquisa comparativa poderia revelar padrões regionais e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a potencialização do uso do espaço público urbano que promovam maior sensação de segurança e bem-estar.

Terceiro, seria interessante explorar a percepção ambiental de diferentes grupos de usuários da Praça Matriz de forma mais segmentada. Por exemplo, focar em crianças e adolescentes, idosos, ou grupos específicos que utilizam a praça para atividades culturais ou de lazer, a fim de identificar necessidades e percepções particulares que poderiam informar aspectos mais específicos sobre o uso coletivo destes grupos.

Por fim, a metodologia multimétodos utilizada neste trabalho, integrando a Psicologia Ambiental e a Arquitetura e Urbanismo, poderia ser replicada e aprimorada em outros estudos de caso de espaços públicos. A experimentação com novas ferramentas de coleta e análise de dados, como tecnologias de rastreamento de movimento ou análise de dados de mídias sociais (*geotagged data*), poderia complementar os métodos tradicionais e oferecer uma compreensão ainda mais abrangente acerca da relação pessoa-ambiente em espaços urbanos.

Logo, as futuras pesquisas poderão contribuir para um planejamento urbano mais assertivo, que promova espaços públicos verdadeiramente multifuncionais, seguros e adaptados às necessidades e aspirações de seus usuários.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, S. L. **Espaço Público:** do urbanismo ao político. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

ALVES, M. R. (2013). CIDADE CONTEMPORÂNEA: QUESTÕES CONCEITUAIS DA CONFORMAÇÃO DE SUA ESPACIALIDADE. Revista **Tópos**, 1(2), 29–57. Recuperado de https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2196

ARAÚJO, A. V. de. Funções dos espaços públicos na cidade contemporânea. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 25, n. 37, p. 84-123, 2018. Disponível em:<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/20431>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ARAUJO, A. R. C. **Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador:** 1930-1949. 2004. 264f. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFBA. Salvador: 2004.

ARAÚJO, J. A. SOBRE A CIDADE E O URBANO EM HENRI LÉFÈBVRE. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online),** São Paulo, Brasil, v. 16, n. 2, p. 133–142, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74258. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74258.. Acesso em: 15 abr. 2024.

ARAÚJO, M. M. S. **A produção do espaço urbano periférico e a questão habitacional em Feira de Santana:** o Programa Minha Casa Minha Vida no bairro da Mangabeira, entre 2009-2014. 2017. 245f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23045. Acesso em: 22 jul. 2025.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1958.

ARENDT, H. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BABBIE, E. **The practice of social research.** 11th ed. Belmont: Thomson Learning, 2007.

BARROS, M. V. F.; VIRGILIO, H. Praças: espaços verdes na cidade de Londrina. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 533-544, 2010.

BARROS, S. F. de S. O método regressivo-progressivo como possibilidade para os estudos das cidades médias. **Revista Cerrados,** [S. l.], v. 16, n. 02, p. 110–125, 2018. DOI: 10.22238/rc24482692201816021101 25. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1209. Acesso em: 15 jun. 2024.

BENCHIMOL, J. F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Distribuição de Praças Públicas na Cidade de São Paulo, SP. In: BENINI, S.M.; ROSIN, J.A.R.G. (Org.). **Estudos Urbanos:** uma abordagem Estudos Urbanos: uma abordagem interdisciplinar da cidade contemporânea interdisciplinar da cidade contemporânea. 1ª ed. Tupã, SP: ANAP, 2015, p. 291-306.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: ____. **Obras escolhidas III:** Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 106-116.

BERNARDI, J. L. **Funções sociais da cidade:** conceitos e instrumentos. 2006. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana). 2006. 125f. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

BORTOLO, C. A. Discutindo o espaço público na cidade capitalista contemporânea. **Revista GeoUECE** - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 4, nº 7, p. 103 –125, jul./dez. 2015. Disponível em http://seer.uece.br/geouece. Acesso em: 22 jul. 2025.

CALDEIRA, J. M. A **Praça Brasileira – trajetória de um espaço urbano**: origem e modernidade. 2007. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CAMARA, I. P. **Análise da percepção dos usuários do Parque da Gare – Passo Fundo/RS**. 2018. 178f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Meridional (IMED), Passo Fundo, 2018.

CAPRON, G.; HERNÁNDEZ, M. T. E. El enclave urbano, lógica socioespacial de la periferia urbanizada y sus efectos sobre la segregación residencial y la fragmentación urbana. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, Bogotá, v. 25, n. 2, p. 125–149, 2016. DOI: https://doi.org/10.15446/rcdg.v25n2.54720.

CARIGÉ, Anderson Andrade. **Cidades metropolitanas:** a cidade de Lauro de Freitas na RMS/BA. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2016.

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial.** 1ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole.** São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, I. M. M.; PEREIRA, G. (org.). As “cidades” de Salvador. In: _____. **Como anda Salvador.** 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 81–211.

CERQUEIRA, Y. M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea**. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

CONDER (BA). EPARTS. **Consultoria para implementação e gerenciamento do PDLU do município de Lauro de Freitas**: relatório de atividades. São Paulo: CONDER, 1994.

COSTA, R. et al. Uso, afetividade e percepção: um estudo da satisfação dos frequentadores do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG. **Revista de Geografia**, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 14–24, 2011.

CUNHA JUNIOR, H. **Espaço público, urbanismo e bairros negros**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. [Ed. orig. 1984].

DAVIS, M. Fortress Los Angeles: the militarization of urban space. In: SORKIN, M. (ed.). **Variations on a theme park:** the new American city and the end of public space. New York: Hill and Wang, 1992, p. 154–180.

DE ANGELIS, B. L. D.; CASTRO, R. M. de; DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. **Engenharia Civil,** v. 4, n. 1, p. 57–70, 2004.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

DIAS, P. C. **A construção da segregação residencial em Lauro de Freitas (BA):** estudo das características e implicações do processo. 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

DORIGO, T. A.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Contribuições da percepção ambiental de frequentadores sobre praças e parques no Brasil (2009–2013): revisão bibliográfica. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 31–45, 2015. DOI: https://doi.org/10.5585/geas.v4i3.138.

ELALI, G. A. Psicologia e arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 2, p. 349–362, 1997.

FREITAS, G. A Itinga celebra o orgulho de ser de Lauro de Freitas. In: FREITAS, G.; CARDOSO, T. S. (org.). **De Ipitanga a Lauro de Freitas:** narrativas históricas do povo ipitanguense. Lauro de Freitas: Libre, 2019, p. 55–57.

FREITAS, G.; CARDOSO, T. S. (org.). **De Ipitanga a Lauro de Freitas**: narrativas históricas do povo ipitanguense. Lauro de Freitas: Libre, 2019.

FREITAS, G.; PARANHOS, E. **Livro da história de Lauro de Freitas:** antiga freguesia de Santo Amaro do Ipitanga. 3ª ed. Lauro de Freitas: JSP, 2008.

SERPA, Ângelo. Os espaços públicos da Salvador Contemporânea. In: Inaiá Maia Moreira de Carvalho; Gilberto Corso Pereira (org.). Como anda Salvador e sua Região Metropolitana. Salvador: Edufba, 2008. p. 173 – 188.

GEHL, J.; SVARRE, B. **A vida na cidade:** como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOMES, P. C. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1997.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: _____. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. v. 1, p. 369–380, 2008.

GURZA LAVALLE, A. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. **Espaço e Debates**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 33–44, 2005.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARDER, I. C. F.; RIBEIRO, R. C. S.; TAVARES, A. R. Índices de área verde e cobertura vegetal para as praças do município de Vinhedo, SP. **Revista Árvore,** Viçosa, v. 30, n. 2, p. 277–282, 2006.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

KAPP, S. Entrevistas na pesquisa sócio-espacial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, p. e202006, 2020.

LACERDA, G. M. S. de; MELLO, M. de; CUNHA, S. B. **Parcelamento e ocupação do solo:** implicações ambientais no município de Lauro de Freitas. Salvador, 1992.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978.

LERNER, J. **Acupuntura urbana**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, A. C. A. da S. A produção do espaço urbano e o espaço público: algumas considerações. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 9, n. 3, p. 07–22, 2019. Disponível em: https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/939. Acesso em: 16 jun. 2024.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência**, v. 1, n. 1, p. 125–139, 2005.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Lisboa: Edições 70, 1960.

MACHADO, L. P. A Praça da Liberdade na percepção do usuário. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 18–33, 1993.

MAGNOLI, M. M. Espaço livre – objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 21, p. 175–198, 2006. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249. Acesso em: 25 jan. 2025.

MOVIMENTO PASSE LIVRE**. Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Tradução. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

NIEMEYER, C. A. Percepção ambiental como estratégia de investigação em arquitetura: um estudo de caso. **Revista Projetar – Projeto e Percepção do Ambiente,** [S. l.], v. 3, n. 1, p. 44–52, 2018. DOI: 10.21680/2448-296X.2018v3n1ID16629. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16629. Acesso em: 21 abr. 2025.

OLIVEIRA, K. C.; NASCIMENTO, A. P. B.; RAMOS, H. R.; KNIESS, C. T.; AQUINO, S. Percepção, uso e afetividade de frequentadores de praças públicas na cidade de São Paulo, Brasil. **Journal of Urban Technology and Sustainability**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 11–26, 2020. DOI: 10.47842/juts.v2i1.11. Disponível em: https://journaluts.emnuvens.com.br/journaluts/article/view/11. Acesso em: 2 jun. 2025.

OLIVEIRA, L. **A percepção da qualidade ambiental:** a ação do homem na qualidade ambiental. Rio Claro: UNESP, 1983.

PROSHANSKY, Harold M. Theoretical issues in environmental psychology. **The School Review, v. 82, n. 4, p. 541–555, 1970.**

RAMOS, M. E. R. **Território afrodescendente:** leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2007.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2010.

SANTOS, A. N. G. **Espaço público, imagem da cidade – uma análise geográfica do filme de Eric Rohmer (“O signo do leão”, França, 1959).** Dissertação (Mestrado). 2007. 165 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

Santos, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, S. K. **Condições de ambiência urbana:** relação com a qualidade de vida e a sustentabilidade. Dissertação (Mestrado). 2016. 135 f. Mestrado Interdisciplinar em Educação, Ambiente e Sociedade Stricto Sensu do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE, 2016.

SEI – SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Bahia Análise e Dados:** Leituras da Bahia I. v. 09, n. 04. Salvador: SEI, 2000.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Luise Martins da. **Espaço público e cidadania:** usos e manifestações urbanas. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

SILVA, M. S. S. da; XAVIER, D. G. Hannah Arendt e o conceito de espaço público. **Profanações**, v. 2, n. 1, p. 216–236, 2015. DOI: https://doi.org/10.24302/prof.v2i1.856.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOBARZO, O. **Os espaços da sociabilidade segmentada**: a produção do espaço público em Presidente Prudente. 2005. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

SOUZA, A. F. de. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares** [online], v. 26, 2018. Disponível em: http://journals.openedition.org/geografares/6725. Acesso em: 18 mar. 2023.

SOUZA, A.F.N; LEITE, M. J.B. Arquitetura e psicologia ambiental. In: UIA 2021 RIO: 27th World Congress of Architects. **Anais [...]**Recife: Universidade Federal de Pernambuco –UFPE, 2021. p. 1679-1683.

TRAMONTINO, V. S. **O espaço livre na vida cotidiana:** usos e apropriações nos espaços livres na cidade de São Paulo, nas áreas do Terminal Intermodal da Barra Funda e do SESC Fábrica Pompéia. 2011. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade, São Paulo, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Eduel, 2012.

WHYTE, William H. **The social life of small urban spaces.** Washington, D.C.: Conservation Foundation, 1980.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. Lisboa: Arcádia, 1977.

Apropriação do espaço público: as praças contemporâneas, trabalho e lazer. **RUA**, Campinas, SP, v. 28, n. 2, p. 451–473, 2022. DOI: 10.20396/rua.v28i2.8671140. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8671140. Acesso em: 5 set. 2025.

ANEXOS



MAPA COMPORTAMENTAL - SÍNTESE

Legenda:

- Jovem sentado
- Jovem em lazer
- Jovem de passagem
- Adulto sentado
- Adulto em lazer
- Adulto de passagem
- Adulto estacionando
- Adulto em comercio
- Idoso sentado
- Idoso em lazer
- Idoso de passagem

0 25 50 75 100 m

Escala gráfica



MAPA COMPORTAMENTAL - SÍNTESE

Legenda:

Mancha de permanência de pessoas - Intensidade

0 25 50 75 100 m

Escala gráfica



MAPA DE FLUXO

Legenda:

Fluxo de permanência

0 25 50 75 100 m

Escala gráfica



MAPA DE FLUXO - SÍNTESE

Legenda:

Fluxo de permanência
Fluxo Intenso
Fluxo Leve
Pontos de Permanência
Fluxo Moderado

0 25 50 75 100 m

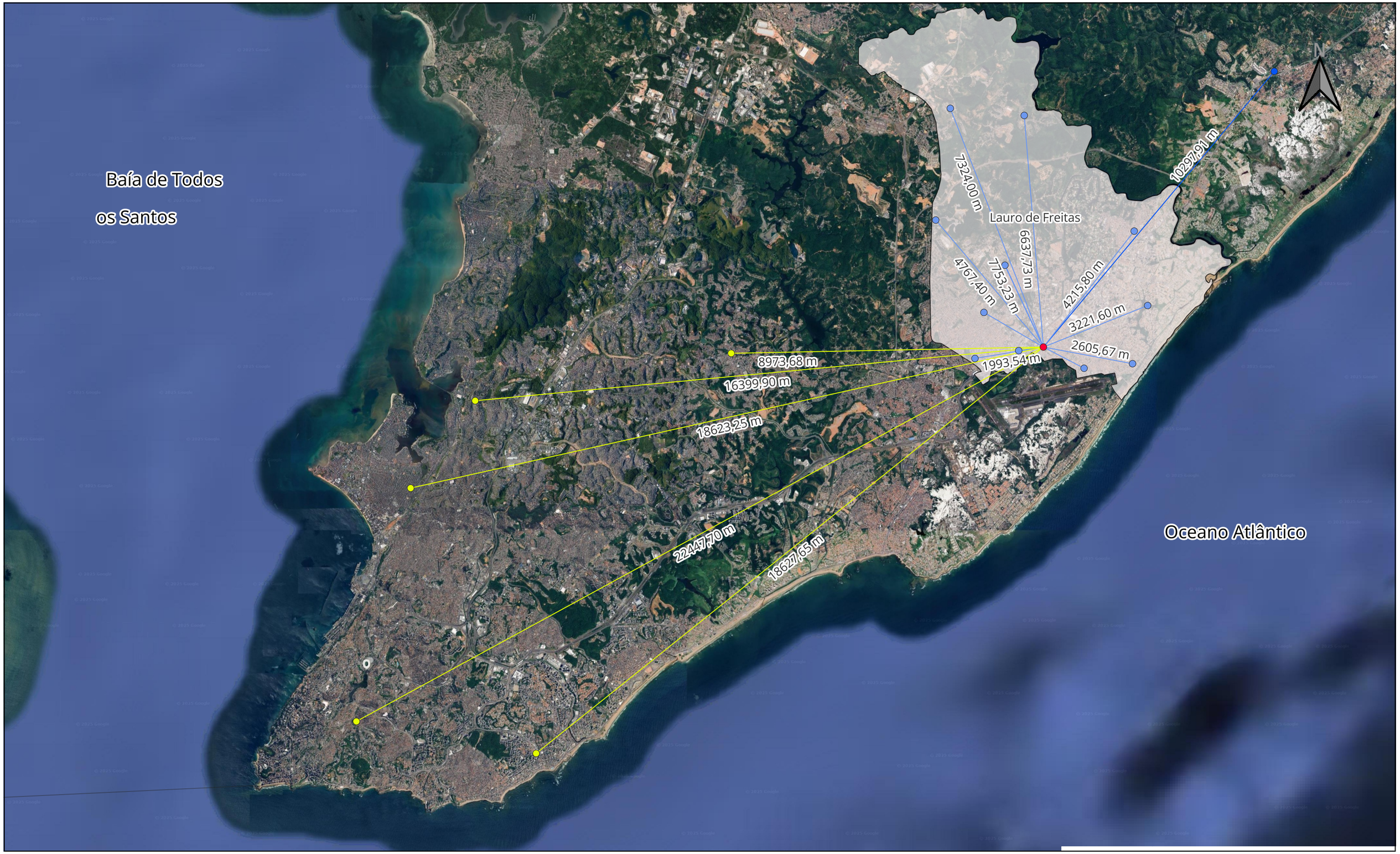
Escala gráfica



MAPA DE PERMANÊNCIA

Legenda:

Pontos de Permanência



DISTÂNCIA DA PRAÇA X MORADIA DOS ENTREVISTADOS

Legenda:

Distância Praça - Lauro de Freitas
Distância Praça - Camaçari
Distância Praça - Salvador

0 2,5 5 7,5 10 km

Escala gráfica

MAPA DE UTILIZAÇÃO (MORADORES)

Legenda:

- Calçada
- Entrada
- Trailers
- Parquinho
- Centro
- Chafariz
- Igreja
- Árvores
- Coreto
- Bancos

0 25 50 75 100 m

Escala gráfica

MAPA DE UTILIZAÇÃO (NÃO MORADORES)

Legenda:

- Bancos
- Árvores
- Coreto
- Trailers
- Igreja
- Parquinho
- Estacionamento
- Sec. Municipal de Seguraça Pública

0 25 50 75 100 m

Escala gráfica

ANEXO 01 - TABULAÇÃO DAS ENTREVISTAS

LOCAL	HORÁRIO	CLIMA	DATA	ENTREVISTADOR	NOME DO ENTREVISTADO	IDADE	ID DE GÊNERO	RAÇA	MORADOR DO ENTORNO (CENTRO DE LAURO)	ATIVIDADES REALIZADAS NO LOCAL	FREQUÊNCIA	TEMPO DE PERMANÊNCIA	1. DESCREVA ESSE ESPAÇO EM 3 PALAVRAS.	2. PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS POSITIVOS DESSE LUGAR?	3. PRA VOCÊ, QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DESSE LUGAR?	4. QUAIS ATIVIDADES VOCÊ GOSTARIA DE PRATICAR NESSE LUGAR? E PORQUE NÃO PRATICA?	6. QUAL DOS AMBIENTES DESSA PRAÇA VOCÊ MAIS GOSTA? (OU O QUE MAIS FICA)? PORQUÊ?	7. VOCÊ TEM FILHOS OU CONTATO COM CRIANÇAS NO SEU DIA A DIA?	8. VOCÊ SE SENTE SEGURO NA PRAÇA?	9. POSSUI ALGUM TIPO DE DEFICIENCIA OU CONHECE ALGUÉM COM?	10. COMO VOCÊ CHEGA AQUI?	11. FAZ PARTE DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO DE VIZINHOS/BAIRRO?
Comércio praça Martiniano Maia - loja de graõs	14:40:00	Chuviscando	20/05/2024	PEDRO	Eric	16	HOMEM	PRETO	Sim.	TRABALHO	Sempre.	4h - 6h	Abandonada, mal cuidada e desorganizada.	Visibilidade.	Sujeira, lixeiras inadequadas (vandalizadas), falta de cuidado.	Corrida, yoga, atividade física e boxe, não realiza pois não tem equipamentos e nem incentivo/organização.	Chafariz.	Possui contato, quando movimentado a praça é segura porque é de fácil visibilidade e as pessoas consequem olhar as crianças.	Não, volta e meia tem polícia, mas tem medo de assalto.	Não possui, conhece, não tem rampa e nem equipamentos de seguraça (corrimão, barras de	A pé.	Não.
Comércio praça Martiniando Maia - loja de chocolate	15:00:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Vitória	21	MULHER	PRETO	Sim.	LAZER	Às vezes, quando tem festa.	4h - 6h	Festa, bonita, insegurança.	Ficou bonita com a reforma.	Assalto.	Esporte, não realiza porque não tem equipamento.	Chafariz.	Não tem filho nem contado diário, é bom mas não tem segurança.	Não, porque não tem policiamento.	Conhece, não considera acessível.	Ônibus, consdera que tem poucas linhas.	Não.
Comércio praça Martiniando Maia - loja de chocolate	15:07:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Maria	25	MULHER	PRETO	Sim.	LAZER	Às vezes, quando tem festa.	4h - 6h	Festa, assalto, mal cuidada.	Os eventos.	Assalto.	Quadra, brinquedos pra brincar com o filho.	Chafariz.	Possui filho, é um espaço bom, amplo, mas está mal cuidado e não é seguro.	Não, porque tem assalto.	Conhece, não considera acessível porque não tem rampa.	Carro, bem localizado, mas tem trânsito.	Não.
Comércio entre a praça Martiniano Maia e a praça da Matriz	16:10:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Bruno	38	HOMEM	PRETO	Sim.	LAZER	Sempre.	2h - 4h	Grande, insegura e mal conservada.	Tamanho.	Falta de segurança, higiente, uso de drogas frequente.	Jogar futebol, recreação, não faz por conta do mal zelo dos usuários que sucateiam a praca.	Largo próximo à igreja.	Possui filhos, vê potêncial mas a insegurança atrapalha.	Não, pela presença de usuário de drogas e roubos.	Não possui e não sabe dizer se é acessível.	Carro, bem localizado, mas tem trânsito.	Sim, organização unidas pela cidade.
Sentada em um canteiro praça Martiniano Maia	16:30:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Edionice	62	MULHER	PARDO	Sim.	LAZER	Às vezes.	2h - 4h	Bonita, mal cuidada e brincar.	Igrejas.	Assalto.	Andar de bicicleta e patins, não justificou o motivo.	Chafariz.	Possui filho e considera propício pois é espaçosa.	Não, porque tem assalto.	Conhece, não soube dizer se é acessível.	A pé.	Não.
Sentado em um canteiro na praça Martiniano Maia	16:40:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Francisco	54	HOMEM	PARDO	Sim.	LAZER	1x por mês.	1h - 2h	Sem conforto, mal iluminada e insegura.	Espaço grande.	Limpesza, sujeira e mendigo.	Exercício, não faz pois não tem equipamento.	Parquinho.	Possui, considera propício durante o dia porque é espaçosa, mas a noite é perigosa.	Mais ou menos, até as 19:30 sim, depois não porque tem assalto.	Não possui e considera que precisa de adaptações.	A pé.	Já ouviu falar, igreja e associação de moradores.
Arquibancada na praça Martiniano Maia	16:55:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Ulíton	40	HOMEM	PRETO	Sim.	LAZER	Raramente.	1h - 2h	Elefante branco, bonita e calma.	Fácil acesso.	Não tem opções de lazer.	Atividades culturais, batalha de rap, exposições de arte, não faz porque não tem incentivo.	Trailers.	Possui, considera propício pelo espaço, mas não tem infraestrutura de qualidade.	Sim, por ser morador da região e conhecer, tem delegacia perto.	Não possui, considera acessível pois tem rampa.	Ônibus, considera de fácil acesso.	Não.
Sentada debaixo da árvore na praça Martiniano Maia	17:00:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Adriana	32	MULHER	PRETO	Sim.	PASSAGEM	Raramente.	< 1h	Deserta, não gosta e morta.	Festa, espaçosa.	Insegura e deserta.	Lazer com a filha, não realiza pois se sente insegura.	Chafariz.	Possui, não considera propício por conta da segurança.	Não, pois é deserta.	Conhece, não considera acessível porque tem meninos grandes andando de bicicleta.	Moto, considera de fácil acesso.	Não.
Escada da praça da Matriz	17:15:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Waldyane Zanca	43	MULHER	BRANCO	Sim.	LAZER	Às vezes, aos fins de semana.	1h - 2h	Nostalgia, intlância e família.	Espaço aberto.	Segurança.	Corrida, feirinha de artesanato, não realiza por falta de segurança e falta de interesse público.	Parquinho.	Possui filho e considera propício.	Não, não tem guarda municipal.	Conhece, considera acessível pois já foi lugar de encontro.	Carro, fácil acesso mas engarrafa.	Sim, FENAG (Federação de Entidades Não Governamentais de Lauro de
Parquinho na praça da Matriz	17:30:00	Nublado	20/05/2024	PEDRO	Neilan Lima	34	HOMEM	BRANCO	Não, praia de Ipitanga.	LAZER	3x na semana.	< 1h	Tranquilidade, lazer e segurança.	Encontro de amiguinhos do filho.	Falta de estrutura, parquinho bacana mas sem manutenção.	Caminhada, não acha bacana o lugar.	Parquinho.	Possui filho e acredita que poderia ser melhor se tivesse brinquedos melhores.	Sim, sempre passa viatura.	Conhece, tem acesso mas as rampas estão danificadas.	Carro, bem localizado.	Não.
Banquinho perto da igreja	09:25:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Gabriel	17	HOMEM	BRANCO	Não, Capelão - LF.	LAZER	2x por mês.	1h - 2h	Boa, espaçosa e fonte.	Espaçoso.	Parquinho ruim, não tem água para beber.	Mesa de altinha, não faz porque não tem.	Largo próximo à igreja.	Tem contato, não considera propício porque o parquinho é ruim e é perigoso de cair, devia ser de areia.	Não, porque tem assalto.	Não possui e não sabe dizer se é acessível.	Ônibus escolar, considera bem localizado.	Não.
Parquinho na praça da Matriz	09:32:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Roger Rebouças	16	HOMEM	PARDO	Sim.	LAZER	1x por semana.	2h - 4h	Calmo, arejado e bem localizado.	Quieto, não tem perigo de roubo.	Brinquedo quebrado, morador de rua.	Capoeira, judô, não pratica porque não tem mais.	Parquinho, porque é sombreado.	Tem contato, considera propício porque não tem perigo, mas a noite tem muito usuário de droga.	Sim, porque tem polícia e segurança na secretaria.	Não possui, considera acessível pois tem rampa.	A pé.	Não.
Parquinho	09:40:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Beatriz Alencar	16	MULHER	PARDO	Não, Vilas do Atlântico.	LAZER	1x por semana.	2h - 4h	Árvore, calmo e diversão.	Calmo.	Não tem tomada e infraestrutura.	Grupo de desenho, não faz porque há tem organização.	Parquinho, porque é sombreado.	Não possui, mas considera propício porque é espaçoso.	Sim, porque não tem perigo.	Não possui e não sabe dizer se é acessível.	A pé, considera de fácil acesso porque tem ônibus próximo	Não.
Debaixo da árvore na parte de cima da praça	09:47:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Erinaldo	59	HOMEM	PARDO	Sim.	LAZER	1x por semana e aos fins de semana.	2h - 4h	Melhorar, iluminação e segurança.	Reune vários grupos de cultura, igreja, crianças e segurança constante.	Precisa melhorar iluminação e infraestrutura infantil.	Cooper e atividades físicas, não faz porque não tem aparelho.	Debaixo das árvores.	Possui, considera propício porque é o único espaço livre no centro.	Mais ou menos, às vezes tem assalto,	Não possui, considera acessível porque é espaçoso.	Carro, o estacionamento é ruim.	Sim, força em ação.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	09:52:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Kayla	14	MULHER	PARDO	Não, Itinga.	LAZER	2x por mês.	1h - 2h	Perigo, sol e desconforto.	Arejado.	Perigo, sem vigilância, desconfortável e sem cobertura.	Nenhuma.	Debaixo das árvores.	Não possui, considera propício porque é espaçoso.	Não, porque não tem vigilância.	Não possui, não considera acessível porque não tem onde botar a cadeira de rodas.	A pé, é bem localizado.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	09:57:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Janai Lima	18	MULHER	PRETO	Não, Itinga.	ESTUDO	Às vezes..	1h - 2h	Droga, natureza, tranquilidade.	Lugar de lazer, infraestrutura bacana.	Falta de segurança.	Não tem idéia.	Debaixo das árvores.	Tem contato, considera propício porque é espaçoso.	Mais ou menos, durante o dia sim, à noite não por conta dos usuários de	Conhece pessoa com deficiência auditiva, considera acessível porque não tem muitos	A pé, considera bem localizado.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	10:03:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Yasmin	19	MULHER	PARDO	Não, Vila Praiana.	ESTUDO	Às vezes.	1h - 2h	Espaçosa, bonita e lazer.	Espaçosa.	Insegura.	Dança, não realiza porque não tem organização.	De frente à igreja.	Tem contato, considera propício porque tem o parquinho e porque é grande.	Não, porque não tem policiamento.	Não possui, considera acessível porque é espaçosa.	A pé, considera bem localizado.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	10:10:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Keven	15	HOMEM	PRETO	Não, Caji.	LAZER	2x por mês.	1h - 2h	Boa de ficar, droga e assalto,	Nada.	Usuário de droga.	Jogar bola, não realiza por causa do sol.	Debaixo da árvore porque tem sombra.	Tem contato, considera mais ou menos propício por conta dos usuários de drogas.	Não, porque tem assalto.	Não possui, considera acessível porque não tem obstáculos e é bem aberta.	A pé, considera bem localizado.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	10:17:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Matheus	15	HOMEM	PARDO	Não, Caji.	LAZER	1x por semana.	1h - 2h	Amizade, lazer e natureza.	Lazer.	Usuário de droga.	Nenhuma.	Debaixo da árvore em frente à secretaria porque tem sombra.	Não possui, considera propício porque é espaçoso.	Sim, tem viatura direto.	Não possui, considera acessível porque tem rampa.	Ônibus e a pé, considera de fácil acesso porque tem ônibus próximo.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	10:25:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Kaique	16	HOMEM	PRETO	Não, vida nova.	LAZER	1x por semana.	1h - 2h	Lazer, duverso e natureza.	Área aberta dá pra praticar esporte.	Pouca atração.	Altinha, não pratica porque precisa de rede.	Debaixo da árvore em frente à secretaria porque tem sombra.	Tem contato, considera propício porque é bem aberto.	Mais ou menos, por causa de facção e assalto.	Não possui, mas considera acessível porque não tem obstáculos.	A pé, considera bem localizado.	Não.
Pergolado.	10:35:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Sara Camilly	13	MULHER	PRETO	Sim.	LAZER	2x por semana.	1h - 2h	Calor, espaçosa e bonita.	Espaçosa e de fácil acesso.	Não tem muito lugar coberto e equipamentos de lazer.	Futevôlei, não pratica porque precisa de rede.	No centro.	Tem contato, considera mais ou menos propício porque os brinquedos estão quebrados.	Não, porque é fácil de ter assalto e não tem segurança.	Conhece, não considera acessível	Carro e a pé, considera bem localizado.	Sim, associação de condomínio.
Pergolado.	10:40:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Blenda	15	MULHER	PARDO	Não, vida nova.	LAZER	Sempre.	1h - 2h	Calor, divertido e fofoca.	Grande e tem alguns lugares com sombra.	Não tem bebedouro e nem muito lugar ra sentar.	Futevôlei e vôlei, não prática porque não tem equipamente e nem areia.	Debaixo da árvore perto da secretaria porque é de fácil fuga.	Tem contato, para criança arteira não porque não tem barreira no parquinho, a criança pode sair correndo.	Não, mataram uma pessoa ali.	Conhece, não considera acessível porque não tem piso tátil.	A pé, pra quem não é da região considera difícil de chegar.	Sim, clube dos desbravadores.
Pergolado.	10:50:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Fernanda	14	MULHER	AMARELO	Não, vida nova.	LAZER	Às vezes, só em semana de prova.	1h - 2h	Espaçosa, arejada e bem localizada.	Arejada.	Não tem sombra e pichação.	Futebol, não pratica por preguiça.	Banco do pergolado.	Tem contato, não considera propício porque tem pouco brinquedo.	Não, porque tem assalto.	Não possui, não considera acessível porquenão tem corrimão.	A pé, considera de fácil acesso porque tem topic que passa ali	Não.
Coreto.	10:57:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Taira	16	MULHER	INDÍGENA	Não, Itinga.	LAZER	3x por semana.	1h - 2h	Extenso, variável e bonita.	Grande, possibilidade de encontro.	Perigosa e vazia.	Andar de patins, não realiza porque não traz.	Coreto, porque tem sombra.	Tem contato, considera propício porque é grande.	Não, porque é um lugar público com pouca seguranca.	Não possui, considera acessível porque tem rampa e lugares acessíveis oara PCD.	Ônibus e a pé, não considera de fácil acesso porque tem pouco transorte público.	Não.
Parquinho.	11:05:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Viviane	49	MULHER	PRETO	Sim.	LAZER	Dia sim, dia não.	2h - 4h	Boa localização,abandonada e inacessível.	Espaçosa.	Tirou bancos e infraestrutura de má qualidade.	Exercício e feiras, não faz pois não tem equipamento.	Debaixo das árvores.	Possui, considera propício porque é grande e dá pra jogar bola.	Não, porque não tem policiamento e tem muito usuário de droga.	Não possui, não considera acessível porque não tem mobilidade e as ramoas são	A pé, considera bem localizado e passa ônibus perto.	Não.
Debaixo da árvore em frente à Casa do Axé.	11:10:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Antony	15	HOMEM	PARDO	Não, Portão.	LAZER	2x por mês.	1h - 2h	Ruim, memória e legal.	Arejado.	Falta de cobertura, não tem água e não tem comércio.	Futebol, porque não tem infraestrutura.	Debaixo da árvore.	Não possui, considera propício porque é espaçoso, porém não é seguro.	Não, por falta de vigilância.	Não possui, não considera acessível porque não tem rampa.	A pé, considera de fácil acesso porque tem várias ruas, é no centro e tem várias tooics.	Não.
Debaixo da árvore em frente à Casa do Axé.	11:17:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Amanda	15	MULHER	BRANCO	Sim.	LAZER	2x por mês.	1h - 2h	Perigosa, grande e feira.	Espaçosa e arejada.	Muito lugar sem cobertura, não tem rampa, pichação e briquedos quebrados.	Futevôlei, não pratica porque precisa de rede.	Coreto, porque é coberto.	Tem contato, considera propício porque é grande.	Não, porque tem muito ladrão e pessoas imorórias.	Conhece, considera mais ou menos acessível porque pra acessar é difícil. mas ora	A pé, considera bem localizado.	Não.
Árvore perto da igreja.	11:27:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Emerson Germano	43	HOMEM	PARDO	Sim.	PASSAGEM	Sempre.	< 1h	Ambiente bom, indiferente, manutenção.	Área verde e espaçosa.	Falta de equipamentos de esporte.	Skate, bicleta, vôlei, futebol, não realiza porque não tem incentivo/organização e nem equioamento.	Debaixo das árvores.	Possui, considera propício porque o espaço é grande.	Indiferente, nunca o aconteceu nada.	Não possui, considera que tem que melhor porque cadeirante enfrenta dificuldade.	Carro, considera bem localizado.	Não.
Debaixo da árvore próximo à secretaria	11:35:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Ricardo	49	HOMEM	PRETO	Sim.	LAZER	Sempre.	1h - 2h	Tranquilo, nostalgico e bonito	Bem localizada.	Abandonadas, brinquedos quebrados, moradores de rua nos brinquedos das crianças.	Capoeira, teatro, banda, não realiza pela falta de incentivo/organização.	Debaixo das árvores.	Tem contato, considera propício pelo espaço, mas não propício pela falta de cuidade com os equicamentos e pela seguranca.	Sim, pra ele sim porque já conhece o lugar, mas para outras pessoas não.	Não possui, considera que tem que melhor porque cadeirante enfrenta dificuldade.	Carro, considera bem localizado.	Não.
Banco perto da igreja.	11:45:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Leandro	30	HOMEM	PRETO	Não, Cajazeiras - Salvador	PASSAGEM	1ª vez, irá mais vezes no futuro.	1h - 2h	Bem estar, lazer e bonita.	Limpeza, pintura, bancos e lixeiras.	Sinalizaçãoo e estacionamento é ruim.	Atividade física, não realiza pois é a primeira vez dele, mas ele não viu nenhum equicamento próximo.	Debaixo das árvores, pelo conforto.	Possui contato propício porque é espaçoso e o piso não é propício para acidente. não é mto ruoseo.	Indeferente, até o momento não viu nada estranho mas achou meio vazia o que	Conhece, não soube dizer se é acessível.	Carro, considera fácil de chegar mas o estacionamento orecisa de mais sinalizado.	Não.
Banco em frente ao cineteatro.	11:55:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Alex	40	HOMEM	PARDO	Não, Alto do Cabrito - Salvador	TRABALHO	2x por semana.	1h - 2h	Descanso, sombra e ar freso.	Sombreada.	Sujeira, falta de banheiro e infraestrutura (equipamentos de ginásticas, bancos, etc.)	Nenhuma.	Onde tem sombra.	Possuim considera propício porque é espaçoso.	Não, porque não tem guarda municipal.	Conhece, não soube dizer se é acessível.	Carro, considera bem localizado.	Não.
Banco próximo ao chafariz.	12:21:00	Ensolarado	22/05/2024	PEDRO	Isis Brandão	39	MULHER	PARDO	Não, Areia Branca	PASSAGEM	Às vezes	< 1h	Precisa melhorar, insegurança e tristeza.	Nenhum.	Pouca árvore e sem segurança.	Judô, capoeira, funcional, não realiza porque não tem incentivo/organização e nem equioamento.	Debaixo das árvores.	Possui, não considera propício por conta da segurança.	Não, porque não tem policiamento.	Não possui, não considera acessível porque não tem rampa.	Ônibus, considera o transporta público da região precário.	Não.
Árvore em frente ao pastel.	09:20:00	Chovendo	29/05/2024	PEDRO	Hélio	53	HOMEM	PARDO	Não, Federação - Salvador.	TRABALHO	Sempre.	6h - 12h	Insegurança, sujeira e abandono.	Localização.	Segurança, falta de parquinho, iluminação e infraestrutura.	Esporte, não realiza porque não tem equipamento.	Na parte inferior, onde tem o estacionamento, porque é perto da loia dele.	Tem contato, não considera propício pela falta de segurança.	Não, porque não tem guarda municipal.	Conhece, não considera acessível porque as rampas ficam nas extremidades da praca	Carro, considera bem localizado.	Não.
Chafariz	11:03:00	Nublado	29/05/2024	PEDRO	Gabrielle	13	MULHER	PRETO	Não, Vida Nova.	PASSAGEM	Às vezes.	1h - 2h	Amizade, socialização e diversão.	Boa de passear e fofocar.	Infraestrutura mal cuidada.	Nenhuma.	Coreto, porque é coberto.	Tem contato, não considera propício porque o parquinho está quebrado.	Não, porque tem assalto.	Conhece, não soube dizer se é acessível.	A pé, mora perto e considera de fácil acesso.	Sim, Estrelas do Amanhã.
Chafariz	11:10:00	Nublado	29/05/2024	PEDRO	Isabel	15	MULHER	BRANCO	Não, Vida nova.	LAZER	Às vezes.	1h - 2h	Amor, amizade e passagem.	Espaço para socializar.	Assalto.	Ca,inhar, não realiza por causa dos obstáculos.	Coreto, porque é sombreado.	Tem contato, não considera propício porque tem muito chão quebrado e a criança pode cair.	Não, porque não tem policia.	Não possui, não considera acessível porque tem muitos obstáculos.	A pé, considera bem localizado.	Não.
Pastelaria da Jojo, no entorno da praça	09:20:00	Chovendo	08/05/2024	ALICE	Edmundo	59	HOMEM	INDÍGENA	Sim	PASSAGEM	3x na semana	1h - 2h	Tristeza, desarborizado, nostalgia (frequenta a praça desde novo)	Só as árvores plantadas recentemente.	Não tem atividade/lazer para jovem/criança, não tem banco para idoso, bancos quebrados, calor, a reforma realizada.	Esporte, jogar com amigos. Não tem estrutura.	Embaixo das árvores, porque tem sombra	Possui filhos. Não considera propício porque não tem parque, é escuro, não tem arade/brinquedo.	Não. Porque já teve o celular roubado 1 1h da manhã.	Não possui. Considera acessível, porque tem rampa, mas em cima não a cisio escorregadio.	A pé. Não tem fácil acesso, não tem linha de ônibus, fica perdido pois não tem	Sim, faz parte de um grupo de moradores que se organizam para cilantar árvores no entorno (não tinha essa pergunta no dia)
Coreto	09:45:00	Nublado	08/05/2024	ALICE	Winnie	15	MULHER	PARDO	Não, de Jambeiro.	LAZER	Às vezes.	1h - 2h	Espaçosa, agradável, desarrumada.	Espaço amplo.	Pouco lugar para sentar, pouca árvore, poderia ter mais festivais.	Estudar. Não pratica por falta de internet e falta de espaço e de iluminação.	Coreto ou em alguma sombra, porque é ventilado e dá para sentar.	Tem contato. Não considera propício porque os brinquedos estão quebrados, inseguros para crianca.	Não. Porque é muito aberto e já ouviu relatos de assalto.	Não possui. Não considera acessível porque não tem rampa e não tem piso tátil.	Carro, ônibus ou topic. Não é de fácil acesso, não tem linha de ônibus.	Não.
Comércio praça Martiniano Maia - loja de grãos	14:45:00	Chovendo	20/05/2024	ALICE	Tauane	19	MULHER	PRETO	Sim.	LAZER	1x no mês, mas a última vez foi no natal.	4h - 6h	Esburacada, deserta, sem graça.	Espaçosa, boa para momentos de lazer	Os buracos. pichações, chafariz quebrado e feio, insegurança.	Momentos com a familia e momentos de louvor. Não pratica por falta de segurança.	Na entrada da praça, porque é perto da secretaria de segurança.	Não possui. Não considera propício, ten criança que gosta de patinete mas no local não tem recurso para isso.	Não. Porque é deserta, não tem segurança e "a secretaria só sabe fazer abandonada.	Conhece alguém. Não acha acessível porque a praça está	A pé. Não acha de fácil acesso, disse que linha topic mas hoje não sabe se tem	Não, mas já ouviu falar da organização das "velhinhas da lorela".
Barraquinha praça Martiniano Maia	15:10:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Laercio	40	HOMEM	PARDO	Sim.	LAZER	Sempre.	1h - 2h	Inacabada, árida, descoberta.	A praça é tranquila, não tem barulho/paredão, não tem agonia, é frequentada por muita família.	Inseguro, falta de guarda municipal, não tem área de esporte, não tem atrações. Só no natal tem armuração (natalina) e atrai as pessoas. elas vão para tirar fotos	Gostaria de áreas de esporte/musculação, lugares para jogar (mesa para dama e dominó), área coberta.	Na banquinho, porque não tem outra alternativa.	Possui. Acha propício para criança, para andar de bicicleta, acha seguro também para brincar.	Não. Por falta de segurança na cidade e por não ter fiscalizacão.	Não possui. Não considera acessível porque não tem rampa e não tem piso tátil. Os ostes	A pé. Considera de fácil acesso, porque passa ônibus e não tem topic.	
Comércio praça Martiniano Maia - loja de colchões	15:40:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Genivaldo	31	HOMEM	PRETO	Não, de Jambeiro.	PASSAGEM	Quase nunca.	< 1h	Violência, droga, prostituição.	Quando teve reforma e quando teve festa, colocam boas decorações. Disse que "a praça é ótima em comparacão com as outras".	Tirou os bancos, chafariz não funciona, tem lixo e dengue, inadequado para criança. Nas festas tem muita briga.	Praticar atividade recreativas. Não pratica porque é perigoso, tem tráfico, bagunça, violência. Disse que "todo mundo vai e tem	Foostrucks e lanchonetes. Porque é um ambiente para comer.	Possui. Não acha propício, por ser ruim (muitas pessoas usando droga) e por falta de equicamentos.	Não. Por falta de segurança na cidade e por não ter fiscalizacão.	Não possui. Não considera acessível porque não tem rampa e não tem piso tátil.	A pé. Não é de fácil acesso e disse não ter estacionamento.	Não.
Comércio praça Martiniano Maia - loja de som	16:10:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Paulo	23	HOMEM	PARDO	Sim.	PASSAGEM	Às vezes.	< 1h	Desestruturada, suja e perigosa.	É espaçosa e grande.	Não tem entretenimento, falta de recurso, mal cuidada, muita pichação, chafariz não funciona.	Nenhuma.	No coreto. Porque tem sombra e é arejado.	Tem contato. Não acha propício pela falta de estrutura, violência, insegurança e por já ter acontecido troca de tiros antriormente.	Não. Porque não tem policiamento fixo.	Conhece alguém. Acha acessível.	A pé. Acha de fácil acesso, diz que tem linha mas só passa 1 ônibus do grande.	Já ouviu falar. Grupo de condomínios.
Praça Martiniano Maia - em um banquinho	16:35:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Daniel	42	HOMEM	INDÍGENA	Sim. Mora na praça da Matriz (mas é temporário).	MORADIA	Sempre.	6h - 12h	A Igreja e o entorno da praça.	O chafariz sparbeado, os fumantes (as pessoas confundem ele, acham que também é fumante por ser morador de rua). laieiras quebradas.	Insegurança.	Esporte e cultura.	Nos bancos, no restaurante popular próximo a praça. Nas barracas e no coreto. para descansar.	Possui. Não considera propício por já ter acontecido homicídios na praça.	Não. Porque existe muito ataque cibernético psicológico/fantasma.	Não possui. Acha acessível, a pessoa não teria dificuldade de transitar. acenas se acontecesse	A pé. Disse que circula ônibus mas ao redor da praça em si não.	Sim. Faz parte de alcoolicos anônimos.
Praça Martiniano Maia - comprando no food truck	16:50:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Cintia	34	MULHER	BRANCO	Não, mora no Caji.	PASSAGEM	Às vezes.	1h - 2h	Insegura, feia e desestruturada.	Área aberta e espaçosa. A igreja.	Não tem atrativos interessantes (apenas quando tem festa), não tem banco.	Atividades para criança/lazer. Porque não tem estrutura.	Nenhum.	Possui. Não acha propício porque tem área mas não tem brinquedo.	Não. Não tem policiamento nem fiscalização.	Não possui. Considera acessível, mas não muito.	A pé. É de fácil acesso pois passa topic.	Já ouviu falar.
Praça Martiniano Maia - comendo próximo ao food truck	17:00:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Sandra	66	MULHER	PRETO	Não, mora em Salvador.	PASSAGEM	Às vezes. 4x no mês.	1h - 2h	Centralizada, agradável, estacionamento.	É bonita, as coisas estão em ordem.	Insegurança.	Ginástica. Prque não tem estrutura nem equipamentos para isso.	Próximo a Igreja. Para ver a igreja com frequência.	Possui e tem contato (netos). Não é propício, mas se tivesse segurança seria; diz que precisa de um escaco reservado/fechado para	Não. Por falta de fiscalização fixa na praça.	Conhece. Não observou muito, mas acha que não é acessível, pois não tem ramna e corrimão.	Carro. Acha de fácil acesso, pois vê bastante ônibus passando.	Sim. Associação de moradores e grupo de recuperação para dependentes químicos. em
Praça Martiniano Maia - sentada no banco	17:15:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Brena	20	MULHER	PARDO	Não, mora em Vila Praiana.	PASSAGEM	Às vezes, 2x no mês.	1h - 2h	Grande, sem graça e deserta.	O tamanho, é bem estensa, os quiosques.	Faltam atrativos, deveriam modernizar nas decorações	Nenhuma.	Nos bancos. Porque é perto das árvores/natureza.	Não possui. Considera propício para brincar, mas poderia ter mais brinquedo/estrutura.	Sim, mas até certo horário.	Não possui. Não acha acessível porque não tem nada específico para quem tem deficiência.	Carro. Não acha de fácil acesso.	Não.
Perto da Igreja	17:30:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Alcione	68	MULHER	BRANCO	Sim.	PASSAGEM	Sempre.	1h - 2h	Bonita, não funcional, deslexada/abandonada.	A localização, a arquitetura bem feita e ser perto de uma Igreja antiga	Falta de manutenção (ex: corrimão e bancos quebrados), pessoas morando na praça, abandono pelas autoridades.	Atividade física. Porque não tem estrutura.	No centrinho, onde tem lugar para sentar.	Possui e tem contato. Acha propício porque tem espaço para andar de bicicleta.	Não. Por falta fiscalização e pessoas para tomar conta.	Conhece alguém. Não é acessível porque tem muita escada e os corrimãos estão	Carro. Não acha acessível, ônibus não circulam.	Sim. Associação de moradores.
Comércio praça da matriz - Casa do Axé	17:50:00	Nublado	20/05/2024	ALICE	Robson	40	HOMEM	PRETO	Sim.	LAZER	2x na semana.	1h - 2h	Bonita, amplia e familiar.	Bem localizada, estacionamento (muitas vagas).	Falta de iluminação, insegurança, vê policiais passando mas não fixo.	Caminhada. Porque tem outra praça mais perto da casa dele, onde tem pista de ciclismo e de caminhada. aloo que aoui	Bancos e lanchonetes. Porque é atrativo e para ver o movimento.	Possui. Acha mais ou menos propício, a pavimentação é ruim, mas o espaço é grande.	Não. Por falta de fiscalização fixa na praça.	Não possui. Não acha acessível, ônibus não circulam (só final de linha).	Não.
Banco perto da igreja.	09:15:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Iasmin	15	MULHER	BRANCO	Sim.	LAZER	Sempre.	1h - 2h	Arejada, diversão e insegura.	Arejada.	Lixos, mal estruturada, parque degradado.	Praticar altinha e atividade física. Porque não tem estrutura.	No coreto. Porque é fresco.	Tem contato. Não acha propício pela falta de estrutura e insegurança.	Não. Por saber de assaltos.	Não possui. Não é acessível, por falta de estrutura.	A pé. Acha de fácil acesso, mas não sabe se tem linha de ônibus.	Sim, organização do condomínio.
Banco perto da igreja.	09:30:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Clara Maria	15	MULHER	BRANCO	Não, de Vida Nova.	PASSAGEM	Sempre.	1h - 2h	Inseguro, poluído e movimentado.	A igreja, diz que frequenta a Igreja.	Inseguro, não é adequado para todo mundo.	Ficar com os amigos. Porque mora longe e acha um ambiente ineguro (medo)	No coreto. Porque é coberto.	Não possui. Não acha propício porque o parquinho não tem estrutura, tem empecilhos no meio da oraca que pode machucar eles.	Não. Por saber de assaltos e ver pessoas fumando na oraca.	Não possui. Não é acessível porque o piso é propício para queda. pode escorregar.	Ônibus. Acha de fácil acesso, mas não tem linha perto.	Não.
Banco perto da igreja.	09:45:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Yohanna	15	MULHER	BRANCO	Sim.	LAZER	1x na semana.	2h - 4h	Insegura, desestruturada e sem transporte	Tem espaço para lazer, para fazer trabalho de escola, jogar vôlei, piquenique, diversão.	Desorganizada, mal iluminada, pouca sombra para praticar lazer.	Praticar mais esportes na praça. Por falta de estrutura.	No coreto ou nos bancos embaixo de árvore. Porque tem sombra e é ventilado.	Tem contato. Não acha propício, por falta de segurança, usuários de droga, brinquedos sem manutenção.	Não. Porque já foi assaltada.	Não possui. Não é acessível porque cadeirante não teria onde ficar.	Não.	Não.
Banco embaixo do pergolado.	09:55:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Gustavo	18	HOMEM	PARDO	Sim.	LAZER	Às vezes, 2x no mês.	1h - 2h	Igreja, chafariz, foodtruck.	Foodtruck, os brinquedos infláveis dia de domingo.	Chafariz e lixeiras quebradas, brinquedos degradados, espaços mal sombreados.	Baquete ou vôlei. Porque o espaço é muito aberto e podem acontecer acidentes, não tem onde armar rede.	Nos bancos. Porque dá para descansar.	Tem contato. Dependendo do horário é propício, mas tem muitos usuários de droga e não vê guarda municipal.	Não. Porque tem medo de ser assaltado.	Não possui. Acha acessível, porque tem rampa.	A pé. Acha de fácil acesso, não sabe da linha, mas tem um ponto.	Não.
Banco embaixo do pergolado.	10:05:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Leticia	14	MULHER	PRETO	Não, de Vida Nova.	LAZER	Às vezes, 2x no mês.	1h - 2h	Arejada, espaçosa e calorenta	É arejado e espaçoso	Não tem sombra e não aproveitam o espaço que tem.	Fazer algum esporte, vôlei. Não pratica porque não tem lugar nem estrutura pra isso.

No chafariz	11:40:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Cristian	18	HOMEM	PRETO	Não, de Itinga	PASSAGEM	Sempre, 2x na semana.	1h - 2h	Ventilado, desestruturado, inseguro	A Igreja.	Usuários de droga, assaltos, chafariz sem funcionar, lixeiras quebradas, praça mal assistida.	Capoeira, não tem estrutura nem piso propício para isso	Embaixo das árvores, porque tem sombra e é arejado	Tem contato. Não acha propício por ser perigoso.	Não, por ter medo de assalto	Não possui. Não é acessóvel, porque não tem estrutura	A pé. De fácil acesso, tem linha de ônibus	Não
No estacionamento	11:50:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Davi	38	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	Sempre, todo dia	4h - 6h	Lazer, cultura, mal estruturada	Tranquilidade.	Insegurança, poucos equipamentos de lazer	Esportes, funcional. Por falta de estrutura.	No banco, para olhar a criança brincar	Possui filhos e tem contato. Considera propício, porque é espaçoso e tranquilo	Não, de fácil de segurança	Não possui. Acha acessível, porque tem rampa.	A pé. De fácil acesso, tem linha de ônibus	Não
Banco no parquinho	12:00:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Ronaldo	65	HOMEM	PRETO	Não, de Salvador (Uruguai)	PASSAGEM	Às vezes, 1x na semana	1h - 2h	Suficiente, básico, descanso	Ventilado, as sombras	Poucas sombras, retirada dos bancos que tinha antes	Nenhuma.	Nos bancos, para descansar após o almoço.	Não possui. Acha propício, porque tem espaço livre.	Sim, porque nunca aconteceu algo com ele.	Conhece. Acha acessível.	De ônibus. Acha de fácil acesso, tem linha de ônibus.	Não.
De passagem na praça	12:15:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Milena	50	MULHER	BRANCO	Sim	PASSAGEM	Sempre, de segunda a sexta	< 1h	Fresca, bonita, família	Espaçoso	Pouco lugar para sentar e pouca sombra, não tem espaço para pet. As crianças/jovens jogando bola, pois acha perigoso para criança pequena e idoso que está	Andar de bicicleta. Porque tem muita pilasta e muito sol.	Nas áreas sombreadas/com árvore, para poder ver a criança brincar.	Possui. Acha propício porue é espaçoso e Lauro não tem espaços assim.	Não. Porque não vê fiscalização.	Conhece. Acha acessível, mas pode melhorar. Não tem banheiro químico e tem pouca	A pé. Não é de fácil acesso e disse não ter estacionamento grande. Diz ter linha de ônibus.	Não.
No banco	12:30:00	Ensolarado	22/05/2024	ALICE	Larrubia	36	MULHER	PARDO	Não, de Camaçari	PASSAGEM	Às vezes, 1x na semana	< 1h	Insegura, insalubre, imperméavel	Nenhum.	Falta de árvore, não é feita para o verão de Lauro, descaracterizou depois da reforma, não preservou os aspectos arquitetônicos e históricos da Igreja.	Ficar confortável em um ambiente arborizado. Por falta de árvore.	Perto das árvores que tem. Por causa da sombra.	Possui. Não considera propício, dependendo da hora não dá para ficar lá por causa do calor, e por falta de segurança também.	Não, porque não tem policiamento.	Não possui. Não acha acessível, porque tem muita escada, desnível e ser ingreme.	De ônibus. Acha de fácil acesso, não tem linha de ônibus.	Não.
Banco perto da igreja.	09:20:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	José	60	HOMEM	PARDO	Não, de Vida Nova.	LAZER	Sempre, 3x na semana	1h - 2h	Arborizada, desestruturada, sujeira	Natureza	Falta de banco, sujeira (não zelam), bancos quebrados	Sentar para conversar com os amigos. Por falta de bancos.	Embaixo das árvores. Pelo contato com a natureza.	Tem contato. Não considera propício porque tem usuário de droga e morador de rua.	Sim. Porque acha tranquilo.	Conhece. Acha acessível, porque tem espaço.	A pé. Acha de fácil acesso, mas diz que hoje tem pouca linha.	Não.
Comércio no entorno da praça - pastelaria	09:50:00	Chovendo	29/05/2024	ALICE	Luciano	25	HOMEM	PRETO	Sim	TRABALHO	Sempre, todo dia	< 1h	Abandonada, suja, desagradável	Nenhum.	Falta de atrativo, de lazer, de policiamento.	Lazer aos fins de semana, ir em shows, fazer exercícios. Por conta da violência e falta de estrutura.	Na Igreja, porque gosta de frequentar ela	Não possui. Não acha propício porque não tem estrutura adequada, não tem um cercado para as crianças se sentirem mais a vontade.	Não. Porque a noite tem usuário de droga frequentando a praça.	Não possui. Acha mais ou menos acessível, mas não teria dificuldade de transitar porque	A pé. De fácil acesso, tem linha de ônibus	Não.
Em uma entrada da praça, próximo a secretaria	10:15:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Anadina	66	MULHER	PARDO	Não, de Itinga	LAZER	Às vezes, 1x na semana	4h - 6h	Agradável, desculdada, segurança	Melhorou depois da reforma	Descuido com o parque, falta de banheiro público	Frequentar a praça no inverno. Por falta de cobertura pra chuva.	Embaixo da árvore. Por causa da sombra.	Possui e tem contato. Acha propício porque nunca presenciou algo estranho que desrespeitasse a criança.	Sim. Porque conhece a cidade e por conta da inauguração da secretaria	Não possui. Acha acessível, não teria dificuldade pois tem rampa	De ônibus. Acha muito de fácil acesso, porque antes era bem difícil, mas agora tem linha de	Sim, associação de lavadeiras de Lauro
De passagem na praça	10:35:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Raimundo	76	HOMEM	PRETO	Sim	PASSAGEM	Sempre, todo dia	< 1h	Péssima, insegura, feia	A igreja, diz que frequenta a Igreja.	Pessoas praticando futebol, morador de rua, alunos bebendo, chafariz quebrado	Dança, seresta, atividades físicas. Porque não tem estrutura nem investimento na praca.	Na Igreja, porque gosta de frequentar ela	Possui e tem contato. Não acha propício porque é perigoso.	Não, porque tem medo	Não possui. Não acha acessível, porque tem muita escada.	A pé. De fácil acesso, mas falta placa de sinalização. Não tem linha de ônibus perto, só	Não.
No chafariz	11:05:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Maria Luiza	14	MULHER	PRETO	Sim	LAZER	Sempre, todo dia	1h - 2h	Bonita, prazerosa e divertida	Tem parque para criança	Ambiente inseguro, já teve muito assalto, e diz ser ponto de tráfico	Andar de bicicleta. Porque tem muito buraco	No parquinho, para observar o irmão	Tem contato. Não considera propício, porque tem muita escada	Não, porque fica com medo	Não possui. Não acha acessível, porque não tem rampa e não tem piso tátil	A pé. De fácil acesso, tem linha de ônibus	Não.
Coreto	11:25:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Levi	17	HOMEM	BRANCO	Não, de Abrantes	LAZER	Sempre, todo dia	1h - 2h	Tranquila, diversão, comida	Pouco movimento, tranquilidade	Nenhum	Jogar basquete. Porque não tem quadra.	No coreto e na casinha (parquinho). Porque tem sombra e pode sentar.	Não possui. Considera propício, por ser espaçoso, mas acha deserto para elas.	Sim. Porque já conhece o lugar.	Não possui. Não acha acessível, pois não tem rampa, teriam dificuldade para transitar.	De ônibus. De fácil acesso, tem linha próximo a praça.	Não.
Na praça Martiniano Maia	11:45:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Rafael	29	HOMEM	PARDO	Sim	LAZER	Às vezes, 1x na semana	< 1h	Acessível, localizada, desestruturada	Nenhum.	Usuários de droga, pouco banco, pouca cobertura.	Atividade física. Poque não tem aparelho.	No chafariz. Porue tem lugar para sentar.	Tem contato. Depende do horário, mas acha inseguro.	Não. Porque falta fiscalização.	Não possui. Considera acessível, as pessoas não teriam dificuldade de transitar.	A pé. De fácil acesso, mas não tem linha de ônibus.	Não.
No chafariz	12:05:00	Nublado	29/05/2024	ALICE	Ruhuria	15	MULHER	PARDO	Não, de Portão.	LAZER	Às vezes, a cada 2 semanas	< 1h	Organizada, bonita, grande	Está organizada.	Tem poucos atrativos e não tem brinquedo suficiente.	Andar de bicicleta. Porque tem muito buraco	Nos bancos. Porque é um bom lugar para socializar.	Não possui. Não acha propício, por falta de estrutura, ser perigoso e ter muita escada	Sim. Porque frequenta durante o dia.	Conhece alguém. Não considera acessível, porque pode cair por ter muito buraco.	De ônibus (escolar). Acha de fácil acesso, tem linha de ônibus.	Não.
Em frente ao Cine Teatro	09:45:00	Nublado	08/05/2024	JAITAN	Edilson Gonçales	67	HOMEM	PARDO	Não	ENCONTRAR PESSOAS	Às vezes	1h - 2h	Agradável, Arborizada e pouco movimentada	Bom pra relaxar e arborizada	O Barulho	Não mora no local	Dos bancos próximo às arvores	Possui, tem parquinho	Indiferente	Não possui deficiência, não considera acessível	Carro, difícil acesso	Não
Loja Casa do Axé	09:30:00	Chovendo	08/05/2024	JAITAN	Camila	18	OUTRO	PARDO	Sim	TRABALHO	Às vezes	6h - 12h	Nenhuma, não serve, a não ser quando tem festa	Local onde as crianças brincam	Vandalismo	Jogar bola, não pratica porque não gosta de sair	Embaixo de arvores com bancos	Não tem filhos, às vezes considera legal para criança	Sim, às vezes	Não possui deficiência, considera acessível	A pé, fácil acesso	Não
Martiniano Maia	15:17:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Cleiton Silva	36	OUTRO	PRETO	Não, Portão	LAZER	Quando tem festa	2h - 4h	Grande, Útil, Insegura	Espaço	Funcionilidade, segurança e acessibilidade	Esporte e lazer. Falta segurança	Os espaços amplos	Nãot em filhos. Falta segurança	Não	Não possui. Não conhece	Moto Uber. Fácil acesso	Não
Feirinha da Pç. Martiniano Maia	15:29:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Alex	28	OUTRO	PRETO	Não, não quiz responder	PASSAGEM	Às vezes	< 1h	Pode melhorar para melhor	É aberta, larga, organizada, tem arvores, extensa e limpa	Falta sombra, pouca cobertura, não gosta do coreto, falta acessibilidade. Não usar para atividades culturais e falta de equipamentos para atividade física.	Não sabe, não é daqui	No banco perto do parquinho	Não tem, acha adequada	Não, é geral a insegurança	Não, falta acessibilidade no geral	A pé, fácil acesso	Não
Banco em frente ao coreto	14:46:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Gilmar	58	HOMEM	PRETO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	< 1h	Ampla e perigosa	Não sabe	Segurança, somente isso	Nenhuma	Apenas passa pela praça	Possui, acredita que sim, é propícia para criança	Não, cheio de ladrões	Não possui, acha acessível	A pé, fácil acesso	Não
Banco perto do dominó	16:03:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Jailton	28	HOMEM	BRANCO	não, Itinga	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Não sabe	Só tem espaço	Ninguém vai na praça	Nada	Os bancos para descanço	Sim, tem espaço	Não	Não possui, não sabe, conhece	ônibus, acha acessível	Não
Feirinha da Pç. Martiniano Maia	16:20:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Isabel	37	MULHER	PARDO	não, Itinga	TRABALHO	Sempre	1h - 2h	Muito boa para sentar	Espaço, charmosa	o fato das linhas de ônibus serem retiradas	Lazer, festa - Não tem porque está abandonada	Ficar rodando na praça, local dos bancos	Não	Não	Não possui, tem acessibilidade, conhece	ônibus, considera acessível	Não
Lado antiga prefeitura	16:33:00	Ensolarado	10/06/2024	JAITAN	Simone Alves	24	MULHER	PRETO	Portão	PASSAGEM	Sempre	< 1h	Espaçosa, vazia e não sabe	Bonita, espaçosa, sombreada	Fica muito vazia, falta de policiamento	Poderia descansar mas tem medo	Não sabe, a praça é somente passegem	Não, a violência não deixa	Não tem polícia e vive vazia	Não, não acha acessível	Ônibus, acessível porem tinha mais linhas disponíveis que facilitava o acesso	Não
Feirinha da Pç. Martiniano Maia	16:03:00	Ensolarado	21/06/2024	JAITAN	Rodrigo Araujo	29	HOMEM	PRETO	não, Portão	LAZER	Às vezes	< 1h	Ampla, organizada e abandonada	Espaço e organização	Não tem eventos	Atividades culturais, lazer, falta a prefeitura promever eventos	No meio, coreto	Sim, é bom para crianças brincarem	Sim	Não, rampa parece inadequada	Ônibus	Não faz parte mas conhece o quilombo Quingoma
Frente a lateral da igreja na praça	16:10:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Yan	16	HOMEM	PRETO	Lagoa de Bese	LAZER	Sempre	4h - 6h	Desorganizada, bonita e legal	Boa pra jogar bola	Poucos bancos e piso danificado	Evento de Grau (empinar a roda da bicicleta)	Onde monta o palco (lateral da igreja)	Não tem filhos, boa para brincar mas perigosa	Não, sem datalhes	Não, acha acessível pois tem rampas	Bicicleta, fácil acesso	Sim. Equipe LDF
Frente a lateral da igreja na praça	16:16:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	André Vinícius	13	HOMEM	PARDO	Vila Praiana	LAZER	Sempre	4h - 6h	Bonita, segura e acessível	Tudo dar certo aqui	Escadas	Evento de Grau (empinar a roda da bicicleta)	Perto dos trailles	Não possui, acha bom para criança	Não, não sabe	Não possui, acha acessível	Bicicleta, fácil acesso	Não
Final perto do parquinho (barraca armada para festa de São João)	16:40:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Miracy do reggae	47	MULHER	PRETO	Portão	TRABALHO	Às vezes, quando tem festas	4h - 6h	Bonita, movimentada e grande	Bonita e legal	Pessoas em situação de rua, tráfico	Trabalhar, montar barraca para comércio	Onde fica a prefeitura	Sim, sim	Não, em lugar nenhum	não possui, acessível porque tem rampa	Carro, Fácil acesso	Não
Frente Alcolicos anônimos	16:58:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	JÚlio Batista	69	HOMEM	BRANCO	Sim	MORADIA	Sempre	2h - 4h	Insegura, reservada e espaçosa	Tem bancos, arvores e perto da igreja	Segurança, acessibilidade, muito isolada	Atividade física, deveria ter equipamentos	Bancos	Sim tem filhos, considera muito boa para criança	Não	Não é acessível falta rampa adequada, conhece PCD	A pé, fácil acesso	Não, conhece a associação de moradores
Lateral da praça, próx. ao Açai	17:07:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Maria de Santa	53	MULHER	PRETO	sim	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Organizada, bonita e limpa	Ser aberta, organizada e ilumição	Segurança e falta de locais coberto para abrigo	Nenhuma	Sentar nos bancos	Tem filhos, já levou muito eles para brincarem na praça, e que antes era mjuito melhor	Não, muito assalto	Não é acessível	A pé, fácil acesso	Não
Estacionamento frente casa de AXE	17:15:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Jaqueline	31	MULHER	PARDO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	< 1h	Grande, ventilada e tranquila para ficar	Área para brincar	Não observou	Não frequenta muito, portanto não sabe	Espaços amplos	Sim, acha ótimo	Não totalmente, era para ter guardas da prefeitura	Possui deficiência, não acha acessível (não revelou qual, estava no carro)	Carro, acessível	Não
Parquinho	17:21:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Thiago Assis	26	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Cheia de bancos, arvores e grande	Grande e arborizada	Vazia, parece abandonada tem vez	Gostaria de mais festas e jogar bola - Como não tem festa a praça fica vazia, além de apontar que poderia ter uma	No meio perto do Coreto	Não possui, acha propício	Sim, sem problemas	Não possui, acha acessível	Bicicleta, fácil acesso	Não
Parquinho	17:27:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Felipe	22	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Decente, gigante e bonita	A galera da escola que frequenta	Nada	Jogar bola e não tem quadra	Meio	Não possui, acha propício	Sim, aqui não tem confusão, só nas festas	Não possui, acha acessível e conhece PCD	Bicicleta, fácil acesso	Não
Meio da Praça	17:33:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Andre Silva	17	HOMEM	PRETO	Sim	MORADIA	Às vezes	1h - 2h	Espaçosa, legal, lugar de curtir	Perto de casa, boa para pedalar bicicleta, diferente da outra praça que é cheia de quiosque, barraca, essa tem espaço	não poder jogar bola, tem pouca festa	Jogar futebol	Rodando na praça de Bicicleta, meio	Não possui, acha propício	Sim, ninguém mexe aqui com as pessoas, o povo fica com medo mas aqui é	Não possui, acha acessível, conhece	Bicicleta, fácil acesso	Não
Meio da Praça	17:44:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Claúdia	37	MULHER	PARDO	Vida nova	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Amplo, boa para brincar, lugar de passear	Crianças brincando, tem bastante espaço e bancos, tem festa (obs: palco armado para festejos de São João)	Segurança, e crianças jogando bola atrapalham, fica bagunçado, poderia ter pessoas da prefeitura, até para dar mais seeuranca	Gostaria de praticar atividade fisica e que tivesse mais espaços para crianças bricarem	Toda ela, a praça é boa	Sim possui, poderia ter mais brinquedos	Não, a mesma coisa em tudo que é lugar, só com a polícia ora onete se sentir	Não possui, acha que sim porque tem rampas e já viu pessoas com deficiência	Carro, acessível	Não
Banco perto Trailles	17:53:00	Nublado	21/06/2024	JAITAN	Ademir	39	HOMEM	BRANCO	Não, Cruz das Almas	PASSAGEM	Nunca	< 1h	Boa de sentar, ventilada, bonita	Tem espaço pra tudo, dá para colocar mais atrações	Parece insegura porque não tem policiamento	Não sabe, está de passagem	Onde está, perto dos trailles	Não possui, acha propício	Não	Não possui, não sabe	Carro, acessível	Não
Perto do Mix Praça Martiniano	16:22:00	Nublado	27/06/2024	JAITAN	Rozilene Rodrigues	22	MULHER	PRETO	Caji - Lauro de Freitas	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Perigosa, grande, aberta	Grandona, ela é aberta	Poucas pessoas frequentam, tem que ter mais festas, são Joãio estava cheia , depois fica vazia novamente	Tomar uma , resenhar no Paredão - Só que o pessoal não deixa fazer festa `por causa do som	Banco perto do parque	Não possui, acha propício	Não, tem assalto direto	Não possui, não conhece, não sabe	ônibus	Não
Praça Martiniano	16:39:00	Nublado	27/06/2024	JAITAN	Maiane Souza	17	MULHER	PARDO	Pitangueiras	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Arborizada, grande e estranha	Encontrar amigos, descansar, sentar e ficar	Deserta, praça estranha, só presta até cedo (sai de escola, fica na praça até anoitecer depois vai embora)	Dançar, aula de dança	O centro	Não possui, acha propício	Não, foi assaltada na praça uma vez, só fica de galera	Não tem, acha que te acessibilidade pois viu rampas na praca	ônibus ou moto	Não
Parquinho	16:56:00	Nublado	27/06/2024	JAITAN	Ana Carolina	41	MULHER	BRANCO	Sim, não tão perto	MORADIA	Às vezes	1h - 2h	Bom de ficar, insegura, ampla	Fresca, ampla	Insegurança, falta atenção da prefeitura, reforma e não melhora porque é perigoso	Andar e correr, atividade física - não faz porque não tem	Parquinho brincar com filha	Tem filha, acha que precisa de mais brinquedos (equipamentos)	Não	Não acha acessível, as rampas parecem inadequadas, muito altas	A pé, fácil acesso, quando passava ônibus era melhor	Não participa mas sabe da associação de moradores e Centro comunitário
Trailler	17:09:00	Nublado	27/06/2024	JAITAN	Adelmo	43	HOMEM	PRETO	Aracui	TRABALHO	Às vezes	1h - 2h	Diversão, tranquila e larga	Bonita, quando tem festa fica melhor, a prefeitura arruma	Pouco movimento	Trabalhar	Perto dos trailles	tem filho, acha propício	Sim	Não possui, não sabe	Á pé, fácil acesso	Não
Trailler	17:20:00	Nublado	27/06/2024	JAITAN	Jonas	58	HOMEM	BRANCO	Centro	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Lugar de festa, encontro e diversão	Passear, lazer	Falta segura, precisa colocar mais comércio na praça	Lazer	Nos banco, trailles	Tem filho, acha boa porque tem muitas crianças brincando	Não, a guarda municipal poderia ficar na praça	Não possui, acha acessível	Carro	Não
Banco Trailler	16:07:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Josafá	45	HOMEM	PARDO	Vila Praiana	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Não sabe	Nada de mais, tem bancos, arejada	Cheio de Pivete, segurança	Lazer, é deserta, não tem nada	Não fica na praça	Não possui, acha propícia	Não, quando anoitece fica perigoso	Não possui, não acha acessível	A, pá, fácil acesso	Não
Em frente a igreja	16:19:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Maria Luísa	57	MULHER	BRANCO	Sim	PASSAGEM	Sempre	2h - 4h	Grande, bonita, abandonada	Lugar bonito, espaçosa, perto de casa	Sujeira, segurança, abandono da prefeitura	Não sabe, não pratica por segurança	Perto da igreja	Possui, se estiver com os pais é propícia	Não, é o pior problema	Não possui, não é acessível, conhece	Carro, acesso fácil por carro mas de ônibus não	Já ouviu fala da associação de moradores
Frente a igreja	16:26:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Andressa	40	MULHER	BRANCO	São Cristovão	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Interessante, bonita e tranquila	Espaço amplo, arborizada, tem bancos, dar pro gasto	Meio vazia	Descansar só	Banco com sombra	Sim, acha propício	Sim, apesar de vazia às vezes	Não possui, tem rampas então acha acessível	ônibus	Não
Lado da Igreja	16:36:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Nildes	56	MULHER	PARDO	São Cristovão	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Tranquila, espaço, aconchegante	Lugar grande e tranquilo	Deserta	Atividade física, não mora no local	Nos bancos por causa da sombra	Possui, falta mais brinquedos (equipamento) para criança	Não, sozinha não	Não possui acha acessível	Ônibus	Não
Lado da igreja	16:49:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Natielly	29	MULHER	PRETO	Areia Branca	ENCONTRAR PESSOAS	Às vezes	1h - 2h	Grande, insegura e com sombra	è aberta, grande, limpa, serve para encontrar pessoas	Segurança, não sabe pois na mora no local	Festa, fica cheia	Sentada no meio e lado dos trailles	Não, é legal para criança	Não, deveria ter segurança	Não, acha acessível, não conhece	Ônibus, fácil acesso	Não
Frente do Mix	17:00:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Vanessa Oliveira	38	MULHER	PRETO	Ipitanga	TRABALHO	Às vezes	1h - 2h	Relaxar, grande, histórica	Muito boa, arborizada, bonita, bom para relaxar depois do almoço	Tem pouca gente, violência, falta segurança	Gosto quando tem festa	Qualquer lugar com sombra	Possui, podia ter mais brinquedos, ser maior o parquinho	Não, não justificou	Não possui, sim	Carro, Fácil acesso	Não
Praça Martiniano	17:09:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Carlos Braz	67	HOMEM	PRETO	Sim	MORADIA	Sempre	1h - 2h	Abandonada, espaçosa, ruim	Praça grande que vive abandonada, tem bancos	Abandonada, não tem movimento	Esporte, jogar dominó	Perto da igreja no fundo	Possui, sim	Não, Vive vazia	Não possui, não sabe	A pé	Já ouviu fala, não sabe
Pastelaria	17:21:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Arnaldo	47	HOMEM	PARDO	Ipitanga	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Elegante, sossegada, ampla	Descanso, serve pra isso	Pouca gente fica na praça	Nenhuma	Qualquer lugar	Possui, sim	Sim	Não possui, acha acessível	Carro	Não
Praça Martiniano	17:34:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Alexandra Barreto	46	MULHER	PRETO	Pitangueiras	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	descuidada, deserta , insegura	Largo, tem sombra, potencial para crescer, tem um movimento bom quando tem evento	Segurança, basta colocar segurança	Atividades culturais	Banco frente ao teatro e dentro da praça	possui, acha acessível pois tem parquinho	Não	Não possui, não acha acessível	A pé	Não
Banco Trailler	17:40:00	Ensolarado	08/07/2024	JAITAN	Diandra	32	MULHER	BRANCO	Cruz das Almas	PASSAGEM	Nunca	< 1h	Muito Legal	Tem uma construção interessante e é bonita	não sabe	Não sabe	Não sabe, apenas parou para descansar	Possui, acha boa pois tem bastante espaço	Não, pouco movimento	Não possui, não sabe	Carro, não sabe	Não
Calçada praça Matriz	09:30:00	Chuviscando	08/05/2024	MAIANE	Ana Maria	30	MULHER	PARDO	Sim	TRABALHO	Todos os dias	6h - 12h	Fraco, inseguro, abandonado.	Ligação da praça com a Igreja	Falta de manutenção e presença da sede da prefeitura .	Intervenção artistica; teatro	Lateral (ponto de trabalho)	sim	Não	Conhece	A pé	Não
beiral/rampa matriz	10:00:00	Ensolarado	08/05/2024	MAIANE	Janilson Bispo de Sousa	52	HOMEM	PRETO	sim	PASSAGEM	sempre	1h - 2h	Horrível e inseguro	Não aponta	Tudo como ruim(entrevistado entrou em discurso político polarizado)	espaço para exercício ao ar livre	apenas reclamou a falta de bancos para descanso	tem contato	Não	Conhece	carro	Não
lateral quiosque prça Martiniano Maia	15:40:00	Ensolarado	10/06/2024	MAIANE	Jorge Cevallos	42	HOMEM	PRETO	Sim, ambulante	LAZER	sempre aos finais de tarde	2h - 4h	Regular(apenas)	Igreja	Insegurança,falta de sinalização e fala de limpeza	Esporte. Gostariea e rampas de skate e quadras	Em frente a Igreja	sim	Não	Conhece	A pé	Não
Parquinho	16:47:00	Ensolarado	10/06/2024	MAIANE	Cristiane	45	MULHER	PRETO	sim	LAZER	sempre	< 1h	"falta muio a ser feito"	Ter área grande e ser central	falta de segurança	levar o filho para brincar		sim	não, acessa de forma rápida	conhece	a pé	não
Banco ao lado da escada	16:06:00	Ensolarado	21/06/2024	MAIANE	Marcos dos Santos	41	HOMEM	PRETO	sim	PASSAGEM	as vezes	< 1h	bonito espaçoso	Calmo, tarnquilo,bonito	muito assalto, falta de segurança	Esporte, não pratica porque não tem quadra	Centro da praça	sim	Não	não	a pé	não
banco ao lado do coreto	16:20:00	Nublado	21/06/2024	MAIANE	Sinha	44	MULHER	BRANCO	sim	LAZER	Sempre	2h - 4h	Não soube dizer	Bom para lazer	Falta de manutenção	Curso ao ar livre. Não faz porque não é ofertado	Não indica ("qualquer parte")	Sim. Acha ambiente bom para criança porque é um espaço grande	Sim. Não quis justificar	Não.	a pé	não
Banco ao lado do parquinho próimo a secretaria	16:24:00	Ensolarado	21/06/2024	MAIANE	Ana	70	MULHER	MORENA	SIM	LAZER	SEMPRE	1h - 2h	Local bom e bonito	Bom quando tem festa	o parquinho, justificou estar deteriorado	Atividade física. Não pratica por falta de espaço adequado.	os banquinhos	Sim. sobre ser serguro para criança a entrevistada informa que somente acomoanhado. /D. Ana estav observando o	sim, apenas de dia	Não, mas conhece. Acha dificultoso para pessoas com deficiência	a pé einformou ser de fácil acesso	não
Banco/lado direito parquinho	16:34:00	Nublado	21/06/2024	MAIANE	Luiz Antonio	51	HOMEM	PRETO	sim	TRABALHO	sempre	4h - 6h	Maravilhosa, saudavél e muito importante	Ótimo para lazer e descanso	Abandonado, tudo precisa melhorar	indicou apenas "Melhoria do parquinho para lazer infantil"	Gosta de todas as áreas arborizdas	sim	Sim	Não	a pé	Não
Banco/rampa lateral	17:10:00	Ensolarado	21/06/2024	MAIANE	Silmara	34	MULHER	PRETO	Sim	LAZER	Sempre	1h - 2h	Vergonhosa! Informa ter preferência em como a praça era antes da reforma, com quadras. muitas arvores e crincialmente	Área ampla	Fonte desativada, falta de manutenção, câmara de vereadores e falta de segurança	Retorno dos equipamentos de exercícios e quadra	Sente falta de como era a praça antes da revitalização	Sim, acha o ambiente bom para crianças porém inseguro	Não	Não, mas conhece e informa rampa em lugar errado e muita dificuldade para a pessoa com	a pé informa ser de fácil acesso e ter ponto no local	Não,mas se precisasse entraria(informa).
Banco/parquinho	17:14:00	Ensolarado	21/06/2024	MAIANE	Antonio Marcos	42	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	As vezes	1h - 2h	Abanonad,precisa de segurança.	Bonito e área grande	Falta de segurança, abandono	Gostaria que tivesse mesa para jogos. Informa não ter e sinaliza bancos quebrados.	banco perto do parque, mas sossegado	Sim, informa ser bom pelo tamanho da praça, mas sinaliza falta de segurança	Não, muitos assaltos de moto e usuários de drogas no local	Não, mas acha pouco acessível	a pé informa ter pouco transporte no local	Não
Rampa	17:26:00	Nublado	21/06/2024	MAIANE	Átila	16	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	As vezes	< 1h	não soube descrever	Local grande, bom pra jogar bola	Falta de rampa de skate , quadra pra jogar bola	Esporte (quadra, rampa skate)	centro da praça	Não tem filhos , mas acha ambiente bom para crinança por ser espaçoso	Sim, mas informa dos assaltos na região	Não possui e acha acessível	a pé, diz ser de fácil acesso	não
Banco ao lado do coreto	16:17:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Taise	19	MULHER	PARDO	Sim, Jambeiro	PASSAGEM	As vezes	< 1h	Tranquila, insegura e as vezes divertida	Época do Natal. A praça fica muito bonita.	Insegurança e que quase foi assaltada na semana anterior	Gostaria que tivesse ações sociais.	Informou que gosta de ficar onde estava(banco ao lado do coreto)	Não possui e não acha seguro	Não	Não possui, não conhece. Mas indica falta de rampa.	A pé. Acha acessível pra quem é morador e indica falta de transporte .	Não

calçada superior ao lado da igreja	16:28:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Narcisa	68	MULHER	PARDO	Sim	LAZER	Sempre, pra passear com o cachorro	1h - 2h	Terrível	informa não ter nada positivo	Abandonado. Reclama das modificações da praça, mas também informa que a anterior "não era la essas coisas também não".	Encontros e eventos culturais. Relata abandono por parte da prefeitura	Proximidades da igreja	Informa ter contato, mas não acha seguro para crianças e acha ue o jogo de futebol na praça atrapalha.	Não. Justifica que por conta das pessoas em situação de rua e assaltos.	Não. Relata não ser acessível, não ter rampa e informa que a calçada é ruim	A pé. Relata não ser acessível, falta de transporte mas por fim apontou espantada um ônibus	Não
Banco ao lado da escada	16:42:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Thalison	27	HOMEM	PRETO	Salvador/ Mussurunga	PASSAGEM	Não conhecia o local, esperando um amigo	< 1h	não informa	Achou amplo , porem "deserto"	Muito deserto, poucos bancos	Nao soube responder	não soube dizer	Não possui, achou a praça vazia, informou não ter visto o parquinho " escondido"	Não , não conhece local	Não . Achou difícil para pessoas poradoras de deficiencia e idosos	carro	não
Calçada em ferte a loja Casa do axé	16:50:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Roberto	56	HOMEM	PRETO	Sim , afirmou morar na praça	MORADIA	Sempre	1h - 2h	Muito degradado	Bom para encontros, espaço amplo	Degradação, abandonado	Gostaria de ocupar mais . Falta segurança	Parte central da praça	Possui filhos, não acha a praça segura	Não, por falta de segurança	Não possui, mas conhece . Acha a pouco acessível.	A pé. Não acha de fácil acesso e afirmou não ter linhas	Não
Martiniano Maia (banco de frete ao caldo de cana	17:01:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Ernesto	65	HOMEM	BRANCO	Sim	LAZER	informa não ficar na praça,apenas passa por ela	< 1h	perigoso e abandonado	Não quis opinar (apenas negativas)	Insegura e sem utilidade por causa do sol	Descanso , não frequenta por conta do sol e insegurnça	Não gosta da praça. Apenas da praça onde esta	Tem contato. Não é seguro , muitos assaltos	Não	Não possui, conhece e não acha acessível	a pé , informa não ter transporte, tem que andar muito	Não
Banco/ calçada Martiniano Maia	17:12:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Maria	67	MULHER	BRANCO	sim	PASSAGEM	Não frequenta muito , apenas	< 1h	Abandonado	A igreja	Abandonado, inseguro, informa não ter banco e sombra	Caminhada, descanso, reclama retirada de	Informa que a uns anos atras eram bo	Tem contato e não acha seguro por ser vazio	Não, informa ser vazia	não possui , informa ser difícil por	A pé , informa que prefeitura tin	não
Em frente a Baby fashion	17:19:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Nathalia	23	MULHER	PARDO	sim	LAZER	As vezes	1h - 2h	Espaçosa e bonita quando tem festa	Enfatiza o tamanho e beleza	Inseguro	Goataria que tivesse mais segurança . apresentação musical, shows	Centro da praça, perto da igreja	Não possui e acha propicio por espaço ser grande para crianças brincarem	Não , por ter muito assalto	Não possui e não acha acessível/falta de rampa	A pé , acha de fácil acesso mas indica falta de ônibus	Não
Banco lateral /quiosque Martiniano M,	17:28:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Claudia	38	MULHER	PARDO	Sim	PASSAGEM	As vezes	< 1h	Degradado e inseguro	Parte arborizada e Igreja	Abandono por parte da prefeitura e parquinho pequeno e quebrado	Frequentar com a filha após a escola e atividades físicas. Não tem meios de praticar , falta de equipamentos e	Não informa	Possui, acha propicio pelo tamanho , mas sinaliza insegurança, pouco brinquedos e abandono. Preferência pelo parquinho da	Não, por assaltos constantes	Não possui, informa ter uma rampa porém dificuldade pelo fato da pessoa ter que fazer uma	A pé , acha de fácil acesso mas informa retirada de ônibus	Não
Martiniano maia/feirinha	17:40:00	Ensolarado	08/07/2024	MAIANE	Maria de Lourdes	69	MULHER	BRANCO	Sim	PASSAGEM	As vezes	< 1h	Péssimo e perigoso	"Não tem ponto positivo"	Insegurança	Exercícios	Aponta igreja como parte que mais gosta	Sim tem contato e não acha seguro	Não , por insegurança e falta de policiamento	Não possui, acha pouco acessível	A pé , não tem transporte	não
Pastelaria da Jojo	09:30:00	Chuviscando	08/05/2024	LARA	Jorgeane	37	MULHER	PARDO	Sim	TRABALHO	Sempre	4h - 6h	Tristeza, Largada, Reformada	A vegetação, plantada também pelos moradores								
No palco da praça	09:40:00	Ensolarado	08/05/2024	LARA	Leandro	15	HOMEM	BRANCO	Não	PASSAGEM	Quase nunca	1h - 2h	Mal cuidada, feia	A fonte, mas atualmente não tem água	Brinquedos quebrados, não tem bancos e precisa de mais lazer	Esporte, academia, dança e capoeira	O palco porque é o mais arrumado e é coberto	Não. Não acha propício pois os equipamentos estão quebrados	Não	Não possui, mas acha que faltam rampas de apoio	A pé. O acesso é fácil pois é fácil de identificar	
Banco da praça	09:58:00	Ensolarado	08/05/2024	LARA	Moisés	17	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	Sempre	1h - 2h	Legal, relaxante e largada	Espaço, calmo e silencioso	Poação, sem água (só tem 2 torneiras)	Esporte (jogar bola)	Palco e centro (jogar bola)	Não. Sim é propício para crianças.	Não, assalto frequente	Não. Ruim de acesso pois possui poucas rampas	A pé. Fácil acesso.	
Passeio esquerdo da rua	09:25:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Pedro	22	HOMEM	PRETO	Não	PASSAGEM	Quase nunca	< 1h	Epaçosa, Moderna e Aconchegante	a praça tem bastante espaço e é arborizada	Não é bem iluminada, baixa manutenção	Participar de festas e praticar esportes	O palco, porque é coberto e daria para conversar por um tempo	Não	Não	Não	De ônibus	Não
Num banco da praça	09:30:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Ícaro	24	HOMEM	PARDO	Não	ENCONTRAR PESSOAS	Toda sexta	1h - 2h	Vazia, Ensolarada e Tediosa	A Praça é um bom lugar para eventos	Pouco arborizada, falta de mobiliário urbano, mal iluminada, as entradas não chamam atenção e poderia ter mais rampas	Ir a eventos e praticar esporte	Nos bancos sombreados	Não	Não	Não	De ônibus	Não
No palco da praça	09:36:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Pedro	16	HOMEM	PARDO	Sim	ESTUDO	Às vezes	1h - 2h	Seca, calma e perigosa	Ficou mais arrumada com a reforma	Assalto e pouca atração	Atividades de lazer, tipo jogos de tabuleiro e lugar para leitura	No palco pois é sombreado	Não. Não acha propício.	Não pois não há policiamento	Não possui e não sabe dizer se é acessível	A pé, não tem ponto de ônibus na praça	Não
Banco próximo a igreja	09:43:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Bruna	36	MULHER	PRETO	Não, Itinga	PASSAGEM	Às vezes	2h - 4h	Deserta, espaçosa, morta	A praça s´presta quando tem evento	Muito pobre e sem estrutura	Paricipar de eventos como feiras de arte, produtos naturais, artesanatos...	Os bancos da praça enquanto peço um uber pra casa.	Sim, o ambiente é propício pois é espaçoso, mas falta o que fazer pois meu filo tem 14 anos e ele não vai achar interessante	Não	Não. Acha a praça acessível pois é ampla		Não
Escada da praça	09:47:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Jade	24	MULHER	BRANCO	Não, mora em Vilas do Atlântico	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Perigo, calor, grande	Muitos bancos e piso novo	Além de não ter segurança, a praça é foco de uso de drogas	Gostaria de se sentir segura para pasar um tempo sentada na praça	O comércio ao redor	Não, considera propício pois é espaçosa mas não é seguro.	Não, porque tem assaltos frequentes.	Não	Carro, não sabe dizer porque só vê a praça de carro	Não
No estacionamento	09:53:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Flávio	47	HOMEM	BRANCO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Calor, vazia e insegura	A praça é tranquila e silenciosa	Falta de segurança e o que fazer na praça, porque a reforma não considerou o aproveitamento do espaço.	Não tem vontade de ir ou praticar nenhuma atividade na praça pois não tem atrativos para sua idade	Chafariz	Sim. Não porque não tem muito o que fazer	Não, a insegurança estpa maior e nãotem guarda na sala	Não. A praça tem muitas escadas e só uma rampa.	Carro, de carro é tranquilo de chegar	Não
No estacionamento	10:02:00	Nublado	18/06/2024	LARA	André	53	HOMEM	PARDO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Vermelho, vazia e abandonada	O tamanho da praça, a vegetação e arborização	Falta de sombreamento adequado e falta de manutenção	Atividade física, jogar drama ou xadrez e comprar frutas e alimentos	Nos bancos proximo ao parque infantil	Sim. Não acha propício pois os brinquedos estão quebrados e não há muito o que fazer na praça	Não, pois por estar sempre pouco movimentada e sem guarda, a praça se torna	A pé, não passa linhas de onibus nos redores da praça	Não	Não
Prox ao pergolado	10:36:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Cida	63	MULHER	PARDO	Sim	PASSAGEM	Sempre	1h - 2h	Clara, bonita, grande	A igreja	A insegurança	Atividade física em academia de praça e caminhadas	A igreja e o chafariz	Sim. É espaçoso e bom para gastar energia	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu mesmo sem policiamento	Não possui. Mas pontuou sobre o excesso de escdas.	A pé. Sim.	Sim. Organização de arrecadação de alimentos da igreia.
Banco Pergolado	10:42:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Roberto	22	HOMEM	PARDO	Não, vida nova.	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Longe, grande e nova	O tamanho e a tranquilidade	As coisas quebradas, os moradores de rua e pessoas criminosas	Descanso, leitura e alimentação	Nos bancos	Não possui. A depender da idade da criança, a praça pode ser entediante...	Não, não tem policiamento nenhum.	Não possui. Acha acessível	De ônibus. Não pois precisa pegar ônibus e andar.	Não
Prox ao pergolado	10:54:00	Nublado	18/06/2024	LARA	José	52	HOMEM	PARDO	Sim	PASSAGEM	Sempre	4h - 6h	Organizada, limpa e moderna	A organização	Não ter segurança	Nada	Nos bancos	Sim. Acha propício mas acha entediante	Não. everia ter câmeras de vigilância até pra saber quem vandaliza o local		Não possui. Não acha acessível	Sim, associação de condomínio
Próximo ao pergolado	10:59:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Carlos	31	HOMEM	PRETO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Moderna, vazia e perigosa	Espaço e vegetação	Falta de estrutura e segurança	Atividades comerciais	Nos bancos ou no palco	Não possui. Acha a praça insegura para crianças pois não tem cercado	Não. Falta policiamento	Não possui. acha acessível.	Carro	Não
Prox a Loja Axé	11:06:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Leo	34	HOMEM	BRANCO	Sim	TRABALHO	Sempre	2h - 4h	Nova, vazia e precisando de melhorias	A praça é recém reformada, então é mais conservada	Deveria ter mesas para jogar e ter mais lixeiras e pontos de doações	Atividade física e eventos	O chafariz	Não possui, mas acha a praça muito vazia para levar crianças	Não, infelizmente rola muita droga e assalto	Não	A pé	Não
No passeio do outro lado da rua	11:12:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Flora	54	MULHER	BRANCO	Sim	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Clara, ampla e colorida	É próximo da casa em que mora e é colorida	Precisa de mais cuidado da prefeitura	Yoga, aula de dança	Só gosta de caminhar na praça	Sim, não acha propício pois não tem muito o que fazer	Indiferente, pois nada nunca a aconteceu	Não possui. Acha acessível	A pé	Não
Vendinha na praça Martiniano Maia	11:31:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Marcos	26	HOMEM	PARDO	Sim	TRABALHO	Sempre	4h - 6h	Barulho, fruta e comércio	Está sempre movimentado e tem bastante variedade de comércio	É um pouco suja e desorganizada	Decanso, não tem muitos bancos em pontos silenciosos	Todos, mas principalmente a área em que ficam os foodtrucks	Não possui.	Sim. Por ser bem movimentada, dificilmente tem roubo	Não possui.	A pé	Não
Sentada no banco da árvore	11:37:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Maria	29	MULHER	PRETO	Sim	TRABALHO	Sempre	4h - 6h	Poluído, sujo e barulheto	Comércio, é bem variado	A falta de organização	Atividades lúdicas, fofocar etc	No banco em baixo da árvore porque tem sombra	Não possui.	Não	Não possui	A pé e de ônibus.	Não
Praça Martiniano Maia	11:43:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Meire	17	MULHER	PARDO	Não, vida nova.	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Barulho, diversidade insegura	Fácil de chegra, comércio	Engarrafado, bagunçado	Atividade física, não pratica porque nao tem equipamento	A parte dos quiosques	Não possui.	Não, acha que a violência está muita	Não possui	ônibus. sim.	Não
	11:47:00	Nublado	18/06/2024	LARA	Márcio	55	HOMEM	BRANCO	Sim	TRABALHO	Às vezes	2h - 4h	Abandonado, útil e cheio	Os bancos das árvores, os foodtrucks	A sujeira	Andar de bicicleta	O comércio em geral	Possui. Não pois é muito movimentado	Indiferente	Não possui	A pé	Não
Banco próximo a entrada da direita	10:39:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Vânia	39	MULHER	PARDO	Sim	MORADIA	Sempre	1h - 2h	Verde, calor, perigo	Perto de casa, é uma praça bonita e arrumadinha	O perigo e os usuários de drogas	Encontrar amigos em eventos, comer. Não gosta de ficar na praça pois está sempre deserta	O chafariz	Não. Não possui muitos brinquedos interativos para crianças	Não	Não possui	A pé	Não
Próximo ao palco	10:46:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Alfredo	67	HOMEM	PARDO	Não, em Itinga	PASSAGEM	Nunca	< 1h	Drogas, desmalzelo, chata	É grande	É um lugar mal frequentado	Somente passagem	Nenhum	Possui. Não tem vontade de trazer crianças para um lugar perigoso	Não	Não possui	A pé	Não
No banco próximo a uma das entradas	10:41:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Julia	23	MULHER	BRANCO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	< 1h	Árida, sem graça, grande	É nova e ampla, está numa boa localização	Perigo e mal cuidado	Participar de feiras culturais	As árvores	Tem contato. Acha a praça muito simples para trazer os irmãos mais novos para brincar	Não. Por conta das drogas, tem muitas pessoas mal intencionadas	Não possui. Falta rampas.	Carro. Não sabe dizer.	Não
No banco próximo a igreja	10:52:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Joana	24	MULHER	PARDO	Sim	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Quente, vazio e mal cuidado	Acha a praça bonita e gosta das plantas	Precisa fazer manutenção dos equipamentos	Atividades de plantio e eventos culturais	Nada em específico, só as plantas	Tem contato. Acha a praça espaçosa mas não tem segurança	Não. Porque acontece assalto frequente.	Conhece. Acha inacessível pois todos as entradas tem escadas	A pé	Não
Próximo ao chafariz	10:22:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	João	37	HOMEM	PRETO	Sim	LAZER	Sempre	1h - 2h	Amplitude, mal aproveitado, perigoso	Tranquilidade e espaço livre	Mal cuidado, tem muito usuário de drogas e as vezes é perigoso	Ginástica, atividades físicas, lutas, eventos	Gosta de caminhar na praça	Não possui. Acha a praça sem atrativos para crianças	Não. Não tem grade.	Não possui. Acha a praça acessível	A pé	Não
	10:35:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Jessé	56	HOMEM	BRANCO	Não, vida nova.	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Silenciosa, perigosa e ensolarada	Tranquilidade por estar sempre vazia	Perigo por ter tráfico no local	Atividade física e eventos religiosos	Nas sombras e nos bancos	Tem contato. Acha a praça pouco sombreada para crianças brincarem	Não, por conta das drogas e violência	Não possui. Acha a praça acessível.	De ônibus e de carro, mas de ônibus é ruim de chegar	Não
Na calçada	10:10:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Antony	28	HOMEM	BRANCO	Sim	TRABALHO	Às vezes	1h - 2h	Quente, inseguro e entediante	Espaço	Falta de arborização adequada, falta de um cercado e falta de uma boa acessibilidade e falta de atrativos	Esportes de quadra de areia e jogos de tabu	A calçada pois ele só usa a praça de passagem	Tem contato. Não pois falta entretenimento e segurança	Não, falta segurança local e falta cercado	Não possui. Não.	De carro. É ruim para ônibus.	Não
	10:00:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Carine	29	MULHER	PARDO	Não, Pituba.	PASSAGEM	Às vezes	1h - 2h	Quente, antiga e arborizada	Arborizado, espaço infantil	Falta de acesso, mal planejado, bancos sem sombra	Caminhadas, descanso	Usa a praça somente para passagem	Tem contato. Sim, mas somente c/ a reforma do parque mais sombreamento	Não. A violência em lauro é complicada	Conhece. Não considera de fácil acesso.	Carro e ônibus	Não
Quiosques da praça martiniano		Ensolarado	07/07/2024	LARA	Mateus	12	HOMEM	PARDO	Sim	LAZER	Às vezes	1h - 2h	Velha, movimento e amizade	Perto de casa, é um lugar familiar para mim e é onde os amigos brincam	É muito movimentado e não possui muito espaço para brincar	Batalha de rima, jogos de tabuleiro	Final da praça onde não tem comércio, somente os bancos e vegetação	Não possui. Depende do dia	Sim	Não possui.	A pé	Não
Praça Martiniano, barraca de frutas	10:56:00	Ensolarado	07/07/2024	LARA	Carla	35	MULHER	PARDO	Não, itinga	TRABALHO	Sempre	2h - 4h	Trabalho, zoada e vendas	O espaço, a localização, a variedade de comércio e os bancos sombreados	A bagunça e barulho do dia a dia	Atividades de lazer, como assistir a uma apresentação artística ou musical	Os banquinhos e quiosques	Possui. Não pois é uma praça mais focada em comércio e por isso não tem atrativos para uma criança	Indiferente. Nunca aconteceu nada.	Não possui.	ônibus. Ruim de acesso.	Não